

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC**  
**CENTRO DE ARTES – CEART**  
**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROF-ARTES**

**CAROLINE HELENA ZIMMERMANN CARDOSO**

**CRIATIVIDADE: CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES DE ARTE DA REDE  
MUNICIPAL DE JOINVILLE**

**FLORIANÓPOLIS**

**2023**

**CAROLINE HELENA ZIMMERMANN CARDOSO**

**CRIATIVIDADE: CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES DE ARTE DA REDE  
MUNICIPAL DE JOINVILLE**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES), da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientadora: Profa. Dra. Giovana Bianca Darolt Hillesheim.

**FLORIANÓPOLIS**

**2023**

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da  
Biblioteca Central/UEDESC,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Cardoso, Caroline Helena Zimmerman  
Criatividade : Concepções dos professores de arte da  
rede  
municipal de Joinville / Caroline Helena Zimmerman Cardoso.  
-- 2023.  
144 p.

Orientadora: Giovanna Bianca Darolt Hillesheim  
Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de  
Santa Catarina, Centro de Artes, Design e Moda, Programa  
de Pós-Graduação Profissional em Artes, Florianópolis, 2023.

1. Concepção de criatividade dos professores de Arte. 2.  
Ensino de arte e a criatividade. 3. Pedagogia histórico-crítica .  
4. Ensino de arte. I. Hillesheim, Giovanna Bianca Darolt. II.  
Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes,  
Design e Moda, Programa de Pós-Graduação Profissional em  
Artes. III. Título.

**CAROLINE HELENA ZIMMERMANN CARDOSO**

**CRIATIVIDADE: CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES DE ARTE DA REDE  
MUNICIPAL DE JOINVILLE**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES), da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes.

**BANCA EXAMINADORA:**

Orientadora: \_\_\_\_\_

Profa Dra Giovana Bianca Darolt Hillesheim/Prof-Artes (Udesc/IFSC)

Membro externo: \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Maria Claudia da Silva Saccomani (UAC/UFSCAR)

Membro interno: \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Priscila Anversa (Udesc)

Florianópolis, 28 de fevereiro de 2023

Dedico esta pesquisa à minha família, André, Henrique e Daniel, e aos professores de Arte da rede municipal de ensino de Joinville.

## **AGRADECIMENTOS**

Para chegar a esse momento, precisei do apoio de muitas pessoas. Dessa maneira, gostaria de prestar homenagem e sinceros agradecimentos:

Em primeiro lugar, ao meu marido, André, por seu suporte diário para que eu pudesse me dedicar aos estudos.

Aos meus filhos, Henrique e Daniel, por sua paciência em ver a mamãe estudando tantas e tantas horas por dia e não reclamar (muito).

À minha professora orientadora, Giovana Bianca Darolt Hillesheim, por ser um exemplo de disciplina, estudo e dedicação.

Às minhas companheiras de batalha, Janaína e Gabriela, por dar o suporte nos momentos de crise e dicas valiosas durante todo o processo de estudos.

À minha irmã, Juliana, pois sempre acredita em mim e tem paciência de escutar as minhas ideias.

Ao meu pai, por ser uma estrela brilhante que me ilumina e dá forças quando acho que não vou mais conseguir.

À minha mãe, por ter me dado a vida.

Ao meu irmão, Paulo, por discutir os temas relevantes da sociedade comigo, embora tenhamos opiniões diametralmente contrárias.

Às minhas afilhadas maravilhosas, Laís e Letícia, por serem fonte de amor e carinho em minha vida.

À sapequinha Alícia, pequeno raio de sol em nossa família, que me ajudou a esquecer das responsabilidades e me divertir um pouco.

À minha cunhada, Cleide, por me apresentar ao mundo dos dorama, que ajudaram demais o meu cérebro a desacelerar das inúmeras demandas.

À minha querida amiga, Sandra Felício Roldão, por ser um exemplo no qual sempre me inspirei para seguir meu objetivo.

Agradeço à FATESP.

Enfim, agradeço a todos que de alguma maneira contribuíram para o meu desenvolvimento nos últimos dois anos, seja auxiliando ou apenas torcendo para que eu alcançasse meus objetivos.

## RESUMO

A presente pesquisa, elaborada no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES), da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), teve como objetivo investigar as concepções de criatividade que permeiam o fazer pedagógico dos professores de arte das escolas municipais de Joinville – SC, no ano de 2022. Para isso, foi realizado um questionário online com doze professoras de Arte da rede municipal de ensino para investigar quais as concepções de criatividade que alicerçam suas respectivas ações e reflexões pedagógicas e quais características uma atividade precisa ter para ser conceituada como desenvolvedora da criatividade, na concepção delas. Com os resultados dessa pesquisa foi realizada uma análise das respostas, com base nos aportes teóricos da pedagogia histórico-crítica, buscando um contraponto com as pedagogias hegemônicas, vinculadas ao construtivismo. A partir da análise dos dados empíricos, tendo o materialismo histórico-dialético como concepção filosófica e metodológica da pesquisa, as respostas das participantes foram divididas em três categorias: criatividade como inovação e flexibilidade, criatividade como expressão e dom individual e criatividade como construção sociocultural. Constatamos, dessa maneira, a coexistência controversa de concepções entre as professoras de Arte da rede municipal de ensino de Joinville, que participaram da pesquisa, acerca do objeto da pesquisa.

**Palavras-chave:** Concepção de criatividade dos professores de Arte; ensino de arte e a criatividade; pedagogia histórico-crítica e ensino de arte.

## **ABSTRACT**

This research, carried out in the Professional Master's Program in Arts (PROF-ARTES) at the State University of Santa Catarina (UDESC), aimed to investigate the conceptions of creativity that permeate the pedagogical work of art teachers at municipal schools in Joinville – SC in the year 2022. For this, an online questionnaire was carried out with twelve art teachers from the municipal teaching network to investigate which conceptions of creativity underlie their respective actions and pedagogical reflections, if they consider themselves creative and what characteristics a activity needs to be conceptualized, in their conception, in order to develop creativity. With the results of this research, an analysis of the answers was carried out based on the theoretical contributions of historical-critical pedagogy, seeking a counterpoint with the hegemonic pedagogies. Based on the analysis of the empirical data, the participants' responses were divided into three categories: creativity as innovation and flexibility, creativity as expression and individual gift, and creativity as a socio-cultural construction. It was verified, therefore, that there is no epistemological cohesion among art teachers in the municipal teaching network of Joinville.

**Keywords:** Art teachers' conception of creativity; art teaching and creativity; Critical historical-pedagogy and art teaching.

## RESUMEN

La presente investigación, realizada en el Programa de Maestría Profesional en Artes (PROF-ARTES) de la Universidad Estadual de Santa Catarina (UDESC), tuvo como objetivo investigar las concepciones de creatividad que impregnan el trabajo pedagógico de los profesores de arte de las escuelas municipales de Joinville – SC en el año 2022. Para ello se realizó un cuestionario en línea con doce docentes de Arte de la red educativa municipal para indagar qué concepciones de la creatividad subyacen en sus respectivas acciones y reflexiones pedagógicas, si se consideran creativos y qué características necesita una actividad para ser conceptualizada, desde su concepción, como desarrolladora de la creatividad. Con los resultados de esta investigación se realizó un análisis de las respuestas a partir de los aportes teóricos de la pedagogía histórico-crítica, buscando un contrapunto con las pedagogías hegemónicas. Con base en el análisis de los datos empíricos, las respuestas de los participantes se dividieron en tres categorías: creatividad como innovación y flexibilidad, creatividad como expresión y don individual, y creatividad como construcción sociocultural. Se verificó, por tanto, que no existe cohesión epistemológica entre los docentes de arte de la red municipal de enseñanza de Joinville.

**Keywords:** Concepción de la creatividad de los profesores de arte; enseñanza del arte y creatividad; Histórico-pedagogía crítica y didáctica del arte.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Idade das participantes .....	61
Gráfico 2 – Formação inicial das participantes .....	62
Gráfico 3 – Instituições de ensino cursadas pelas participantes .....	62
Gráfico 4 – Área de atuação das participantes .....	63
Gráfico 5 – Carga horária semanal das participantes .....	63
Gráfico 6 – Respostas da questão objetiva .....	72

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Respostas da Professora 1 .....	74
Tabela 2 –	Respostas da Professora 2 .....	77
Tabela 3 –	Respostas da Professora 3 .....	80
Tabela 4 –	Respostas da Professora 4 .....	83
Tabela 5 –	Respostas da Professora 5 .....	86
Tabela 6 –	Respostas da Professora 6 .....	88
Tabela 7 –	Respostas da Professora 7 .....	94
Tabela 8 –	Respostas da Professora 8 .....	97
Tabela 9 –	Respostas da Professora 9 .....	99
Tabela 10 –	Respostas da Professora 10 .....	102
Tabela 11 –	Respostas da Professora 11 .....	105
Tabela 12 –	Respostas da Professora 12 .....	109

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figuras 1 e 2 – Prints de tela com dados do planejamento trimestral referente a uma turma de 1º ano do ensino fundamental 1 .. 58

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.I.E.	Escola como Aparelho Ideológico do Estado
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
EVN	Escola Via Net
FURJ	Fundação Educacional da Região de Joinville
PCN+	Parâmetros Curriculares Nacionais
LDF 94/96	Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
UNIASSELVI	Centro Universitário Leonardo da Vinci
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UNIVILLE	Universidade da Região de Joinville

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>1</b>	<b>ATIVIDADE CRIADORA .....</b>	<b>23</b>
1.1	O DESENVOLVIMENTO DA CRIATIVIDADE NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL .....	23
1.2	A ATIVIDADE CRIADORA NA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA	35
1.2.1	A CRIATIVIDADE NAS PEDAGOGIAS HEGEMÔNICAS .....	42
1.2.2.	O ENSINO DE ARTE NO BRASIL E A CRIATIVIDADE .....	50
<b>2</b>	<b>O LOCUS ESCOLHIDO E O CONTEXTO GERAL DA DISCIPLINA DE ARTE NA REDE MUNICIPAL DE JOINVILLE .....</b>	<b>57</b>
2.1	DESCRIÇÃO DA APLICAÇÃO DA PESQUISA E PÚBLICO PARTICIPANTE.....	59
2.2	TABULAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA .....	64
<b>3</b>	<b>ANÁLISE DE DADOS SEGUNDO O MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO .....</b>	<b>113</b>
3.1	CATEGORIAS DE ANÁLISE DOS RESULTADOS .....	114
3.1.1	CRIATIVIDADE COMO INOVAÇÃO E FLEXIBILIDADE .....	116
3.1.2	CRIATIVIDADE COMO EXPRESSÃO E DOM INDIVIDUAL .....	122
3.1.3	CRIATIVIDADE COMO CONSTRUÇÃO SÓCIO-CULTURAL .....	128
3.2	COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS EM RELAÇÃO ÀS PEDAGOGIAS ABORDADAS .....	129
3.3	TODO O RESTO EM CASA .....	132
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>137</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>140</b>
	<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO .....</b>	<b>143</b>

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação foi desenvolvida no Programa de Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES), destinado aos professores da rede pública. A coleta de dados foi realizada com professores efetivos e contratados da rede municipal de ensino de Joinville-SC, e teve como objeto pesquisar as concepções que tais professores têm sobre criatividade no contexto educacional. O trabalho se trata de uma análise no âmbito do ensino de arte, contudo, a análise é situada dentro das artes visuais, por ser esta a formação inicial da pesquisadora.

A principal questão desta pesquisa é: quais concepções de criatividade permeiam o fazer pedagógico dos professores da rede municipal de Joinville? Para respondê-la, fundamentamo-nos na pedagogia histórico-crítica, cujo principal idealizador foi Dermeval Saviani; também nos autores que se vinculam à mesma perspectiva teórica para pensar a educação escolar, como Saccomani (2014), Galvão, Lavoura e Martins (2019); ainda, nos conceitos da psicologia histórico-cultural, da Escola<sup>1</sup> de Vigotski,<sup>2</sup> realizando o contraposto com teorias hegemônicas de concepção da criatividade, categorizadas por Duarte (2011) como pedagogias do “aprender a aprender”.

O objeto de estudo desta pesquisa trata de um tema que produz inquietações à pesquisadora desde a finalização da graduação inicial, em Artes Visuais, e o ingresso como professora de Arte<sup>3</sup> na escola regular, inicialmente na rede estadual de ensino, como professora contratada, e depois disso, com o ingresso na rede municipal através do concurso público.

É importante salientar que no curso de licenciatura em Artes Visuais, realizado no período de quatro anos, a pesquisadora teve contato com vários construtos teóricos relativos ao ensino de arte, havendo um destaque especial na Abordagem Triangular, de Ana Mae Barbosa (2021), sendo que esse tipo de metodologia era francamente incentivado pelos professores da graduação, no período do estágio curricular supervisionado. Por muitos anos, essa foi a abordagem metodológica utilizada no planejamento anual da professora pesquisadora, aplicando as referências

---

<sup>1</sup> Escola de Vigotski, de acordo com Duarte (1996) tem como referência a obra como um todo de Vigotski e também o enorme conjunto de trabalhos elaborados por nomes como Leontiev, Luria, Galperin, Elkonin, Davidov, Zaporózhets, e outros integrantes da Psicologia Histórico-Cultural.

<sup>2</sup> O nome do psicólogo soviético pode ser encontrado em diferentes grafias, como Vigotski, Vygotsky, Vygotski ou Vigotskii. Nessa dissertação, optamos por adotar a grafia Vigotski, exceto quando referenciarmos uma obra com outra grafia, utilizaremos a forma presente na edição utilizada.

<sup>3</sup> Convém esclarecer a utilização do termo Arte/arte ao longo do trabalho. Arte com inicial maiúscula refere-se à disciplina curricular e arte com letra inicial minúscula refere-se à área de conhecimento.

do tripé – fruição, fazer artístico e conteúdo – na maioria de seus planos de ensino.

Dentro deste contexto, a principal preocupação, no período inicial da docência, foi referente à utilização dos desenhos estereotipados nas produções dos estudantes, como por exemplo a árvore com um balão em cima representando as folhas; a flor, sempre da mesma cor e formato; a casa, naquele modelo em que é vista de frente e de lado ao mesmo tempo, entre outros. Assim, com projetos envolvendo estímulos sensoriais variados e canções infantis diversas, a pesquisadora buscava ampliar o repertório imagético de produções criativas dos alunos, sem, no entanto, ter o conhecimento científico que embasasse tal encaminhamento.

Mais adiante em sua trajetória, novamente a pesquisadora questionou-se sobre a utilização de uma única obra de arte no planejamento e abordagem pedagógica em sala de aula. Dessa maneira, outra vez de modo intuitivo, sem o devido embasamento teórico que sustentasse o encaminhamento, buscou diversificar as obras, oportunizando aos estudantes o contato com um número variado de trabalhos de um único artista. Tais procedimentos, realizados de maneira instintiva, formaram uma inquietação que não mais poderia ser sustentada por métodos heterogêneos de ensino de arte.

Inicialmente, a proposta de projeto de pesquisa tinha o foco em como os estudantes externalizam a criatividade e como esta se manifestava, ou não, em seus trabalhos em artes. Seria a continuidade da pesquisa que vinha sendo desenvolvida de modo empírico pela pesquisadora, com o intuito de levar os alunos a refletir sobre suas produções através da ampliação do seu repertório. No entanto, em determinado momento, após o início dos estudos na pós-graduação, aconteceu a “virada de chave”, quando a pesquisadora percebeu que simplesmente investigar o processo criativo das crianças não seria o suficiente, pois ele é fruto, em uma parte considerável das vezes, das experiências apresentadas pela escola e pelos professores de Arte, em específico.

De tal maneira, após dezesseis anos de convívio direto com docentes em diversas escolas, foi possível à pesquisadora notar que a palavra criatividade tinha uma associação com práticas artísticas diferentes das comumente utilizadas nas demais disciplinas curriculares, com materiais inusitados, porém pouco se refletia sobre os conteúdos artísticos e filosóficos por trás delas. Dessa maneira, surgiram os questionamentos: qual o papel que esses professores atribuem ao fazer criativo em seu planejamento pedagógico? O que eles entendem por criatividade e como pensam

que se dá o pensamento criativo de seus alunos?

A pergunta chave de todo o estudo seria: qual a finalidade no desenvolvimento dessa criatividade no contexto escolar? Trata-se de desenvolver o pensamento crítico dos estudantes para refletir sobre a sociedade atual e antever possibilidades de mudança, visando modificar situações de injustiça, ou a criatividade para se adequar aos desmandos do pensamento capitalista que induz a um comportamento potencialmente mais lucrativo? Seria a criatividade um instrumento para a revolução ou para a adaptação?

É primordial refletir que é através da educação e da aquisição dos conceitos e conteúdos que os seres humanos desenvolvem seu pensamento e raciocínio, tornando-se realmente seres humanos, aptos a conviver em sociedade, e mais, com condições de compreender essa sociedade para então intervir e modificar aquilo que precisa ser modificado.

Sobre isso, Saviani (2019, p. 5) afirma que:

A educação escolar é o meio mais adequado para a apropriação, pelos trabalhadores, das conquistas históricas da humanidade que lhes aguçarão a consciência da necessidade de intervir praticamente para dar continuidade ao processo histórico conduzindo-o a um novo patamar.

No entanto, o que percebemos é que o desmantelamento que a educação vem sofrendo não condiz com esse preceito, há, inclusive, um movimento inverso por parte do Estado, que através das políticas públicas vêm esvaziando os currículos escolares, como é o caso da BNCC,<sup>4</sup> também os de formação de professores.<sup>5</sup>

Sobre isso, Duarte (2020, p. 731) alega que “uma sociedade que não se esforça para permitir uma boa escolarização de todas as pessoas é geradora de obscurantismo”. Ele ainda afirma que a recusa à instrução pode ser consequência de atitudes obscurantistas ou de experiências educacionais anteriores mal sucedidas e frustrantes. Podemos perceber que a situação da educação brasileira não é fruto de um mero acaso, mas sim algo premeditadamente elaborado para não permitir que a classe trabalhadora tenha acesso aos recursos que lhes permitam compreender a realidade em que vivem para então modificar as situações de injustiça.

Os professores se encontram inseridos nesse contexto de políticas públicas

---

<sup>4</sup> A **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

<sup>5</sup> Sobre o tema da formação de professores na América Latina, ler Araújo (2020).

que, com o passar do tempo tem realizado retrocessos no que se refere ao ensino de arte, veículos de informação com veracidade duvidosa, além da indústria cultural<sup>6</sup>, que está dominando o pensamento e influenciando as relações humanas e de trabalho no mundo em todos os níveis. Podemos salientar, assim, que o fazer pedagógico dos professores sofre influências diretas e indiretas das políticas públicas da educação, desde a formação inicial e especializações, aos cursos de extensão, materiais de pesquisa, formação continuada, mídias etc.

Outra questão é o modo como o capitalismo tem se apropriado do conceito de criatividade com objetivos cada vez mais voltados à adaptabilidade do modo de produção em questão, com a busca de alternativas ditas criativas para problemas sociais e estruturais como o desemprego, por exemplo, com a tão disseminada ideia do empreendedorismo e da uberização.

De acordo com Saccomani (2014, p. 170):

(...) a sociedade capitalista não deixa de ser criativa. Contudo, essa criatividade está ligada à reprodução da lógica do capital, ou seja, as pessoas desenvolvem sua criatividade de modo a adaptar-se às necessidades do capital. A máxima criatividade, que seria lutar por um projeto de sociedade que supere o capitalismo, é totalmente refreada.

A criatividade que é disseminada dentro da sociedade atual tem o cunho majoritariamente neoliberal, com interesses escusos para a classe trabalhadora, utilizando-se de artifícios dos mais variados para promover a completa adaptação das pessoas ao modo de produção que visa ao lucro e ao acúmulo de capital e sua consequente alienação<sup>7</sup> da realidade que as cercam.

Sabemos que em uma sociedade dividida em classes, como é o caso da sociedade capitalista, as condições de acesso ao conhecimento não são iguais, pelo contrário, são desiguais e injustas. Essa realidade, porém, é mascarada e disfarçada através de divulgação de pedagogias inovadoras, acesso a metodologias ativas e

---

<sup>6</sup> A expressão Indústria Cultural, criada por Teodor W. Adorno e Horkheimer (1997) é fruto da expansão lógica do capitalismo, criando o caráter fetichista da realidade e reificador (coisificador) do homem. A reificação é o processo de transformação das relações e ações humanas em seres semelhantes a coisas. Seu poder provém da capacidade de identificação e criação de necessidades supérfluas na sociedade e prescrevendo a reação dos consumidores. Sustenta-se assim o princípio liberal da competência individualista: tudo pode ser vendido e comprado mas o foco da produção é sempre a acumulação do capital em detrimento da dimensão qualitativa do que é produzido.

<sup>7</sup> De acordo com Marx (1964, p. 160), “a alienação do trabalhador no seu produto significa não só que o trabalho se transforma em objeto, assume uma existência externa, mas que existe independentemente, fora dele e a ele estranho, e se torna um poder autônomo em oposição com ele; que a vida que deu ao objeto se torna uma força hostil e antagônica.”

diferenciadas, ficando nebuloso à população das camadas populares que essas mesmas metodologias apregoam o esvaziamento cada vez maior do currículo escolar no que tange aos conteúdos clássicos<sup>8</sup>.

Diante dessa situação, emergiu a problemática: analisar quais as concepções de criatividade que pautam o fazer pedagógico dos professores de arte do município de Joinville se torna sobremaneira importante, levando em consideração que os professores têm um papel imprescindível na sociedade, conforme Neves (2013) salientou, pois os professores, cerca de dois milhões, formam o maior grupo de intelectuais orgânicos<sup>9</sup> da cultura estabelecida; seja de manutenção e aceitação do *status quo* das coisas, ou de emancipação humana e luta por uma sociedade mais igualitária.

Há, no senso comum, uma ideia aceita como verdadeira que a criatividade e a imaginação são elementos característicos da infância, havendo inclusive a perpetuação de expressões como “crianças são mais criativas”, ou então “a imaginação na infância é mais fértil do que na vida adulta”. Quando se aplica aos adultos, geralmente se afirma que apenas alguns escolhidos por um ser sobrenatural ou aqueles que possuem um “dom” seriam agraciados pela imaginação e criatividade.

No contexto escolar, tal conceito é muitas vezes tido como verdadeiro, sendo que em diversas ocasiões a pesquisadora se confrontou com colegas de profissão que afirmavam ser importante “deixar as crianças mais livres para criar” ou então “deixar a criatividade deles aflorar”, sendo que essas expressões não eram apenas ditas por profissionais de outras disciplinas, mas da própria disciplina de Arte.

Esse “afloramento” da criatividade é um desdobramento dos conceitos de desenvolvimento humano defendidos por Piaget<sup>10</sup>, precursor da teoria da

---

<sup>8</sup> Saviani (2012, p. 13) define clássico como aquele conteúdo que “não se confunde com o tradicional e também não se opõe, necessariamente, ao moderno e muito menos ao atual. O clássico é aquilo que se firmou como fundamental, a como essencial” e mais diante na obra retoma a definição como “aquilo que resistiu ao tempo, logo sua validade extrapola o momento em que foi proposto” (idem, permanência e referência (Saviani; Duarte, 2010) p 87), ou seja, está relacionado as noções de , o qual será retomado posteriormente. (apud SUN, 2020, p.31)

<sup>9</sup> O termo “intelectuais orgânicos” foi criado por Antônio Gramsci e, segundo Martins (2011, p. 135), “advém da análise concreta da gênese e do desenvolvimento da dinâmica de funcionamento da formação econômica e social italiana no contexto europeu, suas contradições, seus limites e suas possibilidades. E é justamente por isso que ele pode servir como parâmetro epistemológico aos que pretendem compreender a função dos intelectuais na hodierna realidade brasileira e, ao mesmo tempo, como um guia à ação sociopolítica e educativo-cultural.”

<sup>10</sup> PIAGET, de acordo com Becker (2009) constrói uma nova ciência, que denominou Epistemologia Genética. PIAGET vai mostrar como o homem, logo que nasce, apesar de trazer uma fascinante bagagem hereditária que remonta a milhões de anos de evolução, não consegue emitir a mais simples operação de pensamento ou o mais elementar ato simbólico. Vai mostrar ainda que o meio social, por

epistemologia genética, que as crianças são criativas naturalmente e que as interferências dos adultos podem “podar” tal criatividade. Porém, de acordo com Vigotski (2018), a atividade criadora não existe de modo isolado no comportamento humano, mas depende de outras formas de atividade, especialmente do acúmulo de experiência. Assim, convém ressaltar que como as crianças possuem um acúmulo de experiência muitas vezes inferior aos adultos, a sua capacidade criadora tende a ser também inferior.

Diante disso, é importante destacar as características do *locus* selecionado para a realização da pesquisa sendo que escolha da cidade de Joinville se deu por dois fatores principais: o primeiro, é em função da pesquisadora fazer parte do corpo docente da rede municipal, desde o ano de 2010; e o segundo, é pelo critério quantitativo, levando em consideração que a cidade possui oitenta e seis escolas de ensino fundamental e conta com cento e cinco professores de arte, conforme informação de Joelma da Costa, coordenadora de apoio ao gabinete da Secretaria da Educação de Joinville.<sup>11</sup>

Sendo assim, o intuito dessa pesquisa foi conhecer as concepções de criatividade que movem o trabalho pedagógico dos professores da rede municipal de Joinville por meio da aplicação de um questionário com dez perguntas abertas e uma fechada a um grupo de doze professoras da rede municipal de ensino. O número de participantes foi determinado pela adesão voluntária das professoras em responder o questionário de pesquisa. O questionário foi aplicado de modo online, com participação voluntária, sendo que doze professoras preencheram as perguntas.

Compreendemos que somente as respostas de um questionário não são suficientes para esgotar o assunto, porém, elas permitem evidenciar como a realidade está posta para aquele grupo específico. Vale acrescentar, também, que o tempo destinado à conclusão do mestrado profissional exige recortes, assim, os conceitos elaborados podem vir a ser aprofundados em futuras pesquisas, como no doutorado. As respostas foram coletadas e analisadas à luz da pedagogia histórico-crítica e da psicologia histórico-cultural, ambas alicerçadas no materialismo histórico-dialético, contrapondo-se às concepções construtivistas de aquisição do conhecimento,

---

mais que sintetize milhares de anos de civilização, não consegue ensinar a esse recém-nascido o mais elementar conhecimento objetivo. Isto é, o sujeito humano é um projeto a ser construído; o objeto é, também, um projeto a ser construído. Sujeito e objeto não têm existência prévia, a priori: eles se constituem mutuamente, na interação. Essa teoria foi a base para a criação do construtivismo.

<sup>11</sup> Informação recebida via e-mail, no dia 30 de agosto de 2021.

vinculadas ao discurso hegemônico do “aprender a aprender”, conforme nomeou Duarte (2011, p. 1).

É importante ressaltar que para compreender o viés que os professores de arte da rede municipal de Joinville têm acerca dos conceitos de criatividade e como se utilizam destes pressupostos em seu fazer pedagógico, é necessário levar em consideração o caráter dialético do materialismo sócio-histórico, que permite olhar para a realidade como ente movente, uma vez que o fenômeno não se “congela” para que o pesquisador o analise. Enquanto a pesquisa ocorre, mudanças acontecem. O resultado da pesquisa é sempre temporal e historicamente situado, fruto das condições materiais possíveis no momento da coleta de dados.

De modo geral, a dissertação ficou dividida em três capítulos principais. No primeiro capítulo, intitulado Atividade Criadora<sup>12</sup>, no qual se discute os conceitos de atividade criadora, partindo do arcabouço teórico da psicologia histórico-cultural do desenvolvimento humano e da pedagogia histórico-crítica, lançando o contraponto das pedagogias hegemônicas. Os principais autores dessa sessão são: Vigotski (2018), Saccomani (2014), Martins (2020) e Duarte (2011). Também nesse capítulo há uma análise sobre o ensino de arte no Brasil, a partir do olhar dos teóricos Silva e Araújo (2007).

No segundo capítulo, cujo título é Lócus escolhido e o contexto geral da disciplina de Arte na rede municipal de Joinville, há a apresentação do local escolhido para a aplicação da pesquisa, assim como a descrição da aplicação da pesquisa e tabulação dos resultados obtidos.

No terceiro capítulo, cujo título é Análise de dados segundo o materialismo histórico-dialético, o objetivo principal deste capítulo é realizar a análise dos dados, de acordo com os conceitos do materialismo histórico-dialético e da psicologia histórico-cultural. Dessa maneira, inicialmente, os resultados foram divididos em três categorias: criatividade como inovação e flexibilidade; em seguida, criatividade como expressão e dom individual; e, por fim, criatividade como construção sociocultural. O aporte teórico principal desse capítulo é Duarte (2011), Hillesheim (2019), Vigotski (2018), Saccomani (2014) e Fernandes (2016).

Nas considerações finais, foi possível observar que há uma variedade de concepções acerca de criatividade por parte das professoras participantes da

---

<sup>12</sup> De acordo com Vigotski (2018), atividade criadora é aquela em que se cria algo novo. Dessa maneira, a expressão atividade criadora se dá como sinônimo de criatividade no decorrer desta dissertação.

pesquisa, havendo contradições importantes em basicamente todos os discursos. É importante destacar que tal conclusão se baseia nas respostas fornecidas pelas participantes no momento da análise, o que também se trata de uma abstração, levando em consideração o caráter efêmero e temporal da pesquisa científica, não sendo possível que haja respostas exatas a um questionamento que envolve características subjetivas como é o caso da criatividade.

## 1 ATIVIDADE CRIADORA

No presente capítulo, buscamos fundamentar os conceitos de atividade criadora, partindo do arcabouço teórico da psicologia histórico-cultural do desenvolvimento humano e da pedagogia histórico-crítica, lançando o contraponto das pedagogias hegemônicas.

Dessa maneira, na primeira seção, será desenvolvido o tema da criatividade e a psicologia histórico-cultural, salientando como o psiquismo humano se desenvolve e de que maneira a criatividade é apresentada nesse viés psicológico, destacando o pensamento de Lev Vigotski sobre a criatividade.

Em seguida, é apresentada a pedagogia histórico-crítica como uma abordagem pedagógica de cunho marxista, que se embasa psicologicamente nos preceitos da psicologia histórico-cultural, destacando-se de que maneira a criatividade é apresentada dentro desta concepção. É necessário aqui abordar também o tema da criatividade nas pedagogias hegemônicas e como este conceito está diretamente relacionado à sociedade capitalista contemporânea.

Na última seção apresentada neste capítulo é levantada a discussão do ensino de arte na pedagogia histórico-crítica e nas pedagogias hegemônicas, trazendo um breve histórico de como a arte se constituiu como disciplina curricular no Brasil e algumas das várias etapas do seu ensino ao longo dessa trajetória.

Dessa maneira, no decorrer dos próximos capítulos, o objetivo é abordar alguns dos pontos principais que amparam esta pesquisa ao investigar o viés epistemológico dos professores de Arte na rede municipal de ensino de Joinville-SC.

### 1.1 O DESENVOLVIMENTO DA CRIATIVIDADE NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

*A arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo como o todo: reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e ideias.*<sup>13</sup>

A psicologia histórico-cultural teve como principal representante Lev Semenovitch Vigotski (1896-1934), é conhecida como uma das principais referências

---

<sup>13</sup> Fischer, 1959, p. 13.

para o desenvolvimento da psicologia sobre as bases do materialismo histórico-dialético e a base psicológica da pedagogia histórico-crítica. De acordo com Abrantes e Martins (2008, p. 91), “a premissa fundante desta teoria é a tese segundo a qual os determinantes do desenvolvimento psíquico se encontram na cultura historicamente constituída”.

Dessa maneira, é primordial compreender a cultura como a construção humana que perpassa uma geração à outra através da transmissão dos conhecimentos construídos historicamente pelos seres humanos por meio do trabalho e das objetivações. De acordo com Martins (2013), a base da psicologia histórico-cultural está no reconhecimento que os homens não nascem humanos, mas estabelecem a humanização como produto histórico-social, do ponto de vista filogenético e ontogenético. Diante disso, é possível afirmar que o trabalho é o determinante na diferenciação do homem e o restante dos animais.

Dentro desse contexto, é importante destacar o conceito de arte na teoria marxista, que é base filosófica da psicologia histórico-cultural, para então destacar o papel da criatividade e imaginação nessa perspectiva. Schühli (2011, p. 55) realiza o estudo da dimensão formativa da arte no processo de constituição da individualidade para-si, trazendo contribuições sobre o conceito de arte dentro da teoria marxista. Dessa maneira, ele afirma que:

De acordo com a teorização marxista, a arte se desenvolve como esfera específica da consciência social e da atividade humana a partir do trabalho, atividade fundante da esfera ontológica social e que levou ao desenvolvimento também dos sentimentos e necessidades estéticas do homem. Essa concepção materialista da essência e das necessidades espirituais humanas opõe-se diametralmente à interpretação idealista da arte, segundo a qual ela seria produto e expressão do “espírito absoluto”, da revelação divina, ou de ideias e vivências subscientes do artista.

Em outras palavras, a arte, vista no ponto de vista do marxismo, é produzida a partir do conceito de trabalho, que parte do princípio que o homem realiza transformações na natureza para atender necessidades sociais, cada vez mais elaboradas. Com isso, é possível afirmar que “a transformação da realidade pela atividade humana configura-se como o primeiro evento criativo” (SACCOMANI, 2014, p. 48).

Sobre isso, Martins (2013, p. 132) afirma que “na condição de produto histórico e por decorrência das rupturas com os determinantes naturais, ocorre o salto qualitativo que transforma a atividade vital humana em atividade produtora de

objetivações”. Assim, o psiquismo humano supera o curso determinado pela formação biológica nessa complexificação, gerando um curso histórico-social que passa a ser produzido pelo próprio homem.

Ao contrário do que é disseminado nas teorias naturalizantes do desenvolvimento do psiquismo humano, a psicologia histórico-cultural defende que não há uma evolução natural, que ocorre indiferentemente da cultura, mas sim o seu oposto, isto é, que os determinantes culturais serão o ponto chave no desenvolvimento psíquico das crianças, assim como a qualidade dos signos<sup>14</sup> em questão serão fator da qualidade desse desenvolvimento.

Martins (2008, p. 3) defende o psiquismo como unidade matéria e ideia – o aparato biológico e as ideias. Ela afirma a dupla materialidade do psiquismo. Dessa maneira, o psiquismo está relacionado ao mundo objetivo, sendo o reflexo da realidade transposta para a subjetividade. Em outras palavras, o psiquismo humano é a materialização idealizada do mundo objetivo, e ao mesmo tempo que o reflete, também interfere nele através do trabalho e das objetivações. E é exatamente nessas objetivações que entra o trabalho escolar, ao fornecer, através dos conteúdos sistematizados, o material simbólico necessário para que os alunos desenvolvam o seu psiquismo.

Ao colocar o signo no centro do processo psíquico, Vigotski encontrou a chave para compreender o ser humano como um ser construído social e historicamente, sendo que o indivíduo terá maior desenvolvimento na medida em que for apresentado a signos de qualidade. Levando em consideração que as operações com signos estão na base da consciência humana, é possível afirmar que o psiquismo surge no processo de relacionamento do ser humano com a realidade objetiva. (ABRANTES, MARTINS, 2008).

Em outras palavras, quando o indivíduo recebe acesso a conhecimentos históricos, filosóficos e artísticos que foram construídos pela humanidade, há um salto evolutivo, não no sentido naturalizante, mas sim de modo qualitativo em função do material simbólico recebido e internalizado. Dessa maneira, é imprescindível o trabalho educativo com conceitos que ajudem o indivíduo a perceber a realidade em que se encontra, em suas múltiplas determinações.

---

<sup>14</sup> Segundo Martins (2020, p. 15), ao introduzir o conceito de signo, o autor (Vigotski) postulou que o ato especificamente humano apresenta-se na qualidade de ato instrumental, uma vez que entre a resposta da pessoa e o estímulo do ambiente interpõe-se o novo elemento designado signo.

Segundo Abrantes e Martins (2008), Vigotski (1984) desenvolveu o conceito de atividade coletiva (ou social) a partir da qual deriva a atividade individual. Dessa forma, ainda segundo os autores, Vigotski estabeleceu a unidade entre a atividade externa das pessoas, que chamou de processos intersíquicos, e a atividade interna, que seriam os processos intrapsíquicos. O movimento dinâmico no qual os processos intersíquicos progridem para intrapsíquicos, o autor denominou de internalização. Dessa forma, Abrantes e Martins (2008, p. 91-92) esclarecem:

A internalização ocorre por meio da apropriação de signos que são, segundo este autor, os portadores reais da cultura humana. São eles os mediadores semióticos das relações dos homens com o mundo físico e social, bem como os constituintes do desenvolvimento psíquico. Eles permitem ao ser humano criar modelos mentais dos objetos, da realidade, e atuar com eles e a partir deles, no planejamento e coordenação da própria atividade.

Esse processo de internalização está ligado à realidade objetiva, sendo esta o principal material para que a atividade intrapsíquica se efetive no sujeito. Sobre o conceito de realidade, Martins (2013, p. 10), afirma que “a realidade existe independentemente da consciência dos homens, mas não depende de sua capacidade para nela intervirem”. Dessa maneira, ainda segundo a autora, “a representação subjetiva da mesma, em sua materialidade, historicidade e essencialidade, é o que compreendemos como conhecimento objetivo” (MARTINS, 2013, p. 10). Assim, o psiquismo se desenvolve dentro desse contexto material e histórico, sendo de crucial importância a apropriação dessa realidade objetiva para o completo desenvolvimento do ser humano.

Portanto, a posse, por parte de cada indivíduo particular, dos atributos humanos, no que se incluem as plenas possibilidades do pensamento, é processo socialmente dependente. Para isso ocorrer, contudo, demanda que forças objetivas operem a esse favor. Tal como postulado pela pedagogia histórico-crítica, operar nessa direção é a função precípua da educação escolar, a quem compete a tarefa de ensinar, isto é, de promover a socialização dos conhecimentos representativos das máximas conquistas científicas e culturais da humanidade, por meio da prática pedagógica, tornando a realidade inteligível (MARTINS, 2013, p. 11).

Tornar a realidade inteligível, embora colocado no excerto acima como a principal tarefa da educação escolar, não é o que presenciamos no cotidiano escolar, ao se observar os marcos regulatórios oficiais, metodologias e discursos que chegam na escola, a cada dia esvaziando-a da sua maior riqueza, que é o conhecimento científico, e preenchendo com valores subjetivos, metas para serem cumpridas em

simulados, entre outras coisas que diminuem o tempo e a qualidade do ensino dos conteúdos emancipadores.

Abrantes e Martins explicam de forma clara que por meio da atividade social os seres humanos se relacionam com a realidade objetiva, tendo em vista, principalmente, satisfazer as suas necessidades; sendo que, é justamente para melhor captar e dominar a realidade que os processos mentais se tornam necessários e se intrincam cada vez mais. “Por esta via os processos mentais se complexificam dando origem ao que Vigotski denominou de funções psicológicas superiores ou processos mentais superiores” (ABRANTES, MARTINS, 2008, p. 93).

Complementando o raciocínio, Martins (2013, p. 132), referindo-se a Vigotski, acrescenta:

Ao analisar o papel dos signos, o autor afirmou a existência de modos qualitativamente distintos de funcionamento psíquico. Um modo, advindo de condições biológicas, naturais; e outro, produzido em condições sociais de vida e de educação. Às funções psíquicas consubstanciadas no primeiro modo, adjetivou como funções psíquicas elementares, primitivas e, às funções instituintes do segundo modo como funções psíquicas superiores. As primeiras, decorrentes do processo de evolução e comuns aos homens e aos animais superiores; as segundas, produtos da evolução histórica e especificamente humanas, ou seja, conquistas do desenvolvimento do ser social.

Após estas considerações sobre as funções psicológicas superiores, podemos afirmar que o desenvolvimento psíquico dos seres humanos acontece no processo de apropriação dos conhecimentos historicamente elaborados pelo gênero humano. Dessa maneira, é possível afirmar que para que haja desenvolvimento é necessário que haja aprendizagem de conteúdos concretos e sistematizados que expressam a atualidade dos problemas colocados pela sociedade e revelam a realidade.

Vale ressaltar, porém, que esse processo de desenvolvimento do psiquismo não se dá de maneira espontânea, mas no contexto de contradições, como clarifica Martins (2013), ao afirmar que se trata de um processo que disponibiliza os meios, as “ferramentas psíquicas” para o desenvolvimento dos comportamentos complexos representativos do autodomínio da conduta requerido à vida social.

É nesse processo dinâmico de entrelaçamento do cultural e do biológico, através das contradições entre ambos e da socialização dos produtos do trabalho imaterial, isto é, do trabalho de decodificação abstrata da realidade concreta, que a educação escolar se revela como um processo que possibilita a apropriação dos

conhecimentos historicamente sistematizados que virão a contribuir para o enriquecimento do universo de significações constitutivas da consciência das pessoas.

Segundo Martins (2013, p. 10), “a atividade cognoscitiva demanda o registro e armazenamento das objetivações históricas e ao mesmo tempo a comunicação entre os homens, pelas quais se realizam as apropriações de tais objetivações” (MARTINS, 2013, p. 10). Dessa maneira, ela vai se edificar mediante condições histórico-sociais de transmissão, ou seja, o ensino sistematizado.

Novamente, acontece o entrelaçamento entre o ensino sistematizado de conteúdos ricos em contradições que permitam a percepção da realidade e o desenvolvimento do psiquismo em suas condições mais elevadas, ou seja, o pensamento por conceitos.

Sobre isso, Martins (2013) destaca que a construção do conhecimento objetivo carrega consigo outras exigências, dentre as quais se destaca o desenvolvimento do pensamento por conceitos. Apenas por sua mediação a realidade será captada em sua gênese e desenvolvimento, ou seja, como síntese de múltiplas determinações.

Sem o desenvolvimento do pensamento por conceitos, os seres humanos não chegarão à verdadeira captação da realidade objetiva, de forma que cabe à educação escolar garantir as condições para o desenvolvimento da consciência transformadora nos indivíduos, ferramenta esta indispensável para que não existam simplesmente sob imediata ação do meio, mas sim, como sujeitos da história e construtores da realidade.

No entanto, esse objetivo não é alcançado apenas nos limites de saberes cotidianos em detrimento dos conhecimentos clássicos. Dessa maneira, cabe à escola ensinar aquilo que grande parcela da população não aprenderá fora dela: o conhecimento historicamente sistematizado pela humanidade. Martins (2013, p. 12) afirma que “apenas por esta via poderá promover a justa socialização dos produtos do trabalho intelectual dos homens e a conquista, por cada indivíduo particular, das possibilidades cognitivo-afetivas neles objetivadas”.

Dessa forma, é possível perceber a relação dialética entre ensino sistematizado de conteúdos historicamente construídos pelo gênero humano e o desenvolvimento da psique até etapas de pensamento mais elaboradas, o pensamento por conceitos. Outrossim, podemos afirmar que o pensamento teórico busca penetrar nas relações

internas do material factual que toma como objeto, abarcando aspectos que não podem ser observados na existência do presente observável.

Ainda sobre o pensamento teórico, Abrantes e Martins (2008, p. 99) afirmam que o mesmo:

Não desconsidera as contradições que se apresentam no presente e busca correlações mentais com o passado do fenômeno que nele se expressa, vislumbrando e projetando as tendências de movimento do fenômeno, ou seja, vincula-se com o futuro a partir das possibilidades concretas com que se depara.

Embora o pensamento por conceitos seja a superação do pensamento por complexos, ele não o nega ou subtrai, mas sim desenvolve-se através da superação por incorporação dele, aliado ao poder dos signos disponibilizados, que estão nos conteúdos sistematizados, devidamente disponibilizados através do ensino.

Martins (2013, p. 209) afirma que:

O pensamento teórico e o conhecimento dele derivado abarcam aspectos que não são observáveis na existência do presente imediato, apreendendo o fenômeno no complexo sistema de relações que o sustentam. Visando reproduzir o processo de formação e desenvolvimento do dado tomado como objeto do pensamento, opera necessariamente por meio de conceitos. O pensamento teórico, por incorporar o pensamento empírico, possibilita a apreensão da identidade do fenômeno, daquilo que ele é. Contudo, seu objetivo reside na identificação de como chegou a sê-lo e como poderá ser outra coisa. Sendo assim, consiste a base real da verdadeira imaginação e dos atos criativos (MARTINS, 2013, p. 209).

Com essa afirmação, podemos compreender o vínculo entre a imaginação criativa e o pensamento teórico. Apenas através deste que existe a criatividade, propriamente dita, sendo esta um reflexo das objetivações adquiridas ao longo da experiência de vida, experiências estas que necessitam ser apresentadas de modo sistemático, através do ensino, como já discutido anteriormente, para serem desenvolvidoras da imaginação criativa.

Abrantes e Martins (2008, p. 100) destacam que o indivíduo desenvolvido precisa conhecer a realidade em que está inserido, “identificar as tendências de movimento desta realidade e da sua própria realidade, para direcionar sua atividade no mundo em direção às forças humanizadoras da sociedade”. Fica claro que não é qualquer pensamento que pode cumprir essa tarefa, apenas o pensamento por

conceitos, ou seja, o pensamento teórico, sendo ele capaz de reproduzir o objeto idealizado e o sistema de relações expressando sua universalidade.

Porém, para que o indivíduo alcance esse nível de pensamento, considerado o mais evoluído e o único capaz de permitir aos seres humanos conhecer a realidade para então criar, Martins (2011, p. 3), baseando-se no pensamento de Luria, esclarece que o psiquismo humano é um sistema interfuncional complexo, composto pelas funções: sensação, percepção, atenção, memória, linguagem, pensamento, imaginação, emoção e sentimento.<sup>15</sup>

O psiquismo humano é composto de todos esses elementos, que se complementam durante as atividades realizadas, sendo praticamente impossível destacar o papel primordial de um em relação ao outro, mas sim, uma sincronicidade que permite ao todo psíquico se desenvolver.

De acordo com Saviani (2019, p. 8), “devemos tomar o aporte da psicologia histórico-cultural que indica como referência para a identificação do conteúdo e forma do desenvolvimento do ensino a atividade-guia<sup>16</sup> própria de cada período da vida dos indivíduos”. Esse conceito de atividade-guia<sup>17</sup> afirma que o desenvolvimento do psiquismo é guiado por determinadas atividades que, quando devidamente estimuladas, contribuem para o desenvolvimento do indivíduo.

O conceito de atividade-guia, segundo Petrovski (1985, p.142-143 apud Martins (org), 2020, p. 45) é:

(...) forma de relação viva através da qual se estabelece um vínculo real entre a pessoa e o mundo que a rodeia. Por meio da atividade o indivíduo atua sobre a natureza, sobre as coisas e sobre as pessoas. Na atividade, o indivíduo desenvolve e realiza suas propriedades internas, intervém como sujeito em relação às coisas e como personalidade em relação às pessoas. Por seu turno, ao experimentar as influências recíprocas, descobre assim as propriedades verdadeiras, objetivas e essenciais das pessoas, das coisas, da natureza e da sociedade.

É importante destacar que atividade-guia, de acordo com Leontiev (2012b, p. 65, apud SACCOMANI, 2014, p. 78), não é aquela em que a criança passa a maior

---

<sup>15</sup> Não está no alcance da atual pesquisa dissertar detalhadamente sobre todos os elementos que compõem o psiquismo humano. Para maiores aprofundamentos, recomendamos a leitura de Martins (2011).

<sup>16</sup> Prestes (2010, p. 163) considera que a tradução mais adequada seria “atividade-guia”, mas esse termo também pode ser encontrado em outras traduções como atividade dominante ou atividade principal.

<sup>17</sup> Foge aos objetivos deste estudo elaborar os conceitos de atividade-guia, sendo sugerida a dissertação de Pasqualini (2006) para maiores aprofundamentos sobre o tema.

parte do seu tempo, mas sim a atividade que, de maneira mais decisiva, promove o desenvolvimento psíquico e, portanto, é a “[...] a atividade cujo desenvolvimento governa as mudanças mais importantes nos processos psíquicos e nos traços psicológicos da personalidade da criança em um certo estágio de seu desenvolvimento”.

Ao percebermos as etapas que o psiquismo possui, através do conceito de atividade-guia, fica evidenciado que o ensino é de primordial importância em qualquer estágio do desenvolvimento. Compreende-se que há desenvolvimento psíquico em todas os períodos do desenvolvimento humano, o que se modifica de um período para o outro são as atividades-guia.

Dessa maneira, é importante salientar o tema da atividade-guia intitulada jogo de papéis, característica na idade pré-escolar, que frequentemente é vista como “um mergulho no mundo da imaginação infantil”, sendo usada como repertório para justificar o quanto as crianças são criativas por sua essência. Esse é o período em que ocorre a substituição de um objeto por outro, onde acontece o início da capacidade de abstração da criança.

Saccomani (2014, p.77) afirma que:

É bastante difundida a ideia de que a brincadeira afasta a criança do mundo real. Tratar-se-ia de um universo paralelo: o tão propagado mundo da imaginação. Em contrapartida, os estudiosos da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica compreendem a brincadeira como a atividade na qual a criança amplia e enriquece o seu domínio sobre o mundo do qual faz parte e não uma atividade na qual a criança se afasta da realidade.

Assim, podemos afirmar que a atividade dos jogos de papéis vem a ser o pontapé inicial da imaginação que vai culminar apenas na adolescência, como fruto das objetivações adquiridas até então que permitam a elaboração do psiquismo para o nível do pensamento por conceitos. Assim, ao compreender a atividade dos jogos de papéis como uma releitura que a criança realiza da própria realidade objetiva da qual faz parte, é possível afirmar que esta atividade fala muito mais sobre a imitação do real do que sobre criação e imaginação, embora a imaginação esteja presente. A criança não ‘vai para outro mundo’, não se afasta da realidade ao realizar o jogo de papéis, pois ela brinca com objetos aos quais ela conhece a função, porém atribui a eles outro significado (por exemplo, uma colher se transforma em um telefone).

Cada etapa da periodização do desenvolvimento humano deve ser trabalhada com a sua especificidade, porém, sempre em busca de propiciar os elementos necessários para que os estudantes possam ter seu psiquismo desenvolvido e preparado para a próxima atividade-guia, até que, finalmente, ao chegar na idade de transição, que é a adolescência, consigam alcançar o pensamento por conceitos, que é o mais adequado para a compreensão da realidade em suas múltiplas determinações e o único onde a verdadeira criação é possível.

Vigotski (2018) afirma que a atividade criadora humana é aquela em que se cria algo novo, seja um objeto do mundo externo ou um pensamento. Vale ressaltar que o termo atividade, utilizado pelo autor, tem raízes mais profundas, especificamente no materialismo histórico-dialético de Marx, que o define como uma atividade especificamente humana e conscientemente orientada.

Ao mesmo tempo que nomeia a atividade criadora como o ato de se produzir algo novo, Vigotski (2018) divide esse tipo de atividade em duas: a reprodutiva ou reconstituidora, que ele ressalta estar intimamente ligada à memória; e a atividade criadora ou combinatória, que categoriza toda atividade humana que tem como resultado a criação de novas imagens e ações através da combinação e reelaboração das experiências anteriores.

Essas categorias, apesar de distintas, nos permitem afirmar, que para Vigotski, toda atividade criadora tem vínculo direto com as experiências vivenciadas pelo sujeito que cria, seja direta ou indiretamente. Logo, assume-se que quanto mais ricas e estimulantes forem essas experiências, mais repertório para a criação o ser humano terá.

Vigotski coloca a imaginação como a base de toda atividade criadora. O senso comum traz alguns conceitos que são amplamente aceitos sobre atividade criadora ser um dom nato que apenas alguns poucos escolhidos por uma força maior teriam, ou então, que resultem em obras geniais. Porém, é possível perceber, que para Vigotski, as coisas não se dão dessa maneira, especialmente conforme excerto abaixo:

Nesse sentido, necessariamente, tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia (VIGOTSKI, 2014, p. 16).

O autor traz exemplos de como essa ideia que vincula atividade criadora

humana a aptidões inatas está equivocada, deixando em evidência que toda criação humana é fruto da imaginação, e que essa imaginação não surgiu do nada, mas se baseia nos fatos cotidianos que a constituem, sendo, dessa maneira, composta por várias ideias, símbolos e imagens construídas culturalmente e historicamente, fazendo parte do repertório psíquico elaborado ao longo da vida das pessoas.

Dessa maneira, Vigotski (2014) afirma que a lei mais importante que subordina a atividade da imaginação depende da diversidade das experiências anteriores. Assim, quanto mais rica for a experiência da pessoa, mais material ela terá disponível para a imaginação.

Vale ressaltar que as concepções teóricas de Vigotski foram embasadas no materialismo histórico-dialético, de maneira que seus conceitos de imaginação e atividade criadora tem uma base comum, que é o trabalho como categoria de importância central, que segundo Fischer (1987, apud LEITÃO, 2019), se configura como meio pelo qual o homem foi posto na natureza em transformação prática, gerando necessidades que o levaram a um enriquecimento, diversificação e transformação de sua própria natureza.

Sem a compreensão do arcabouço que fundamenta a teoria vigotskiana, é possível que aconteçam distorções que podem levar a uma leitura equivocada dessa teoria, conforme salienta Duarte (2011) ao dizer que certas pedagogias hegemônicas vinculadas ao lema “aprender a aprender” tentam secundarizar a importância do marxismo para a psicologia de Vigotski.

Ainda sobre a experiência como repertório para a imaginação e consequente atividade criadora, Vigotski afirma que essa experiência não precisa estar limitada aos círculos de convívio da pessoa, mas pode ir além deles através da apropriação da experiência histórica e social alheias. Essa situação ocorre diariamente, seja através de contato com noticiários e material de cultura de massa ou com conteúdos mais elaborados, como leitura dos clássicos, obras de arte e outros meios de conhecimento.

Aqui podemos destacar o papel primordial da escola como mediadora do conteúdo historicamente construído pela humanidade, seja de cunho artístico, científico, filosófico para o enriquecimento do repertório dos estudantes.

Em seu estudo sobre os conceitos de Vigotski, Hillesheim (2015, p. 275) salienta que:

Toda ideia se apoia em um desejo; as imagens arquivadas através da

experiência não se combinam aleatoriamente como nos sonhos ou delírios insensatos. Esta combinação obedece a uma lógica interna entre o próprio mundo e o mundo exterior. Para que a atividade criadora se concretize há uma larga história atrás de si.

Dessa maneira, Vigotski enfatiza que o conhecimento técnico e das tradições é fator ontológico para a imaginação, mas nada disso adianta se não existirem condições materiais e psicológicas para efetivação da criação. Sobre isso, o autor afirma:

Qualquer inventor, mesmo um gênio, é sempre um fruto de seu tempo e de seu meio. Sua criação surge de necessidades que foram criadas antes dele e, igualmente, apoia-se em possibilidades que existem além dele. Eis porque percebemos uma coerência rigorosa no desenvolvimento histórico da técnica e da ciência (VIGOTSKI, 2014, p. 44).

Seguindo essa linha de raciocínio proposta por Vigotski no excerto acima, é possível perceber que qualquer invenção humana é resultado de pequenas invenções anteriores, sendo as grandes criações científicas, artísticas e filosóficas uma grande “colcha de retalhos” de saberes construídos por diversas outras pessoas, até culminar na invenção propriamente dita.

De modo geral, podemos resumir o ciclo da atividade criadora em Vigotski (2014) em cinco etapas principais: a experiência, que é a fonte principal para a imaginação, seja ela reprodutiva ou combinatória<sup>18</sup>; em seguida, a necessidade ou interesse, que precisam estar presentes para que se crie algo; em terceiro vem a capacidade combinatória, item de grande importância para a atividade criadora ser efetivada; o quarto item são os modelos, resumidos por Vigotski como tradição e, por fim, as condições sociológicas para a efetivação da criação.

Segundo Hillesheim (2015, p. 275),

Por isso a escola é tão importante no desenvolvimento do potencial criativo de uma criança. Tendo em vista a carga horária que a criança permanece no espaço escolar, torna-se evidente que a qualidade das experiências ali proporcionadas será fundamental para que a imaginação possa atuar de forma peculiar e instigante.

---

<sup>18</sup> De acordo com Vigotski (2018, p. 13), “um tipo de atividade pode se denominar de reconstituído ou reprodutivo. Está intimamente ligado à memória; sua essência consiste em reproduzir ou repetir meios de conduta anteriormente criados e elaborados ou ressuscitar marcas de impressões precedentes.” Já relacionado à atividade reprodutiva combinatória, o autor (idem, p. 15) afirma que: “além da atividade reprodutiva, é fácil notar no comportamento humano outro gênero de atividade, mais precisamente a combinatória ou criadora. (...) Toda atividade do homem que temo como resultado a criação de novas imagens ou ações, e não a reprodução de impressões ou ações anteriores da sua experiência, pertence a esse segundo gênero de comportamento criador ou combinatório.”

Diante dessas considerações, é importante salientar que, ao contrário do senso comum que alega que a imaginação das crianças é mais rica do que a dos adultos, Vigotski (2014) afirma o contrário, pois o nível de experiência acumulada das crianças tende a ser inferior a dos adultos. Isso se justifica ainda, segundo o autor, pelo fato de que para a criança a fantasia ainda não está amadurecida, de modo que ela confia mais nos objetos da sua imaginação e os controla menos.

Dentro do contexto educacional, é importante que os professores, em geral, e os de arte, em específico, se atentem a essas questões, compreendendo o papel de grande importância do direcionamento profissional para contribuir para o amadurecimento da imaginação criadora dos estudantes, pois, como afirmou Vigotski (2014), “a criação de uma personalidade criadora, projetada para o futuro, é preparada pela imaginação que está encarnada no presente” (VIGOTSKI, 2014, p.122).

Na próxima seção, abordaremos alguns conceitos vinculando a criatividade na pedagogia histórico-crítica, que tem seu aporte teórico na psicologia histórico-cultural e no materialismo histórico-dialético.

## 1.2 ATIVIDADE CRIADORA NA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

*Verifica-se, pois, que a aprendizagem é um processo dinâmico e necessariamente mediado, cujo fator propulsor assenta-se nas apropriações efetivadas pelo sujeito que aprende.<sup>19</sup>*

O tema desta pesquisa versa sobre o conceito de criatividade que os professores de Arte da rede municipal de ensino de Joinville possuem. Dessa forma, entendemos que a teoria educacional cuja proposta pedagógica está mais alinhada aos nossos objetivos é a pedagogia histórico-crítica, sendo necessário apresentar seus conceitos centrais e realizar uma breve análise sobre os aportes teóricos e metodológicos da referida pedagogia, que tem sua base psicológica pautada na psicologia histórico-cultural e base filosófica no materialismo histórico-dialético.

De acordo com Saviani (2014, p. 25), “se a existência humana não é garantida pela natureza, mas deve ser produzida pelos próprios homens, isto significa que o homem não nasce homem. Ele se forma homem” (SAVIANI, 2014, p. 25). Em outras

---

<sup>19</sup> Martins, 2020, p. 29.

palavras, o autor vai esclarecer que “ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência” (SAVIANI, 2014, p. 25).

A existência humana tem sua base primordial no trabalho, pois, segundo Martins (2013, p. 130), “graças a ele, a unidade entre mãos, cérebro e linguagem conduziu o aperfeiçoamento anátomo-fisiológico do córtex cerebral e, conseqüentemente, a transformação do ser orgânico em ser social” (MARTINS, 2013, p. 130).

Dessa maneira, podemos afirmar que é no trabalho e na apropriação dos objetos construídos através do trabalho, que o homem se constitui homem e se diferencia dos demais animais. Partindo dessa premissa, vale a discussão sobre como a educação sistematizada contribui para que os seres humanos evoluam psiquicamente. Para tal, vamos versar, de forma sucinta, sobre os tipos de teorias pedagógicas existentes na atualidade, para então esclarecer por que consideramos a pedagogia histórico-crítica como a pedagogia mais adequada a esse objetivo principal, que é tornar o homem humanizado.

De acordo com Saviani (2018, p. 12), o conceito de pedagogia se reporta a uma teoria que se estrutura a partir e em função da prática educativa, buscando orientar o processo de ensino e aprendizagem. O autor salienta que existem teorias que analisam a educação pelo aspecto da sua relação com a sociedade, não tendo como objetivo formular diretrizes que orientem a prática educativa. Ele vai afirmar que essas teorias são teorias da educação, mas não são teorias pedagógicas. Seguindo esse raciocínio, Saviani (2018, p. 12) esclarece:

A partir desse entendimento podemos notar que as teorias pedagógicas se dividem, de modo geral, em dois grandes grupos: aquelas que procuram orientar a educação no sentido da conservação da sociedade em que se insere, mantendo a ordem existente. E aquelas que buscam orientar a educação tendo em vista a transformação da sociedade, posicionando-se contra a ordem existente. As primeiras correspondem aos interesses dominantes, e, por isso, tendem a hegemonizar o campo educativo. As segundas correspondem aos interesses dominados situando-se, pois, no movimento contra hegemônico.

É importante compreender que dentro desta definição a pedagogia histórico-crítica se posiciona no movimento contra hegemônico, por sua característica crítica da sociedade e do modo de produção vigente, que não permite que os seres humanos alcancem suas máximas potencialidades.

Sobre isso, Marsiglia (2011) afirma que quando o capitalismo revela sua face mais perversa, apontando a sua impossibilidade de garantir uma vida digna a todos, qualquer teoria que assuma a tarefa de desvendar facetas do mundo objetivo e de sistematizar uma intervenção pedagógica compromissada com a emancipação humana mostra-se como uma necessidade.

Sem essa finalidade da educação em mente, pouco adianta discursar sobre a grande variedade de teorias pedagógicas existentes e qual delas seria a mais apropriada, pois conforme enfatiza Orso (2018, p. 70), “quando não se está em questão a transformação da realidade e do mundo, quando se trata de reproduzir a sociedade e as relações de produção existentes, não há necessidade de se considerar e discutir teoria. Para isso, qualquer prática serve”.

Dentro da sociedade dividida em classes, na qual estamos inseridos, com as demandas de trabalho superiores àquelas que temos condições de suportar, e levando em consideração o aparato ideológico que invade as escolas públicas e particulares do nosso país, será que temos ferramentas para conseguir realizar tal análise em nosso cotidiano? Assim, o que frequentemente acontece é uma educação que tem como objetivo facilitar a adaptação dos alunos ao mundo real, apoiando-se na máxima: o mundo é assim mesmo e não adianta refletir sobre mudanças estruturais que fujam do alcance cotidiano das crianças.

Sobre isso, Saviani (1999, p. 85) assevera que a pedagogia histórico-crítica, no início denominada pedagogia revolucionária, é “uma pedagogia empenhada decididamente em colocar a educação a serviço da referida transformação das relações de produção” (SAVIANI, 1999, p. 85).

Ora, se a escola não compreende o seu papel nas relações produtivas da sociedade, o que acontece é a repetição de conceitos descontextualizados e a formação rasa de estudantes que pouco poderão contribuir para mudanças sociais, uma vez que não foram despertados para reflexões mais profundas de seu papel e de sua contribuição para a sociedade.

Orso (2011) afirma que a pedagogia histórico-crítica, ao adotar o método materialista histórico-dialético, não pode deixar de considerar as classes, correndo o risco de deixar de ser uma teoria materialista e transformadora. Assim, é uma teoria que não se iguala às demais por sua definição transformadora da realidade, pautada no materialismo histórico-dialético, que:

(...) além de considerar as categorias de contradição e totalidade, também adota a categoria mediação e modos de produção. O método materialismo histórico entende a educação na categoria dialética, como mediadora da prática social, e objetiva tanto a socialização dos conhecimentos quanto dos bens materiais produzidos historicamente (ORSO, 2018 p. 78).

Sob o viés materialista, é possível afirmar que a escola tem uma grande contribuição para a sociedade, que, através da aquisição dos conhecimentos historicamente elaborados pelo gênero humano, os estudantes são capazes de alcançar o nível de desenvolvimento do pensamento por conceitos, único capaz de permitir a reflexão crítica sobre o que existe e com isso transformar a realidade. Contudo, quando não devidamente organizada, ela pode também ocasionar o oposto, ao permitir a adequação dos estudantes ao pensamento hegemônico, sob a máxima tão repetida de que “o mundo é como é”.

A apropriação dos bens e conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade tem grande importância na pedagogia histórico-crítica, pois, conforme afirma Marsiglia (2011, p. 31), “somente com a apropriação desse universo de objetivações produzidas histórica e socialmente o sujeito pode formar-se” (MARSIGLIA, 2011, p. 31).

As objetivações são, acima de tudo, a história humana, fundamentada no trabalho, que é transmitida de geração em geração através do ensino. Logo, vemos a grande importância social da escola e do professor para a sociedade como um todo e para o desenvolvimento psíquico dos estudantes.

Saviani (2018, p. 24) confirma que a pedagogia histórico-crítica é tributária da versão do materialismo histórico-dialético, sendo que sua base psicológica é embasada na psicologia histórico-cultural, conforme já discutido anteriormente”. Assim, sua visão principal de educação é:

(...) o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Em outros termos, isso significa que a educação é entendida como mediação no seio da prática social global.

Assim, essa pedagogia vai se apoiar no fundamento principal do ensino sistematizado de conteúdos clássicos, que nada mais são do que as elaborações históricas construídas pela humanidade que sejam mais significativas e imprescindíveis, das quais os seres humanos precisam se apropriar para se desenvolver psicologicamente para transformar a realidade na qual estão inseridos.

Saviani (2019, p. 5), sobre essa questão, afirma que:

A educação escolar é o meio mais adequado para a apropriação, pelos trabalhadores, das conquistas históricas da humanidade que lhes aguçarão a consciência da necessidade de intervir praticamente para dar continuidade ao processo histórico conduzindo-o a um novo patamar. Mas essa formação histórica deve ser articulada com as ações coletivas sistematicamente organizadas como, aliás, preconiza a pedagogia histórico-crítica ao considerar a educação como mediação no interior da prática social tendo, pois, a própria prática social, ao mesmo tempo, como ponto de partida e ponto de chegada (SAVIANI, 2019. p. 5).

Orso (2018, p. 69) destaca com clareza sobre esse ponto:

(...) como se trata de uma teoria para a qual não existem fórmulas nem modelos, mas se constitui numa referência para o trabalho pedagógico e para a educação como um todo, faz-se necessário compreendê-la adequadamente, pois ninguém trabalhará com ela se não a conhecer e a entender de forma adequada e dominar seus pressupostos e suas categorias fundamentais (ORSO, 2018, p. 69).

A pedagogia histórico-crítica tem como objetivo principal a socialização do repertório humano construído historicamente e deve ser estudada em seus fundamentos para que possa instrumentalizar adequadamente os professores em busca de uma educação emancipatória que possa contribuir na superação da sociedade de classes geradora de desigualdades que é a sociedade capitalista.

Conforme assevera Saviani (2019, p. 12):

Se tanto os estudantes como os professores estiverem imbuídos da perspectiva histórico-crítica que estamos procurando sistematizar e difundir, estarão sendo preenchidas as condições necessárias para a emergência de intelectuais orgânicos aptos a atuar nas escolas e nos movimentos sociais, engajando-se resolutamente na luta da classe trabalhadora por uma educação adequada às suas necessidades (SAVIANI, 2019, p. 12).

Assim, podemos afirmar, segundo Orso (2011, p. 82), que “a organização do trabalho pedagógico revolucionário não combina, nem condiz com a alienação”. Ao contrário, quando se quer favorecer a emancipação dos estudantes, compreendemos que esta apenas se dará por meio do conhecimento e do acesso aos conhecimentos historicamente acumulados, para que, assim, o aluno possa conhecer o mundo, a história e a sociedade em que vive, além de a si mesmo a da sua condição de classe.

A partir do que foi discutido, se faz importante trazer a questão de que, para a pedagogia histórico-crítica, o desenvolvimento da criatividade vai se manifestar através da incorporação dos automatismos, conceito contrário ao senso comum que

defende a criatividade como um dom inato e natural, que alguns tem e outros não, indiferente do que façam.

Saccomani (2014) realiza a análise dos conceitos de automatismo de Saviani e das operações conscientes de Leontiev, trazendo reflexões sobre como a pedagogia histórico-crítica compreende a relação entre automatismo e criatividade, mostrando que a internalização dos mecanismos externos é condição necessária à realização de atividades livres. Assim, Saccomani (2014, p. 142) esclarece que:

Essa relação abordada por Dermeval Saviani é muito importante, pois é frequente tanto no senso comum quanto em alguns ideários pedagógicos contemporâneos a compreensão do significado de automatismo como antagônico à criatividade, porém, consideramos que essa visão é essencialmente antidialética. Nós precisamos criar automatismos! Claro que o automatismo também pode se tornar conservador, pode aprisionar - mas é bastante equivocado pensar que para ser livre o indivíduo precisa se livrar de qualquer tipo de automatismo, muito pelo contrário, há a necessidade de incorporá-los.

Saviani (2008, apud SACCOMANI, 2014, p. 143) afirma que a libertação para a criatividade apenas acontece porque houve a internalização dos aspectos mecânicos, em um processo verdadeiramente dialético de superação por incorporação, acontecendo a internalização dos elementos externos. Essa dominação de mecanismos externos é propulsora principal da criatividade, ocorrendo com a fixação dos mecanismos. Somente quando se automatizam os mecanismos é possível criar livremente.

Saccomani (2014) destaca, fundamentada em Saviani, que o fato de determinadas pessoas realizarem atividades artísticas com grande naturalidade reforça, no senso comum, o caráter inato da criatividade, como um dom de algumas pessoas determinadas. No entanto, ela destaca que isso se trata de uma habilidade adquirida através da incorporação dos mecanismos externos, internalizados através do estudo, e não uma habilidade espontânea, sendo essa naturalidade o resultado de um processo deliberado e sistemático, ou seja, o ensino.

Conforme afirma Saccomani (2014, p. 155), “o processo de ensino, portanto, não é contrário ao processo de criação, mas sua condição”. Quando acontece o ensino de conteúdos históricos de maneira sistematizada, acontece o desenvolvimento psíquico, sendo este o propulsor principal para o desenvolvimento do pensamento criativo, conforme já discutido tópico anterior desta dissertação. Dessa maneira, concordamos com Saccomani (*idem, ibidem*) quando ela afirma que o ensino

é fonte para a aprendizagem, que por sua vez, é a fonte para o desenvolvimento do psiquismo, em geral, e da criatividade, em particular.

A pedagogia histórico-crítica, ao defender o ensino como principal objetivo da escola, destaca o papel primordial do ensino das ciências, artes e filosofia, sendo que Saccomani (2014, p. 161) frisa o a importância do bom ensino da arte:

A obra de arte é uma síntese de experiências, de riqueza humana acumulada. O indivíduo não precisa passar por toda a história para trazer essas experiências à sua vida. As ricas obras de arte trazem ao sujeito a história humana de forma condensada e isso promove o desenvolvimento psíquico. O bom ensino é aquele que traduz adequadamente na forma de procedimentos didáticos o processo de apropriação do que há de essencial no conhecimento.

Destarte, a autora (idem, p. 150) ainda afirma que:

Durante a recepção da obra, o indivíduo se coloca numa relação com o desenvolvimento histórico do gênero humano, mas se coloca de forma relativamente imediata. Por um lado, é semelhante à imediatez que vivencia em sua vida cotidiana, mas por outro, não é semelhante à medida que eleva a subjetividade – seja do ponto de vista intelectual seja do ponto de vista afetivo – ao nível da genericidade para si. Se fosse a mesma relação estabelecida com a vida cotidiana, não produziria nada novo no sujeito, seria tal como o exemplo citado por Vigotski da multiplicação dos pães e dos peixes. Se fosse totalmente diferente, sem nenhum vínculo, não atingiria o sujeito. A arte estabelece relações com o cotidiano dos sujeitos, mas vai além dele.

Compreendemos, dessa maneira, o papel imprescindível do ensino adequado em Arte no contexto escolar, tendo em vista que essas relações do cotidiano podem se dar com qualquer obra, sendo importante haver a escolha adequada, por parte do professor, de imagens ricas em contradições, que poderão contribuir para o desenvolvimento do psiquismo dos estudantes.

Podemos afirmar, conforme Saccomani (2014), que a criatividade é ensinada quando os estudantes se apropriam da experiência humana historicamente construída, destacando que não se tem com isso o objetivo de criar grandes artistas, mas sim desenvolver a capacidade criativa de todos, determinada pelo desenvolvimento psíquico alcançado com o ensino adequado.

Sobre isso, Saccomani (2014, p. 177) afirma que:

A formação da criatividade não se dá pelo ensino de saberes cotidianos, espontâneos e de senso comum, mas tão somente por meio da transmissão dos conteúdos clássicos, como é preconizado pela pedagogia histórico-crítica. Quanto mais o indivíduo se apropriar do patrimônio humano-genérico

em suas máximas expressões, mais rico será o desenvolvimento do seu psiquismo, o que lhe garante os instrumentos necessários para ser plenamente criativo.

Compreendemos, dessa maneira, que para a pedagogia histórico-crítica, a criatividade está intimamente relacionada com a difusão dos saberes clássicos, elaborados historicamente, entre eles, a arte, a ciência e a filosofia.

Dessa maneira, após abordar os conceitos principais, de forma breve, dessa teoria pedagógica e a visão de criatividade presente nela, vamos na próxima seção dissertar sobre algumas pedagogias hegemônicas e o viés de criatividade que abarcam.

### 1.2.1 A criatividade nas pedagogias hegemônicas

*O principal objetivo da educação é criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que as outras gerações fizeram.<sup>20</sup>*

Com esse capítulo, pretendemos trazer algumas reflexões pertinentes à criatividade nas pedagogias hegemônicas. Para isso, é necessário, primeiramente, situar o leitor sobre o que seriam tais pedagogias e como elas disseminam seu pensamento ao longo dos séculos.

Iniciamos o capítulo com uma citação do teórico Piaget, onde ele defende que a educação precisa criar pessoas com capacidade de fazer coisas novas e não simplesmente copiar o que já existe. Essa citação tem o conceito contrário ao que defendemos nessa dissertação, e que já foi elaborado na seção anterior, quando debatemos a importância dos automatismos para o desenvolvimento da criatividade, assim como defende a pedagogia histórico-crítica.

Saviani (2012) traz em seu livro, *Escola e Democracia*,<sup>21</sup> conceitos que serão de grande valia para iniciar nossa discussão. Entre eles, o da divisão das pedagogias que se difundiram em nosso país, desde o século XIX, em duas tendências: as pedagogias não críticas e as crítico reprodutivistas. Dessa forma, entre as pedagogias

---

<sup>20</sup> Piaget, 1970, p. 53 apud Pascual, 1999, p 9.

<sup>21</sup> O livro *Escola e Democracia* (2012), de Demerval Saviani, traz de maneira detalhada as características das pedagogias hegemônicas. Abordaremos aqui apenas a título de linha de raciocínio para compreender a visão da criatividade nessas pedagogias. Para uma compreensão mais aprofundada, sugerimos a leitura do livro completo.

não críticas temos a pedagogia tradicional, a tecnicista e a escola nova, que encaram a educação como autônoma e cuja função seria corrigir a marginalidade, que para elas, se trata de um fenômeno acidental, levando em conta que a sociedade é, em si, harmoniosa.

A educação emerge aí como um instrumento de correção dessas distorções. Constitui, pois, uma força homogeneizadora, que tem por função reforçar os laços sociais, promovendo a coesão e garantir a integração de todos os indivíduos no corpo social. Sua função coincide, no limite, com a superação do fenômeno da marginalidade (SAVIANI, 2012, p. 4).

Duarte (2010) assevera que uma das principais características desse tipo de pedagogia é a ausência de perspectiva de superação do capitalismo. Dessa maneira, o autor afirma que mesmo que haja, em alguns momentos, uma crítica à sociedade capitalista, ela acaba sendo neutralizada com a crença de que esses problemas podem ser solucionados sem que aconteça a superação do modo de produção atual. Se trata de pedagogias alinhadas com a ideologia dominante e com a defesa do “aprender a aprender”. Percebemos, logo de início, o fosso entre o posicionamento político e social que a Pedagogia Histórico-Crítica defende, amparada no materialismo histórico-dialético, e a das pedagogias agora mencionadas, de cunho hegemônico.

O autor afirma que com a persistência e o aumento dos problemas sociais, essas pedagogias assumem uma visão idealista, sendo que:

O adjetivo “idealista” é usado aqui não com referência à adesão a ideais, mas com referência ao princípio segundo o qual os problemas sociais são resultados de mentalidades errôneas, acarretando a crença de que a difusão pela educação de novas ideias entre os indivíduos, especialmente os das novas gerações, levaria à superação daqueles problemas. Por exemplo, a violência crescente na contemporaneidade poderia ser combatida por uma educação para a paz. A destruição ambiental poderia ser revertida por programas de educação ambiental. O desemprego poderia ser superado por uma formação profissional adequada às, supostamente, novas demandas do mercado de trabalho ou pela difusão da ideologia do empreendedorismo. Esse idealismo chega ao extremo de acreditar ser possível formar, no mesmo processo educativo, indivíduos preparados para enfrentar a competitividade do mercado e imbuídos do espírito de solidariedade social (DUARTE, 2010, p. 35).

Essa premissa que apresenta o capitalismo como o único modo possível de vida em sociedade acaba deixando, na maioria das vezes, os filhos da classe trabalhadora sem um direcionamento assertivo de como agir em sociedade, afinal, deve-se competir de forma solidária, aceitar que a poluição e o desmatamento são

incontroláveis, porém, deve-se separar o lixo reciclado para diminuir o impacto no meio ambiente. Percebemos que as pessoas, em um contexto geral, aceitam essas premissas como reais.

Em seguida, Saviani destaca o outro grupo de pedagogias, que seriam as pedagogias crítico reprodutivistas, divididas em Sistema de Ensino como Violência Simbólica ou da Reprodução, Escola como Aparelho Ideológico do Estado (A.I.E.) e Escola Dualista / Capitalista. Sobre elas, o autor destaca que embora compreendam a sociedade marcada por divisões de classes antagônicas e percebam a marginalidade como inerente à própria estrutura social, a educação é percebida como totalmente dependente dessa estrutura social, cuja função é a de legitimar a marginalização ao reforçar a dominação.

Nesse sentido, a educação, longe de ser um instrumento de superação da marginalidade, converte-se num fator de marginalização, já que sua forma específica de reproduzir a marginalidade social é a produção da marginalidade cultural, e, especificamente, escolar (SAVIANI, 2012, p. 5).

Com isso, destacam-se duas tendências pedagógicas que, de forma explícita ou não, contribuem para a perpetuação da sociedade dividida em classes, logo, legitima as diferenças e as injustiças sociais como algo natural ou como impossíveis de serem modificadas.

Diante do discutido, convém dialogar acerca do construtivismo, que tem se instaurado na educação com as ideias de Piaget, colocando o aluno como o centro do processo de ensino. De acordo com Becker (2009, p. 2),

Construtivismo significa isto: a ideia de que nada, a rigor, está pronto, acabado, e de que, especificamente, o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado. Ele se constitui pela interação do indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais; e se constitui por força de sua ação e não por qualquer dotação prévia, na bagagem hereditária ou no meio, de tal modo que podemos afirmar que antes da ação não há psiquismo nem consciência e, muito menos, pensamento.

Dessa maneira, compreende-se que muitas pedagogias hegemônicas vão se pautar no construtivismo, gerando uma grande distorção no papel do professor e dos conteúdos no contexto educacional, afinal, se o conhecimento se dá com a interação do indivíduo com o meio social, a apropriação de conteúdos fora desse meio específico poderiam ser negativos para o desenvolvimento dos alunos.

Sobre isso, Duarte (2010) acrescenta que não é de se estranhar que esse tipo de pedagogia valorize o cotidiano dos alunos como referência central das atividades escolares. Nessa linha de raciocínio, ainda segundo o autor, são considerados conteúdos significativos e relevantes para o aluno aqueles que tenham alguma utilidade prática em seu cotidiano. Dessa forma, importa aprender aquilo que terá valor na resolução dos problemas cotidianos. Essa visão imediatista do ensino vai contra os preceitos da pedagogia histórico-crítica, uma vez que com esse tipo de ensino o aluno jamais sairá do senso comum, não tendo possibilidades de acessar conhecimentos que enriquecerão verdadeiramente o seu psiquismo e contribuirão para a compreensão da realidade objetiva.

Duarte (2010) afirma que esse tipo de conhecimento imediato, aplicado para a resolução de problemas, se denomina conhecimento tácito. Sobre esse tipo de conhecimento estar a cada dia mais ocupando o lugar central nos processos pedagógicos, deslocando os conteúdos clássicos para a margem, ele afirma:

Se o conhecimento mais valorizado na escola passa a ser o conhecimento tácito, cotidiano, pessoal, então o trabalho do professor deixa de ser o de transmitir os conhecimentos mais desenvolvidos e ricos que a humanidade venha construindo ao longo de sua história. O professor deixa de ser um mediador entre o aluno e o patrimônio intelectual mais elevado da humanidade, para ser um organizador de atividades que promovam o que alguns chamam de negociação de significados construídos no cotidiano dos alunos (DUARTE, 2010, p. 38).

Ainda sobre o discurso construtivista, Rossler (2006, p. 95 apud Saccomani, 2014, p. 36) destaca:

Portanto, o construtivismo seduz porque reproduz ao longo do seu discurso determinados elementos valorativos presentes na ideologia de nossa sociedade contemporânea, os quais são incorporados e vivenciados de forma alienada pelos indivíduos em seu cotidiano, o que por sua vez produz o estabelecimento de uma afinidade imediata e espontânea entre este discurso e seu interlocutor, uma vez que esse indivíduo já se encontra imbuído dos mesmos valores ideológicos que o ideário construtivista difunde.

Percebemos então que o problema é ainda maior, pois o pensamento construtivista já está inserido no imaginário da população, gerando ainda mais alienação por parte desta e uma aceitação cega de seus preceitos.

Sobre isso, Becker afirma:

Tendências que têm em comum a insatisfação com um sistema educacional que teima (ideologia) em continuar essa forma particular de transmissão que é a Escola, que consiste em fazer repetir, recitar, aprender, ensinar o que já está pronto, em vez de fazer agir, operar, criar, construir a partir da realidade vivida por alunos e professores, isto é, pela sociedade - a próxima e, aos poucos, as distantes. A Educação deve ser um processo de construção de conhecimento ao qual acorrem, em condição de complementaridade, por um lado, os alunos e professores e, por outro, os problemas sociais atuais e o conhecimento já construído (acervo cultural da Humanidade) (BECKER, 2009, p. 3).

É evidenciado na citação acima que o acervo cultural da humanidade tem um papel secundário na visão da educação construtivista, sendo priorizados os interesses dos alunos e a da sua realidade próxima, além da aquisição dos conhecimentos através da construção/ação. Esse preceito é o oposto do que acreditamos, uma vez que a pedagogia histórico-crítica prega exatamente o ensino do legado histórico, construído pelos homens.

Em seu livro *Vigotski e o “aprender a aprender”*, Newton Duarte faz uma revisão bibliográfica de grande contribuição, trazendo várias críticas ao pensamento hegemônico que se vincula ao construtivismo, deixando evidenciadas as diferenças cruciais do pensamento de Vigotski e Piaget, que certas pedagogias, que ele denominou como “pedagogias do aprender a aprender”, tem tentado aproximar.

Fazendo um resumo do pensamento de Duarte sobre essas pedagogias, Saccomani (2014, p. 40) diz:

As ‘pedagogias do aprender a aprender’, embora não constituam um grupo inteiramente homogêneo, trazem muitas características em comum, como por exemplo, a negação da escola em sua forma clássica; a inexistência de perspectiva de superação da sociedade capitalista; a concepção idealista de educação e sociedade; a negação da perspectiva de totalidade; a supervalorização do conhecimento tácito e cotidiano e a conseqüente desvalorização do conhecimento científico; o relativismo epistemológico e cultural; o utilitarismo e a descaracterização e desvalorização do trabalho do professor.

Dessa forma, Duarte (2010) destacou quatro princípios valorativos dessas pedagogias. O primeiro princípio abordado seria o de que a aprendizagem que o indivíduo realiza por si possui mais valor do que a aprendizagem resultante do ensino. Nesse princípio, entende-se que a intervenção do adulto tolhe a criatividade que deve ser exercitada de forma livre e autônoma pelos alunos.

Como já foi abordado no item 1.1 deste trabalho, a visão de Vigotski e da pedagogia histórico-crítica sobre esse tema é oposta, sendo que sem um

direcionamento enriquecido de conteúdo historicamente construído (objetivações artístico-histórico-filosóficas humanas) e sem a mediação do professor, a criatividade não tem condições de ser desenvolvida em suas máximas possibilidades. Para Vigotski, mediação é intervenção que provoca transformações, encerra intencionalidade socialmente construída e propicia desenvolvimento; é responsável pela formação das funções psíquicas superiores. A mediação é a unidade dialética que resulta em transformação, responsável, portanto, por criar possibilidades de reelaboração da realidade. Realidade, aliás, em que o signo, a atividade e a consciência se relacionam.

O segundo princípio elencado por Duarte é o de que o método é mais importante do que o conteúdo. Dessa maneira, Saccomani (2014, p. 34) afirma:

Considera-se altamente criativo o método de construção de conhecimento em detrimento do conhecimento acumulado historicamente. Valoriza-se uma suposta criatividade na construção do conhecimento e, ademais, afirma-se que o objetivo maior é o que o aluno pense livremente, criativamente. Ao mesmo tempo em que se endeusa a criatividade, transforma-a em uma categoria esvaziada de conteúdo e sem qualquer relação com a transmissão de conhecimento ou, melhor, em completa oposição à ela.

Nesse trecho fica claro que a criatividade, nas pedagogias hegemônicas derivadas do construtivismo, é vista em contraposição à transmissão dos conteúdos sistematicamente elaborados, sendo algo intrínseco – como um dom natural – e que não deve ser influenciado por fatores externos. Esse posicionamento é o oposto do que acreditamos, pois, como já foi abordado no pensamento de Vigotski, Saviani, Duarte e Saccomani, a imaginação é resultado das experiências e contato com os conteúdos sistematicamente elaborados da humanidade, sendo que quanto mais contato a criança tiver com esses conteúdos, mais criativa será sua imaginação. Saccomani (2014, p. 36) destaca que nesses ideários pedagógicos:

(...) o trabalho do professor é desvalorizado, ou seja, o professor deixa de ser o mediador entre o aluno e os conhecimentos historicamente acumulados e passa a ser um organizador de ambientes e atividades que estimulem a criação e a aprendizagem do aluno a partir de suas necessidades espontâneas.

Duarte ainda assinala um terceiro princípio que rege as pedagogias hegemônicas, que é o de que as atividades educativas devem partir dos interesses das crianças. Com esse princípio, a criatividade ainda estaria vinculada ao *status* de

dom natural, pois as crianças naturalmente apresentariam suas capacidades criativas de dentro para fora. Sabemos, porém, que Vigotski (2014) afirma o contrário, destacando que, na medida em que as crianças vão crescendo vão acumulando experiências, e isso vai variar de acordo com as condições objetivas de vida e educação.

Sobre esse tema, Saviani (2012, p. 34) afirma:

Das considerações apresentadas podemos concluir que aquele discurso da Escola Nova, da liberdade dos educandos, da liberdade da criança, da criatividade, supondo que a criança seja livre no próprio ato de aprender, ou é ingenuidade ou se situa no âmbito dos slogans cujo objetivo não é esclarecer os fenômenos, mas angariar adeptos. Mas não tem nenhuma base sólida, nenhuma base científica.

Essa liberdade que as pedagogias hegemônicas vinculadas ao construtivismo e ao “aprender a aprender” pregam tem roupagem de liberdade, embora seja apenas para tornar as pessoas ainda mais dependentes do sistema, pois gera pouca ou nenhuma reflexão sobre a realidade social como cognoscível e, dessa maneira, passível de ser modificada.

Por fim, o último princípio das pedagogias do “aprender a aprender”, estruturado por Duarte, é o da formação de indivíduos com capacidades adaptativas. Nesse lema fica bem evidenciado o interesse hegemônico de acomodação da classe operária ao mundo tal como é, com todas as suas injustiças.

Duarte (2004, p. 42) traz de forma clara:

Quando educadores e psicólogos apresentam o ‘aprender a aprender’ como síntese de uma educação destinada a formar indivíduos criativos, é importante atentar para um detalhe fundamental: essa criatividade não deve ser confundida com busca de transformações radicais na realidade social, busca de superação radical da sociedade capitalista, mas sim criatividade em termos de capacidade de encontrar novas formas de ação que permitam melhor adaptação dos ditames do processo de produção e reprodução do capital.

Assim sendo, é ressaltada a importância do ser humano ter criatividade, embora essa criatividade não tenha a ver com superação da sociedade, mas sim para se adaptar da melhor maneira ao modo de produção capitalista. Nas pedagogias hegemônicas, há grande ênfase de que os alunos devem buscar o conhecimento por si mesmos, pois dessa maneira dificilmente terão as ferramentas para analisar com criticidade o que está posto e buscar recursos para superar os problemas da

sociedade, cuja base é o capitalismo.

De acordo com Saccomani (2014), não se pode negar que a sociedade capitalista seja criativa. Os exemplos dessa afirmativa são vários e estão ao nosso redor diariamente, principalmente na mídia e nas propagandas dos mais variados tipos de produtos. No entanto, ela salienta que:

Por um lado, a sociedade capitalista é criativa, mas por outro, trata-se de uma sociedade na qual a criatividade está voltada para uma única finalidade: a continuidade da reprodução do capital. Ademais, a sociedade capitalista também é limitadora da criatividade porque deve reprimir a máxima criatividade que é a dos seres humanos criarem outra sociedade (SACCOMANI, 2014, p. 35).

Essas reflexões permitem que afirmemos que nas pedagogias hegemônicas a visão de criatividade está vinculada ao senso comum, de que apenas algumas pessoas são criativas (artistas, escritores e outros poucos presenteados pela mãe natureza) ou então que esta criatividade pode ser exercitada por todos, mas sempre a partir de dentro da pessoa, dos seus próprios recursos internos e subjetivos. O papel da criatividade nessas pedagogias também é bem evidente, pois é a criatividade para se adequar ao ideário capitalista, para produzir novos meios de consumo e aumentar o consumismo das pessoas, com a criação de produtos variados ou então o de sobreviver dentro dessa forma de vida repleta de injustiças que é o capitalismo.

Saccomani (2014, p. 40) afirma que “implícito à conquista da autonomia intelectual está o processo criativo”. Dessa maneira, é importante refletir sobre as concepções que essas pedagogias hegemônicas têm proporcionado aos professores em geral, e aos professores de arte em especial, levando em consideração que essa disciplina sofre preconceitos dentro do contexto escolar, principalmente em função dessa visão espontaneísta da arte, que é vista nessas pedagogias como livre expressão ao contrário de conhecimento específico.

A seguir, dissertaremos sobre o ensino de Arte, trazendo alguns marcos históricos dessa disciplina no Brasil.

### **1.2.2 O ensino da Arte no Brasil e a criatividade**

*A função essencial da arte é ampliar e enriquecer, com suas criações, a realidade já humanizada pelo trabalho.*<sup>22</sup>

A sociedade atual, no modo de produção capitalista, tem mostrado cotidianamente suas limitações e inviabilidade em manter a vida humana e do planeta em sua plenitude, seja em função das desigualdades sociais, onde os homens são explorados por seus pares, ou na depredação dos recursos naturais, que são vistos no capitalismo apenas como matéria prima para a produção de produtos.

Dessa maneira, tecer sobre o conceito da criatividade, certamente, é uma tarefa árdua e perigosa, principalmente se forem levados em consideração os conceitos intrincados no senso comum sobre o tema ou o viés de certas correntes filosóficas ou da psicologia. Outrossim, é necessário apresentar algumas reflexões que possam explicitar o viés selecionado nesta pesquisa.

Diante do exposto, vale trazer algumas reflexões acerca do conceito de Arte e sua importância na sociedade, para então compreender como o seu ensino pode contribuir para o desenvolvimento psíquico dos seres humanos.

Embora possa ter sua própria dinâmica e uma relativa autonomia, a arte é produção humana que passa pela subjetividade do indivíduo que a produz e, ao mesmo tempo, está enraizada em um contexto histórico específico que, por sua vez, se relaciona à prática social precedente. Toda arte exerce algum impacto sobre o mundo, de forma particular e geral, positiva ou negativamente. Contrariando as formulações subjetivistas de arte como processo individual e não social; do estético como uma essência de certos objetos ou algo dado a natureza humana; da concepção de artista como alguém dotado de algum talento ou dom, e de que basta ao observador uma atitude de acolhimento para captar a mensagem das obras de arte, compreendo que o acesso ao conhecimento artístico se dá via um trabalho contínuo e sistemático, teórico e prático com os conhecimentos e códigos específicos da arte (LEITÃO, 2019, p. 15).

Porém, olhando para a história do ensino de Arte no Brasil, é possível perceber que ainda temos um longo caminho a percorrer, principalmente quando se pensa esse ensino em seu caráter emancipatório humano, que permita aos indivíduos compreender a realidade para então modificá-la. Nessa mesma medida, quando se menciona o termo criatividade, ele é muitas vezes aproveitado pelo pensamento pós-moderno de adaptabilidade às condições subumanas que o capitalismo impõe à grande parcela da população.

---

<sup>22</sup> Vázquez, 1968, p. 47, apud Leitão, 2019, p. 44.

Compreende-se o ensino de arte como um constructo das políticas públicas que, a partir de 1961 trazem resoluções, pareceres e leis que regulam e fundamentam o ensino de artes, com enfoque nas artes visuais, desde a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 4.024/61 até homologação da Base Nacional Curricular-Formação (2019). É nesse íterim que são fixadas as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a qual trouxe as artes para a escola como atividade complementar de iniciação científica e não como componente curricular. Essas políticas públicas, na visão de Arroyo (2015), controlam não só as políticas, mas também as diretrizes, os currículos, as avaliações, e, sobretudo, o que ensinar e o que aprender a ensinar.

Sobre o discutido, Leitão (2019, p. 28) realizou uma análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+) que sugere o ensino através da aquisição de competências que instrumentalizam para a vida e propõem conteúdos cotidianos como a melhor maneira de se formar os estudantes. A autora destacou que quando o desenvolvimento dessas competências se vincula ao “saber agir diante das adversidades da vida atual, de forma criativa, então nesse currículo forma e conteúdo estão em perfeita sintonia, pois, a prática de adaptação criativa a essa vida exige um ensino prático e imerso no cotidiano”.

Dessa forma, o ensino de Arte dentro da perspectiva do contexto próximo do aluno, em supressão da construção histórica da realidade, traz diversos prejuízos aos estudantes, especialmente porque:

A experiência estética que, por meio da arte, amplia as possibilidades de humanização pelas sensações a respeito da vida, permitindo ao indivíduo um salto de consciência de sua condição, de seus desejos, sentimentos e da vida como passível de ser transformada ao ser enriquecida pelos sentidos, é substituída pela experiência efêmera do aqui e agora. Isso se revela na apropriação de todo tipo de imagem como material a ser explorado nas aulas (imagens impressas de propaganda, outdoor, comerciais, redes sociais, etc) (LEITÃO, 2019, p. 30).

A pedagogia histórico crítica vai contra esse tipo de abordagem pedagógica, que ao não permitir o acesso aos saberes, não instrumentaliza os filhos da classe trabalhadora do legado histórico construído até então, não permitindo a eles que compreendam a realidade da sociedade na qual estão inseridos, aumentando o processo de alienação. De acordo com Martins (2020, p. 18), “as ações de ensino desenvolvente não são aquelas que meramente reproduzem a vida cotidiana, em seu funcionamento tipicamente espontâneo, assistemático, mas aquelas que requerem e ao mesmo tempo promovem a complexificação das funções psíquicas”.

Na construção histórica do ensino de Arte nas escolas, encontramos várias abordagens metodológicas que foram se difundindo com o passar do tempo, sendo que podemos dividi-las, basicamente, segundo Silva e Araújo (2007, p. 4), em pré-modernista, que tem a concepção de ensino da Arte como técnica; a tendência modernista, que apresenta a concepção de ensino da arte como expressão e também como atividade<sup>23</sup>; e finalmente na tendência pós-modernista, a concepção de ensino da arte como conhecimento.

Dessa maneira, Anversa (2022, p. 174) afirma que:

Não é de hoje que ecoa a ideia da arte como expressão, conhecimento e trabalho/fazer. A arte como expressão não se desvencilhou, por enquanto, do pressuposto espontaneísta e, embora décadas após a Pedagogia Renovada ter amortecido, a expressão enquanto processo individual e subjetivo ainda é recorrente nas pesquisas sobre o ensino de arte.

Da mesma forma, o fazer artístico relacionado ao fazer pelo fazer e centrado na formação de habilidades – decorrente da Educação Artística polivalente da década de 1970, também ronda as concepções atuais de ensino de arte. Por conseguinte, a importância do conhecimento específico em arte, amplamente defendida pelos pressupostos da Abordagem Triangular e presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais, é ainda abordada sem avançar na compreensão do caráter social, humano e ontocriador do trabalho artístico, desvinculando a arte da realidade material e social de onde emerge.

Percebe-se uma nomenclatura diferente referente às abordagens metodológicas do ensino de arte, citadas pelos autores acima, porém, de modo geral, ambos apresentam a arte como expressão espontaneísta, vinculada ao modernismo, trabalho/fazer, que se relaciona ao tecnicismo e, enfim, arte como conhecimento.

Relacionado à educação modernista com a base nos princípios filosóficos de Augusto Comte, Silva e Araújo (2007, p. 5) afirmam que:

(...) os positivistas brasileiros acreditavam que a arte possuía importância na medida em que contribuía para o estudo da ciência. Acreditavam que a arte era um poderoso veículo para o desenvolvimento do raciocínio e da racionalização da emoção, desde que ensinada através do método positivo, que subordinava a imaginação à observação.

Destacamos, nesse ponto, que a criatividade estava vinculada à técnica e em sua perfeita execução ao invés da elaboração de coisas diferentes dos moldes prontos. Não há espaço para criar, na tendência educacional pré-modernista, ou tecnicista, mas sim reproduzir modelos prontos.

---

<sup>23</sup> Nesse contexto, a palavra atividade se vincula a exercícios realizados em sala de aula com o intuito de experimentar linguagens ou como ampliação do conteúdo, quando abordado.

A outra tendência de ensino da Arte elencada por Silva e Araújo (2000, apud SILVA E ARAÚJO, 2007, p. 5) é a arte como expressão, ou tendência modernista, que tem como valor:

(...) a democratização da Arte através da dessacralização da obra de arte, baseada na ideia de que todas as crianças, em potencial, eram capazes de produzir e de expressar-se através da arte, inclusive crianças com necessidades educacionais especiais. No entanto, para que a criança fosse capaz de produzir a sua própria arte era preciso preservá-la da arte instituída, que era produzida pelo adulto, pois, a arte adulta não deveria ser apresentada para a criança como um modelo.

Essa visão do ensino da Arte valoriza a produção da criança como rica em criatividade e imaginação, sendo visto como negativo por parte do professor a intervenção ou ensino, que podem atrapalhar o processo criativo dos estudantes. As obras de arte também eram pouco incentivadas, por se acreditar que estariam influenciando o potencial criativo, sendo consideradas como moldes prontos inibidores da criatividade. Nessa visão, a função do professor de arte era interferir o mínimo possível na “arte” da criança. Essa maneira de proceder iria possibilitar conservar um valor fundamental divulgado pela Arte/Educação Modernista: a originalidade como um fator primordial do fazer artístico. Frisamos que essa originalidade mencionada estava relacionada à livre expressão.

Esse tipo de criatividade tão defendida nessa abordagem educativa, porém, contraria os conceitos já abordados da Escola de Vigotski, que, conforme já apresentado, percebe a imaginação e a criatividade na infância inferior aos adultos, levando em conta que o que nutre esses processos psíquicos é o tempo superior de acesso a experiências (sejam no âmbito social como educacional) do indivíduo, sendo que não é qualquer experiência que contribui para isso, mas sim o acesso a saberes clássicos e elaborados.

Sobre isso, Anversa (2022, p. 175) afirma:

Conforme acabamos de elucidar com Vigotski, é equivocado atrelar a expressão ao fator individual e subjetivo apenas, desconsiderando o fator social e objetivo da existência dos sentidos e dos sentimentos. Os sentidos tornaram-se humanos, pois o humano é sempre uma conquista sobre a natureza, e não algo já dado, afinal, “o olho se tornou olho humano, proveniente do homem para o homem. Por isso, imediatamente em sua práxis, os sentidos se tornaram teóricos”. (MARX, 2010c, p. 109, grifos do autor). Quando nascemos, o olho não contempla um determinado objeto. Isso significa que até mesmo os sentidos naturais, biológicos, deixam de ser simplesmente naturais e tornam-se humanos. A formação dos cinco sentidos,

como já vimos, é um trabalho de toda a história do ser humano até aqui, e a objetivação da essência humana é indispensável. O processo de formação dos sentidos como sentidos humanos é imanente ao processo de criação de objetos humanos.

Essa abordagem que apresenta a criatividade com o caráter de expressão e exploração de materiais sem, contudo, a devida teorização acerca de construtos históricos e culturais da arte é problemática, pois diminui o papel do ensino de arte e do professor formado na área, havendo apenas a exploração de sentimentos e expressividade.

Na terceira abordagem de ensino de arte descrita pelos autores mencionados, temos a arte como conhecimento. Dessa maneira, há uma valorização da história da arte, assim como das obras de arte, uma vez que:

(...) compreender a arte como uma área de conhecimento, como uma construção social, histórica e cultural é trazer a arte para o domínio da cognição. Nessa direção, o conceito de arte também está ligado à cognição como um dos elementos de manifestação da razão, pois existe na arte um conhecimento estruturador, que permite a potencialização da cognição (SILVA E ARAÚJO, p. 11).

Dentro dessa visão, a imaginação e criatividade não são vistas como técnica e repetição ou como livre expressão sem direcionamento, mas sim, como uma área de conhecimento, como uma construção social, histórica e cultural, trazendo a arte para o domínio da cognição. Nessa direção, o conceito de arte também está ligado à cognição como um dos elementos de manifestação da razão, pois existe na arte um conhecimento estruturador, que permite a potencialização da cognição.

Contudo, esse tipo de abordagem metodológica tem vários problemas, conforme Anversa (2022, p. 178)) salienta, pois preconiza “a importância das informações artísticas das obras: dados sobre a autoria, a data, o contexto, sobre a linguagem, a técnica, os materiais, os significados e possibilidades interpretativas, os elementos formais, curiosidades, entre outros dados.” Percebe-se, assim, uma grande valorização das informações, deixando de lado a especificidade da arte e sua genericidade, uma vez que se compreende que a arte é produção intelectual humana relacionada intrinsecamente ao trabalho e se constitui parte imprescindível da história da humanidade.

Dessa maneira, as três abordagens metodológicas mais difundidas relacionado ao ensino da arte não dão conta de alcançar o conceito de arte como expressão

máxima da história do gênero humano. Por essa razão, compreendemos que a pedagogia histórico-crítica é a abordagem mais adequada, considerando que:

Arte e conhecimento compõem uma unidade, pois a imagem artística da realidade é uma forma particular de conhecimento – é aquele conhecimento que coloca o ser humano e suas contradições em destaque, que se conquista pela forma particular da produção artística. Conhecimento que precisa ultrapassar a barreira da informação, pois essa não resulta em apropriação da arte e não significa o desenvolvimento dos sentidos estéticos. É neste âmbito que boa parte das pesquisas resvalam ao subtrair da especificidade do ensino de arte seu papel essencial **em possibilitar a compreensão da genericidade da arte** enquanto mecanismo de produção simbólica com determinações políticas, sociais, geográficas, históricas e culturais. (ANVERSA, 2022, p. 178)

Através da contextualização dos saberes artísticos construídos historicamente pela humanidade, é possível, conforme já explicado anteriormente, que os alunos consigam alcançar as máximas potencialidades de seu psiquismo, qual seja, o pensamento teórico.

Martins (2013, p. 7) afirma que “às propriedades do pensamento teórico competem os domínios da criação, o que o torna a forma mais desenvolvida de pensamento já consolidada pela humanidade e, da mesma forma, expressão da universalidade teórico-prática dos homens. Compreendemos, dessa maneira, que a função da educação é proporcionar aos estudantes as ferramentas para que sua psique amadureça até o nível do pensamento teórico, pois apenas aí será possível a verdadeira criação, conforme destaca ainda a autora:

Ao pensamento teórico, ou conceitual, une-se outra função psicológica: a imaginação. A imaginação, que é uma função tão complexa quanto o pensamento, se expressa na construção antecipada da imagem do produto a ser alcançado pela atividade. Graças a ela o homem pode criar modelos psíquicos do produto final de uma atividade futura bem como selecionar os meios pelos quais possa realizá-la. Por essa via, otimiza sua capacidade para proposição e resolução de problemas e, conseqüentemente, para a transformação criativa da realidade. Tanto quanto o pensamento, a imaginação possui caráter analítico-sintético. Na transformação de representações já construídas, condição para a imaginação, a análise opera desagregando elementos da imagem existente visando uma nova combinação, que, por sua vez, determina nova síntese. Portanto, a origem objetiva da imaginação é a representação da realidade concreta e seu curso pressupõe a ruptura de conexões habituais entre dado objeto e dada imagem, tendo em vista novas conexões, novo objeto, nova imagem e, assim, sucessivamente (MARTINS, 2013, p. 7).

Dessa maneira, compreender como o psiquismo humano se determina e quais são as suas características permite que o trabalho pedagógico seja mais diretivo e

assertivo para a contribuição do desenvolvimento adequado do mesmo. Por essa razão, foram abordados os conceitos principais da psicologia histórico-cultural e sua relação direta com o ensino dentro da pedagogia histórico-crítica, destacando os conceitos de criatividade, trabalho, arte e ensino que as teorias supracitadas defendem.

No próximo capítulo, vamos abordar a aplicação da pesquisa referente ao objeto: concepções epistemológicas dos professores de arte de Joinville.

## **2 O LÓCUS ESCOLHIDO E O CONTEXTO GERAL DA DISCIPLINA DE ARTE NA REDE MUNICIPAL DE JOINVILLE**

O *lócus* selecionado para a realização da pesquisa é a cidade de Joinville-SC, especificamente a rede municipal de ensino público regular, por dois fatores principais: o primeiro, é em função da pesquisadora fazer parte do corpo docente da rede municipal, desde o ano de 2010; e o segundo, é pelo critério quantitativo, levando em consideração que a cidade possui oitenta e seis escolas de ensino fundamental e conta com cento e cinco professores de arte, conforme informação de Joelma da Costa, coordenadora de apoio ao gabinete da Secretaria da Educação de Joinville. Dessa maneira, é importante abordar o contexto geral que a disciplina de Arte possui na rede, sua estrutura de organização de formação continuada e questões burocráticas exigidas dos professores pela secretaria da educação.

Segundo a coordenadora Joelma da Costa, a disciplina de Arte foi implantada no currículo como Educação Artística, com a lei de diretrizes e bases (LDB 94/96), e posteriormente, com a introdução dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS), o componente curricular passou a ser denominado ARTE. Atualmente, a rede conta com cento e cinco professores de Arte, distribuídos em oitenta e seis escolas do município.

Para a elaboração da matriz curricular de Arte da rede municipal de ensino de Joinville, por vários anos a secretaria da educação realizava o convite a professores de arte, que se reuniam para decidir os conteúdos e habilidades adequados a cada período. Contudo, com o surgimento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a matriz passou a ser vinculada à esta, que já possui a descrição dos conteúdos e habilidades para cada série, em sua versão atual. Dessa maneira, ela traz as habilidades, os conteúdos, os objetivos e os objetos de conhecimento já devidamente escalonados para os três trimestres anuais, intercalando os saberes de Artes Visuais, Música, Dança e Teatro.

O planejamento exigido pela Secretaria da Educação segue um modelo unificado para toda a rede, e os professores não têm autonomia para modificar seu conteúdo e diretrizes, tampouco alterar os prazos a se cumprir cada habilidade e objeto, sob o argumento de que caso algum aluno precise ser transferido de uma escola para a outra da mesma rede ele não perderá nenhum conteúdo.

Abaixo, apresentamos duas imagens que mostram a estrutura de planejamento exigido pela Secretaria da Educação no ano de 2022 (Figuras 1 e 2).

Figuras 1 e 2 - prints de tela com dados do planejamento trimestral referente a uma turma de 1º ano do ensino fundamental 1

## PLANEJAMENTO TRIMESTRAL ARTE

### OBJETOS DE CONHECIMENTO:

#### Contextos e práticas

Arte e imaginação: seres fantásticos.

- Formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas (pintura, gravura, escultura, instalação etc.) com temas alegóricos, lúdicos.

#### Elementos da linguagem

Alfabetização visual:

- Ponto, linhas (variações), formas e cores primárias.

- Composição: figura e fundo.

#### Matrizes estéticas e culturais

- Artistas de diferentes lugares do mundo: arte joiivilense, catarinense, brasileira e internacional.

- Influências europeias, africanas e indígenas nas manifestações da arte e da cultura local e regional.

#### Materialidades

- Diferentes formas de expressão artística: desenho, modelagem, gravura, escultura etc.

#### Processos de criação

- Criação de personagens e o universo fantástico.

#### Sistemas da linguagem

- Espaços de criação da arte: o atelier.

### Habilidades:

**(EF15AR01)** Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

**(EF15AR02)** Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.).

**(EF15AR03)** Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.

**(EF15AR04)** Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

**(EF15AR05)** Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.

**(EF15AR06)** Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.

**(EF15AR07)** Reconhecer algumas categorias do sistema das artes visuais (museus, galerias, instituições, artistas, artesãos, curadores etc.).

### OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM:

- Conhecer formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas a partir da apreciação de obras de arte com temas alegóricos e lúdicos e de diferentes contextos históricos/artísticos.

Fonte: Planejamento mensal da pesquisadora.

Vale destacar que, de acordo com os dados coletados na pesquisa, a formação inicial da maioria dos professores da rede é em Artes Visuais, sendo que apenas uma das pesquisadas se formou em Artes Cênicas. Os cursos de licenciatura oferecidos

na região são pelas instituições Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) e Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI), sendo que a maioria das professoras pesquisadas se formaram na UNIVILLE, a única da cidade a oferecer o curso na modalidade presencial. Atualmente, a mesma universidade não possui mais o curso de licenciatura, estando com o edital aberto para o curso de bacharelado. A instituição de ensino Uniasselvi possui o curso de Artes Visuais na modalidade semipresencial, com finalização em oito semestres.

A carga horária de trabalho na rede municipal de ensino de Joinville é de quarenta horas semanais, sendo oito aulas destinadas à hora-atividade<sup>24</sup>, que precisa ser cumprida na escola em horário de expediente. É possível, ainda, realizar a carga semanal de vinte horas, sendo quatro delas de hora-atividade, ou então o mínimo de dez horas semanais, sendo duas delas destinadas à hora-atividade.

A rede municipal de ensino de Joinville oferece o ensino de educação infantil separado do ensino fundamental, sendo o primeiro realizado em centros de ensino, divididos para as faixas etárias de zero a cinco anos, ou então de quatro e cinco anos, dependendo da região e demanda. O ensino fundamental é oferecido nas escolas regulares, sendo oferecido do primeiro ao nono ano. A rede municipal não oferece o ensino médio à população, sendo a demanda desta faixa etária atendida pelas escolas da rede estadual.

Na educação infantil não há professor especializado para ministrar a disciplina de Arte, sendo esta aplicada pelos próprios pedagogos. O ensino de Arte é ofertado a partir do primeiro ano do fundamental um. A carga horária oferecida é de duas horas-aula semanais para as turmas do primeiro e segundo ano do fundamental e uma hora semanal para as turmas do terceiro ano ao nono.

Atualmente, a rede municipal conta com professores de áreas que recebem o título de professor formador, que tem a função de realizar a formação continuada dos professores da rede. Essa formação continuada teve início no ano de 2022, tendo um encontro por mês, sendo alguns no modo presencial ou no modo *online*, através de uma sala de aula virtual, onde são postados materiais para leitura e especialização dos professores, valendo como horas de curso. Vale salientar que esse espaço de

---

<sup>24</sup> O termo hora-atividade se refere ao período de atividades complementares à docência, sem interação com os alunos, incluindo ações de estudo, planejamento, acompanhamento e avaliação da prática pedagógica, além de aperfeiçoamento profissional. Esse período está previsto na Lei Complementar nº 668/2015, na Lei nº 16.861/2015 e no Decreto nº 1.659/2021.

formação foi utilizado para contatar os respondentes do questionário, conforme será descrito no tópico seguinte.

Diante disso, na próxima seção será descrita a aplicação do questionário para os professores de Arte da rede municipal de ensino de Joinville.

## 2.1 DESCRIÇÃO DA APLICAÇÃO DA PESQUISA E PÚBLICO PARTICIPANTE

A pesquisa foi realizada através da aplicação de questionário eletrônico disponibilizado aos professores interessados que atuam na rede municipal de ensino de Joinville através do link: [https://docs.google.com/forms/d/1PPE1QFfuvxVRz\\_qLmZ-Xz8zdN\\_5UK1AGC6XliRIHVvs/edit](https://docs.google.com/forms/d/1PPE1QFfuvxVRz_qLmZ-Xz8zdN_5UK1AGC6XliRIHVvs/edit). Para isso, foi necessário realizar uma reunião com a professora formadora de Arte da rede, Andreia F. Nunes Stein, no dia nove de junho de 2022. Durante a conversa, a professora Andreia avaliou o questionário e fez a sugestão de aplicação do mesmo durante o encontro de formação do mês de setembro, conforme disponibilidade no calendário da rede. Nesta reunião ficou acordado que a pesquisadora disporia de um tempo de trinta minutos para fazer a explicação de seu tema e objeto de pesquisa, disponibilizaria os documentos de termo de consentimento e aplicaria a pesquisa via formulário eletrônico, tudo dentro do ambiente da formação.

No dia catorze de setembro de 2022, no período vespertino, os professores de Arte da rede municipal de ensino de Joinville tiveram o encontro mensal de formação continuada, no Centro XV, no bairro Glória, na cidade de Joinville - SC.

Nesta mesma data, a professora formadora Andreia F. Nunes Stein disponibilizou à pesquisadora o tempo de dez minutos para apresentar seu objeto de pesquisa e entregar os formulários de termo de consentimento livre e esclarecido aos professores interessados em participar. Na ocasião, vinte e dois professores preencheram o termo e receberam o *link* de acesso ao questionário do google formulários para participar da pesquisa.<sup>25</sup>

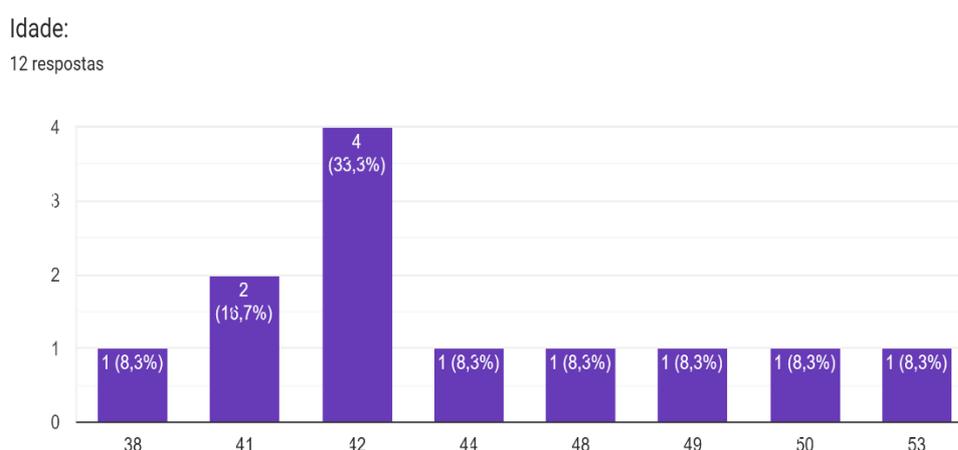
Não foi possível disponibilizar o tempo para o preenchimento do questionário durante o período da formação, em função de uma normativa do MEC a respeito da escolha do livro didático. Dessa maneira, os professores receberam o *link* da pesquisa apenas ao final da formação, para preencher em casa.

---

<sup>25</sup> A presente pesquisa foi submetida ao comitê de ética, sendo aprovada em 10/05/2022, sob o parecer nº 5.400.043.

Dos vinte e dois formulários de consentimento preenchidos durante a formação do dia catorze, doze pessoas efetivamente responderam o questionário da pesquisa. Dessas doze pessoas, todas são do gênero feminino, na faixa etária de 38 a 53 anos, sendo uma pessoa de 38 anos, duas de 41, quatro pessoas de 42 anos, uma de 44, uma de 48, uma de 50 e uma de 53 anos.

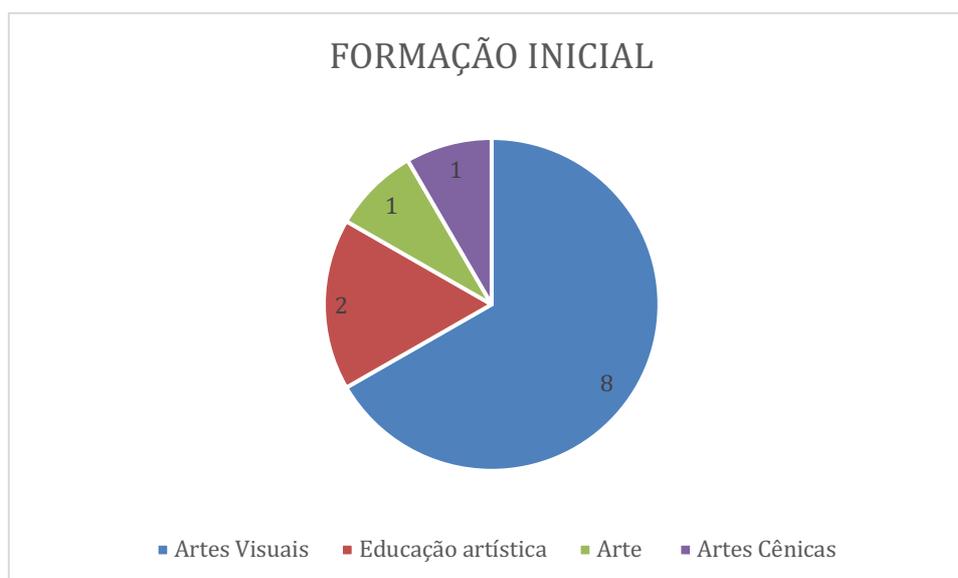
Gráfico 1 - Idade das participantes



Fonte: Dados do questionário de pesquisa.

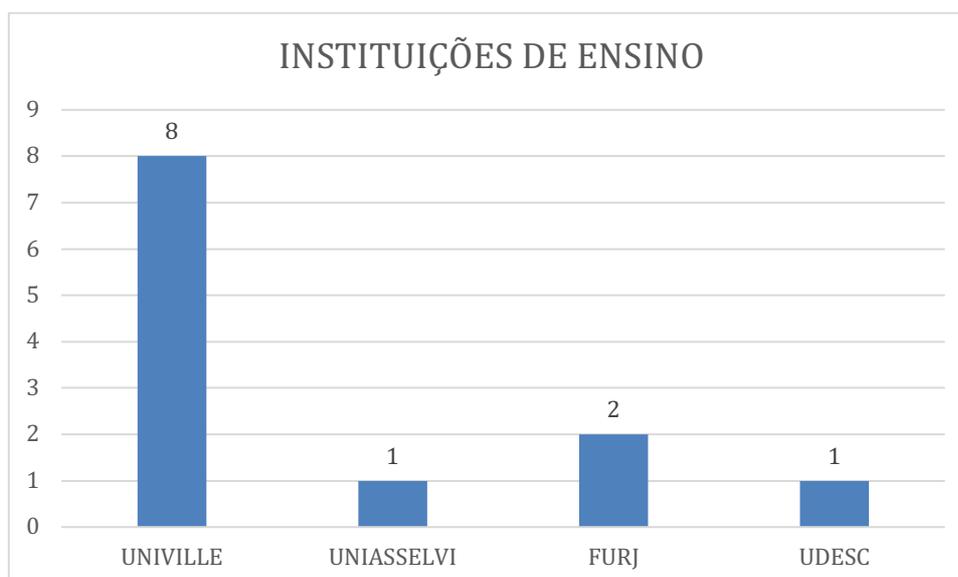
Relacionado à formação, oito participantes possuem formação em Artes Visuais, sendo que destas, cinco cursaram na Univille (Universidade da Região de Joinville), e uma na Uniasselvi, respectivamente nos anos 2002, 2007, 2005 e 2018, e as outras não mencionaram a instituição, uma delas mencionando a formação no ano de 2012 e a outra não listou o ano. Duas participantes citaram formação em Educação Artística, sendo a instituição nomeada Fundação Educacional da Região de Joinville (FURJ, atual Univille), nos anos de 1994 e 2000. Uma delas citou a formação em Arte, sem nomear a instituição nem o ano, e outra participante citou a formação em Educação Artística com habilitação em Artes Cênicas da UDESC, sem mencionar o ano de formação.

Gráfico 2 - Formação inicial das participantes



Fonte: Dados do questionário de pesquisa.

Gráfico 3 - Instituições de ensino cursadas pelas participantes



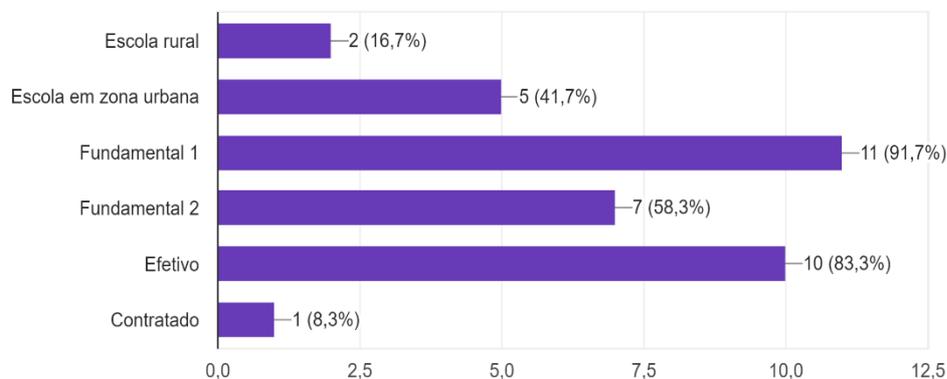
Fonte: Dados do questionário de pesquisa.

Relacionado ao nível de atuação, das doze participantes, quatro citaram atuar no fundamental um e sete citaram atuar nos níveis fundamental um e dois. Uma participante não mencionou em que nível de ensino atua. É importante destacar que o nível fundamental de ensino conta com nove anos, sendo divididos em fundamental um os anos do primeiro ao quinto, e fundamental dois contempla os anos do sexto ao nono.

Gráfico 4 - área de atuação das participantes

Área de atuação:

12 respostas



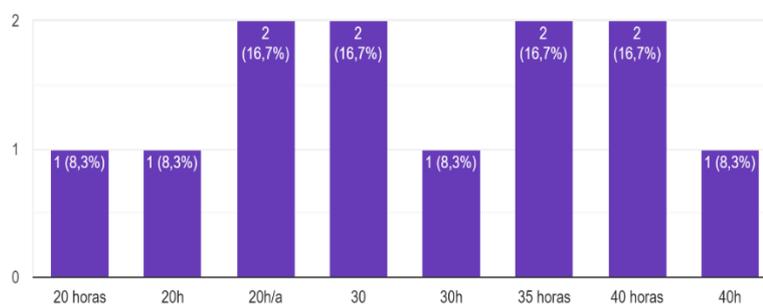
Fonte: Dados do questionário de pesquisa.

Sobre o tipo de vínculo com a rede de ensino, dez participantes são professoras efetivas, uma contratada e uma não mencionou em que vínculo atua. Com relação à carga horária de trabalho, três assinalaram que trabalham 40 horas, tendo oito horas-atividade; três disseram trabalhar 30 horas, tendo seis horas-atividade semanais e quatro trabalham 20 horas, tendo quatro horas-atividade e uma assinalou que trabalha 35 horas semanais, tendo 7 horas-atividade.

Gráfico 5 - Carga horária semanal das participantes

Carga horária semanal:

12 respostas



Fonte: Dados do questionário de pesquisa.

Dentro do contexto educacional em arte na rede municipal de Joinville,

enfocando o fator de diferença de gênero, é possível observar a maior predominância do gênero feminino ao se observar os dados: a rede conta com cento e cinco professores de arte, sendo onze do gênero masculino e noventa e quatro do gênero feminino. Diante dos dados, é realidade que o grupo de professores de Arte do gênero masculino representam 13,92% do corpo docente da rede, sendo o restante total do gênero feminino, ou seja, 86,08%.

Sobre a questão do gênero na docência, conforme afirma Hillesheim (2018, p. 152), isso não chega a ser um problema em si, porém, é respaldo para discussões que são importantes, pois muitas questões ainda permanecem para reflexão: por que os homens, em sua maioria, não se sentem impelidos a exercer a docência em artes?

Embora essa questão seja um conteúdo rico a ser elaborado e discutido, esse não é o foco da presente pesquisa, ficando de sugestão para possíveis estudos que pensem a predominância do gênero feminino na docência em artes da rede municipal de Joinville.

O método de análise escolhido nesta dissertação é o do materialismo histórico-dialético, que, conforme explica Silva (2019, p. 41):

No método marxiano, um dos fundamentos mais importantes, é o auto engendramento do gênero humano, pois a realidade não é apenas exterioridade; a mediação das necessidades humanas com a natureza pressupõe também as formas subjetivas. Mas essa subjetividade está sempre em relação com as determinações existentes, o que também origina a complexidade da relação entre sujeito e objeto, que será abordada a seguir.

Dessa maneira, as respostas de cada uma das participantes foram analisadas de maneira vertical, mas também horizontal, observando-se discursos contraditórios na grande maioria das entrevistadas.

Com isso, esperamos ter contextualizado o público participante de maneira detalhada, desde idade, área de atuação, formação básica, quantidade de horas de trabalho e gênero, além do método de análise das respostas. Na próxima seção, vamos realizar o detalhamento das informações pertinentes ao questionário sobre criatividade, preenchido pelas participantes.

## 2.2 TABULAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Pretendemos, nessa seção, fazer o detalhamento descritivo das respostas obtidas no questionário aplicado no dia catorze de setembro de 2022 com doze

professoras de Arte da rede municipal de ensino de Joinville.

As perguntas foram divididas em subjetivas e objetivas, sendo esta última, uma única questão, com seis alternativas, na qual as participantes precisavam assinalar as três alternativas que mais descrevessem sua opinião sobre o tema. O objeto de pesquisa é a visão de criatividade, de maneira que as perguntas tiveram enfoque direcionado para isso.

A primeira pergunta foi: O que é criatividade para você? Todas as participantes responderam, sendo que as respostas foram:

1- *São as ideias inusitadas que criamos.*

2- *Criatividade é a capacidade de inovar, de gerar ideias, novos caminhos e proposições e aplicar seus conhecimentos para construir soluções inovadoras seja em qual área for.*

2- *É a possibilidade de criar, inventar imaginar.*

4- *Imaginar é trazer a reflexão própria as experiências vivenciadas ou adquiridas através de diferenciados modos no seu dia a dia e relacionar com o objetivo proposto ou desejável de modo que possa materializa-lo quando necessário. Criatividade é colocar em prática seu potencial imaginário advindo das experiências adquiridas na experiência vivenciada ou aprendida com os pares, práticas e principalmente pares.*

5- *É a capacidade de criar.*

6- *É a atividade de criar, é o pensamento colocado em prática. Paul Klee disse que desenhar é levar uma linha para passear, pois bem, acredito que criar é a atividade é a ação de realizar, concretizar, quando criamos somos levados pela imaginação. Também posso acrescentar aqui que a criatividade pode surgir da vontade de fazer algo ou pode surgir através de um desafio. A criatividade é o ato de criar, algumas vezes sem referencial outras com. Com o passar dos anos percebo que não existe uma condição financeira ou mesmo estímulos que possam fazer de um aluno mais ou menos criativo. Tenho alunos com ótimas condições e estímulos mas, que não querem se envolver, também tenho alunos super carentes que levam a imaginação para outro nível, tem alunos com boas condições que também desempenham atividades incríveis, ou seja, a criação está na vontade de... é aquele momento em que a vontade e a ideia se encontram com a ação do tentar por em prática algo que está no imaginário ainda. Para alguns alunos mais materiais visuais, mais estímulos ajudam, para outros trazem o copismo, então a forma de propor a aula deve ser bem pensada quando o objetivo principal é criação.*

7- *É a capacidade de imaginar e criar coisas novas ou autorais.*

8- *É experimentar diversos meios, materiais e técnicas para vivenciar a arte.*

9- *Criatividade é sair do óbvio, é ser original buscando novas formas e ideias de se criar algo.*

10- *Criatividade é uma ideia diferente. Algo inovador.*

11- *Entendo que criatividade seja uma capacidade humana de criar soluções para as necessidades que aparecem no cotidiano das pessoas. Quando os problemas nos tocam e afetam o nosso ser, logo criamos imagens mentais que podem ser concretizadas para a solução. Sendo mobilizados/as por questões de ordem material e intelectual, juntamos e separamos "pecinhas" para criar um arranjo que as solucione. Assim, entendo que a criatividade não é espontânea e gratuita, ela é estimulada pelos desafios que se mostram às pessoas./*

12- *É inventar algo novo diferente do que existe com o conhecimento e mistura.*

A segunda pergunta foi: Quais artistas são suas principais referências estéticas para a elaboração do seu plano de ensino? Nessa questão, os artistas listados pelas participantes foram: Valério Mattos, Amandos Sell, Tereza Martorano, Salvador Dali, Leda Catunda, Mondrian, Vick Muniz, Tarsila do Amaral, Diego Rivera, Yayoi Kusama, Beatriz Milhazes, Calu Fontes, Gaudi, Van Gogh, Paul Klee, Fritz Alt, Franz Krajcberg, Di Cavalcanti, Monet, Ron Meuck, Vitor Meireles, Portinari, Claudio Tozzi, Almeida Junior, Rembrandt, Franz Krajcberg, Picasso, Maria Bonomi, Van Gogh, Leonardo da Vinci, Kandinsky, Matisse, Munch, Eli Heil, André Derain, Segall, Anita Malfati, Meyer Filho. Duas participantes não mencionaram artistas, mas responderam da seguinte maneira: Relacionado a habilidade e objetos de conhecimento/ Um pouco de todos, pois acho que todos tem sua importância na criação artística.

Ao total foram cinquenta e cinco referências estéticas variadas, sendo que os artistas que foram mencionados por mais de uma participante foram: Tarsila do Amaral (5 participantes), Van Gogh (5 participantes), Picasso (3 participantes), Vick Muniz (3 participantes), Portinari (3 participantes), Mondrian (2 participantes), Salvador Dali (2 participantes), Kandinsky (2 participantes), Franz Krajcberg (2 participantes) e Beatriz Milhazes (2 participantes).

A terceira pergunta: Quais teóricos do ensino de arte embasam o seu fazer pedagógico? obteve as seguintes respostas: Vygotsky, Ana Mae Barbosa, Fayga Ostrower, Miriam Celeste Martins, Kátia Canton, Luciana Mourão Arslan, Rosa Iavelberg, Rosa Iavelberg, Tom Fraser, Adam Banks, Elisa Kiyoko Gunzi, Mendes, Rodrigo Hübner, Cavalhero, José, Gitahy, Otto G. Ocvirk, Robert E. Stinson, Philip R. Wigg), Robert O. Bone, e David L. Cayton, Ernst Gombrich, Viola Spolin, Paulo Freire,

Augusto Boal. Foram listados ao total trinta e nove teóricos, sendo que a teórica Ana Mae Barbosa foi mencionada por oito das doze participantes, Miriam Celeste Martins por três, Fayga Ostrower por três participantes e Vigotsky por duas. Uma participante mencionou que seu referencial teórico é de artigos ligados à arte e uma afirmou que lê um pouco de todos, pois acredita que cada um tem a sua importância.

A quarta pergunta foi: No seu ponto de vista, quais os quesitos necessários em um plano de aula cujo objetivo seja o desenvolvimento da criatividade? Foram obtidas as seguintes respostas:

- 1- Uma atividade com recorte, colagem, em que seja o aluno que crie a imagem.*
- 2- Espaço para o diálogo entre os alunos e o professor, espaço para socializar sobre os trabalhos produzidos, espaço para proposições vindas dos alunos para os projetos futuros, espaço para escolha intencional de materiais por parte do aluno para desenvolvimento da sua proposta autoral, espaço físico adequado, espaço, espaço, espaço, espaço.*
- 3- Leitura de imagens. Comunicação, diálogo, envolvimento do professor e dos alunos.*
- 4- Compreensão dos elementos visuais de arte, relacionados com os artistas suas obras, reflexão poética sobre a temática apresentada e a realidade inserida da comunidade escolar, práticas em ambientes adequados como salas especiais para Arte.*
- 5- Mostrar possibilidades, instigar o pensamento criativo a partir das vivências dessas linguagens.*
- 6- Quando desejo trazer o exercício da criação, já fiz: Exemplo:-Se explorar o uso o papel colorido, levo papel de reuso para explorarem possibilidade de cortes, depois entrego os papeis coloridos para a criação. -Já fiz isso com tinta, com reciclados para escultura, com uso de tecidos, instalação e etc. Outra vez explorei as linhas e as formas já existentes depois criaram a sua própria forma. Criação de personagem iniciei com a escrita das características e personalidade depois partiram para o desenho e pintura. Também já iniciei como um tema, apresentei obras de vários artistas com o mesmo tema e pedi para que explorassem outras formas de passar a mesma mensagem ou expressão artística. Acho que tudo depende de como e com quais materiais vou iniciar a proposta. Poderia sintetizar com: Exploração dos materiais ou dos temas.*
- 7- Leitura de imagens de produções artísticas diversificadas, produção artística com técnicas variadas.*

8- Os objetos de conhecimento e materialidades.

9- Referências visuais, os alunos precisam apreciar artistas e suas obras e muitos materiais artísticos para poderem colocar em prática suas ideias. Infelizmente é o que mais nos falta em sala de aula, espaço adequado e diversidade de materiais.

10- Atividades que estimulem o pensamento a partir do seu repertório pessoal.

11- Penso que sejam necessárias diversas atividades sobre o mesmo tema, de forma que a visão das crianças seja ampliada e que aqueles que não obtiveram um entendimento com uma atividade, possam aprender com a outra. Referencial imagético. Falar sobre o assunto, fazer leitura de imagens. Compreender os discursos e simbologias das imagens de arte.

12- Ver muitas coisas e sentir a arte nas suas diversas linguagens de arte.

A questão 5: Descreva uma atividade que aplicou em sala de aula que, em sua opinião, produziu resultados positivos no desenvolvimento da criatividade de seus alunos, obteve as seguintes respostas:

1- Apropriação de imagem

2- Para saírem o bidimensional ao tridimensional por exemplo os alunos dos 9os anos em equipes escolheram uma pintura Surrealista e a revistaram tridimensionalmente. Este exercício fez com que lessem as obras sob outro olhar e discutissem sobre conceitos, materiais e formas de construção criativas para alcance do resultado final.

3- Atividade com lápis aquarela e papel canson.

4- Formas abstratas e o universo imaginário, Abordagem artística Eli Heil. Formas geométricas e o imaginário, Yahoo Kusama, ...

5- Impressionismo, a partir da contemplação de como a luz do sol mudava todo um contexto artístico. O uso de várias tonalidades que eles agora acabam usando em todas as atividades.

6- Criação de personagem.

Uso das formas em processos não figurativos

Releitura de temas ou obras

7- Recorte e colagem com papéis coloridos. Criação de um monstrinho. Atividade proposta após leitura de imagens dos artistas Miró, Eli Heil e Schwanke. Após assistir o filme monstros SA.

8- Dependendo do objeto de conhecimento trabalhado deixo a técnica livre, gosto muito de ver o resultado da criação deles, viajam e experimentam diversos materiais e técnicas.

9- Este ano um trabalho que deu muito certo foi a produção de STOP MOTION com os 7º anos. Após aprender um pouco sobre o tema, os alunos foram divididos em grupos e tiveram que criar um roteiro, personagens, cenários, etc. Eles tiraram as fotos e editaram num app. Depois de tudo pronto, fizemos uma sessão pipoca e assistimos todos os stop motions produzidos pelas 3 turmas de 7º anos da escola. Foi muito bom.

10- Criação de um personagem imaginário.

11- Elaboração de uma roupa de papel craft que funcionasse também como casa/esconderijo. Esta atividade começou com a leitura e análise de imagens do livro didático. Depois cantamos uma música sobre casa, desenhamos sobre o tema e por fim, propus que, em grupos, construíssem uma roupa-carapaça.

12- A produção de um hino de guerra das olimpíadas da escola. Tinham um grande envolvimento com criatividade na letra da música e percussão. Em bichos inventados no desenho de bichos com linhas livres. Trazendo música para o antes da criação.

A seguinte pergunta foi: Você considera o desenvolvimento da criatividade de seus alunos quando planeja suas aulas? Como você aborda isso? Abaixo, estão listadas as doze respostas das participantes da pesquisa:

1- Sim. Sugiro ideias novas que não foram feitas, de autoria do aluno

2- Sim. Sempre procurando deixar espaço para que possam inovar nas soluções, materiais, temas, linguagens etc.

3- Sim. Através de leitura de imagens, muita conversa, explicação, aula invertida, pesquisa, diálogo.

4- Sim considero. Inclusive relaciono os objetos de conhecimento com atividades práticas que leve a explorar e desenvolver ainda mais seu potencial criativo. Peço ao final que cada aluno que desejar vá à frente e socialize aí prática e ideias.

5- Sim, mostra-se possibilidades de criação, técnicas diferentes para a execução.

6- Sim, a apresentação do pensamento sobre os girassóis de Van Gogh são amarelos mas se uma aluno os faz em azul, pergunto exploro essa condição, todas as atividades tem potencial criativo, é claro que algumas vezes o foco do planejamento é trazer essa percepção.

7- Sim. Em todas. Fazendo propostas abertas em que podem decidir seus próprios caminhos artísticos e apreciando imagens e vídeos de diversos artistas diferentes para motivar pensamentos e criações.

8- Sim, depende do objeto de conhecimento estudado em questão.

9- *Sim... eles já sabem que é um dos pontos a serem avaliados. Tento sempre incentivá-los a pensar em algo novo, usar a folha de um jeito diferente, pensar as formas de um jeito diferente...*

10- *Sim. A partir de uma proposta inicial, com exemplos e roda de conversa sobre as diversas possibilidades.*

11- *Na verdade, não penso especificamente sobre isso. Porém, vejo que uma aula planejada com muitos referenciais estimula mais as crianças a criarem, fica mais fácil para elas criarem. Ao passo que aulas que vão direto para a atividade, sem considerar referenciais imagéticos, dificulta a criação de imagens pelas crianças. Assim, procuro trazer sempre imagens de obras de arte, e fazer leitura das imagens com as crianças, estimulando a imaginação.*

12- *O espaço do fazer são abordados o que eles fazem do jeito e pensamento próprio.*

A pergunta número sete foi: Que características uma atividade deveria ter para favorecer o ato criativo dos alunos? As participantes deram as seguintes respostas:

1- *Ideia nova do aluno*

2- *Liberdade de gerar, por em prática e socializar ideias.*

3- *Esclarecimentos bem claro sobre a proposta da atividade, objetivos específicos, respeitar a opinião do aluno, incentivar o processo criativo.*

4- *Referências artísticas, embasamento do objeto de conhecimento com a realidade é incentivo à prática com os materiais que a escola possui ou o aluno. Para isso é necessário muita reflexão do professor e conhecimento da sua comunidade escolar.*

5- *Idem 7*

6- *A principal característica para mim é a exploração dos materiais, quando eu posso proporcionar isso ao aluno aliado a tempo de execução a criatividade é mais latente nos trabalhos.*

7- *Motivação com a diversidade de imagens e orientações abertas sobre o processo de produção.*

8- *Obras de arte que permitam isso, professor incentivador para a atividade.*

9- *A atividade precisa instigar o aluno a pensar em algo novo, diferente, ele precisa resolver aquele "problema" que você deu a ele, fazer ele pensar "fora da caixinha". Quase sempre quando sai do óbvio, chama mais atenção, cria mais impacto, tanto na gente, como neles também.*

10- *Atividade que estimule o pensamento crítico.*

11- *Apresentar um desafio; ser lúdica; ser seguida por análise de referenciais; envolver a própria história, elementos do cotidiano e opinião das crianças.*

12- *Muito experimentar.*

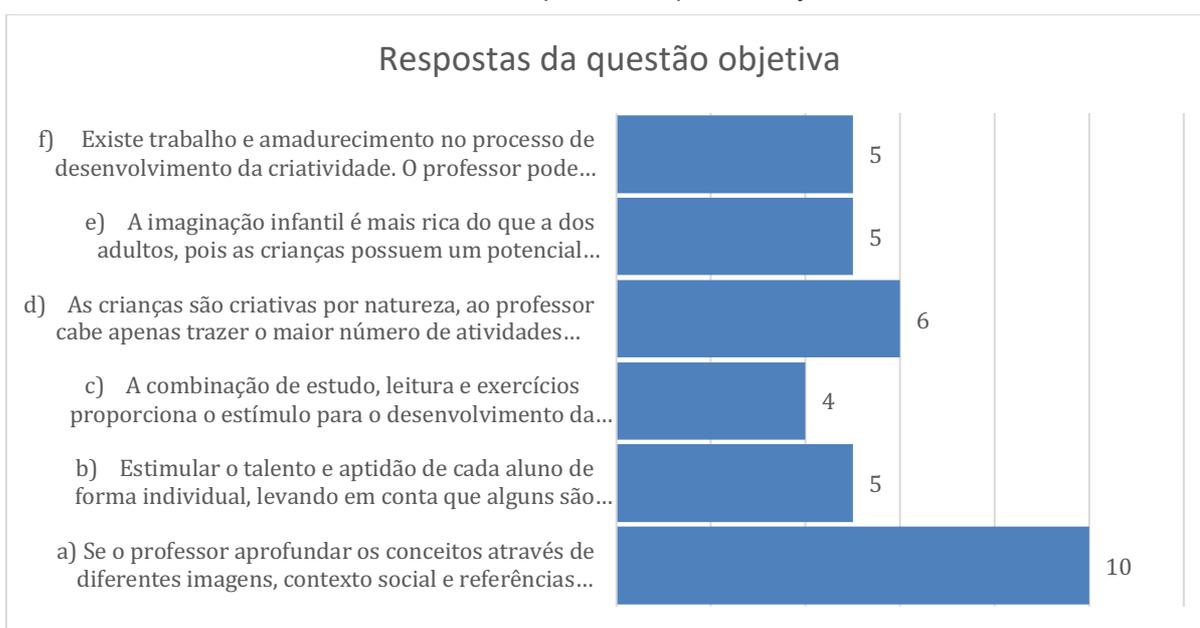
A questão objetiva proposta às participantes foi: Assinale, nos tópicos abaixo, TRÊS itens que você considera primordiais no estímulo da criatividade dos alunos:

- a) Se o professor aprofundar os conceitos através de diferentes imagens, contexto social e referências variadas vai proporcionar mais possibilidade de produções criativas entre os alunos.
- b) Estimular o talento e aptidão de cada aluno de forma individual, levando em conta que alguns são mais ou menos criativos do que outros, auxilia a desenvolver o potencial criativo dos alunos.
- c) A combinação de estudo, leitura e exercícios proporciona o estímulo para o desenvolvimento da criatividade.
- d) As crianças são criativas por natureza, ao professor cabe apenas trazer o maior número de atividades variadas e lúdicas para que elas se desenvolvam e desabrochem em seu potencial criador.
- e) A imaginação infantil é mais rica do que a dos adultos, pois as crianças possuem um potencial criador bem desenvolvido que pode ser tolhido se o professor intervir com atividades muito direcionadas.
- f) Existe trabalho e amadurecimento no processo de desenvolvimento da criatividade. O professor pode auxiliar este processo com um plano de aula rico em conceitos, imagens e conteúdos historicamente elaborados pela humanidade.

Nessa resposta, tivemos os seguintes resultados: dez das doze participantes assinalaram que se o professor aprofundar os conceitos através de diferentes imagens, contexto social e referências variadas, vai proporcionar mais possibilidade de produções criativas entre os alunos. Cinco das doze participantes assinalaram: Estimular o talento e aptidão de cada aluno de forma individual, levando em conta que alguns são mais ou menos criativos do que outros, auxilia a desenvolver o potencial criativo dos alunos. Quatro das doze participantes assinalaram que: A combinação de estudo, leitura e exercícios proporciona o estímulo para o desenvolvimento da criatividade. Seis participantes assinalaram que as crianças são criativas por natureza, ao professor cabe apenas trazer o maior número de atividades variadas e lúdicas para que elas se desenvolvam e desabrochem em seu potencial criador. Cinco

participantes assinalaram: A imaginação infantil é mais rica do que a dos adultos, pois as crianças possuem um potencial criador bem desenvolvido que pode ser tolhido se o professor intervir com atividades muito direcionadas. Por fim, cinco assinalaram: Existe trabalho e amadurecimento no processo de desenvolvimento da criatividade. O professor pode auxiliar este processo com um plano de aula rico em conceitos, imagens e conteúdos historicamente elaborados pela humanidade.

Gráfico 6 – Respostas da questão objetiva



Fonte: Dados do questionário da pesquisa

As questões oito, nove e dez do questionário foram direcionadas à hora-atividade, questionando a quantidade de horas-atividade semanais, item já descrito na seção anterior, quanto tempo dessas horas é despendido com questões burocráticas e quantas restam para elaboração do planejamento e correções. Dessa maneira, é importante trazer a reflexão para esse ponto, principalmente se considerar que, para que haja um planejamento adequado, é necessário tempo para pesquisa e a elaboração. Abaixo estão as respostas das participantes relacionada ao tempo para planejamento na escola:

1- Para a parte burocrática 8 h semanais e 4h para planejamento e pesquisa para as aulas 4 horas-atividade para a parte burocrática, mas não são suficientes para este trabalho.

2- Quase nenhuma sobra. A maioria são para questões burocráticas.

3- *Excedem as aulas atividades o preenchimento de questões burocráticas. Geralmente utilizo um dia da semana para preparar minhas aulas de Arte em casa sem remuneração por isso.*

4- *Nas minhas horas-atividades acabo só pesquisando materiais e separando para as aulas e as correções, a parte de planejamento faço fora desse horário em casa com mais calma.*

5- *Bem o tempo na escola praticamente passo reorganizando e organizando os materiais das aulas, próximo aos lançamentos de notas e registros esse tempo é consumido para isso, mais planejamento mesmo só consigo fazer um casa nos finais de semana.*

6- *Uso esse tempo para as duas coisas mais para expor trabalhos dos alunos pela Escola.*

7- *Ultimamente a parte burocrática está sendo muito desgastante para nós professores, na verdade não sobra tempo para planejar durante a semana, faço normalmente fim de semana.*

8- *3 h/a para planejar/ 3h/a para parte burocrática*

9- *2 aulas para as questões burocráticas e as demais para o planejamento.*

10- *2h/a para planejamento e 4 para preencher evn, avaliar trabalhos e expor e imprimir folhas.*

11- *Praticamente todo o tempo é direcionado a questão burocrática, pesquisa sobra pouco, menos de uma aula.*

Em seguida, a questão seguinte: 'Diante da sua realidade, você acredita que o tempo disponível em sua carga horária semanal é suficiente para elaborar um plano de aula que favoreça o desenvolvimento intelectual dos alunos? Justifique.' foi respondida da seguinte maneira pelas doze participantes da pesquisa:

1- *Não. Temos pouco tempo*

2- *Não é suficiente.*

3- *Não, é um tempo muito curto. Também existem outras situações e funções para resolver na escola.*

4- *Não é suficiente. Como disse na resposta anterior, trabalho 20 h e dedico um dia sem remuneração para preparação do planejamento adequado às aulas de arte.*

5- *Não, idem 10.*

6- *Não, porque passo longas horas me organizando em casa, nas noites e nos finais de semana. Se conseguisse realizar na escola não precisaria do tempo extra, já tentei*

*inúmeras vezes realizar tudo na escola mas infelizmente resolvi aceitar que dói menos, é horrível ir trabalhar e não ter ou saber o que fazer no encontro com os alunos, nossa aula é prática e nos consome muito tempo de orientação e auxílio durante as aulas mal dá para fazer registro. Outra questão é o alto número de alunos, e as poucas aulas, alie tudo isso a não ter um espaço fixo onde podemos nos organizar com materiais e etc. Falta um ateliê em cada escola e que seja respeitado para isso, não sendo usado para outros fins.*

*7- Considerando o tempo de experiência e os materiais pedagógicos já selecionados neste longo período de experiência consigo me organizar nesse período de aulas atividades. Mas penso que um professor iniciante tenha dificuldades.*

*8- Não. Pois falta tempo para planejar, atender os alunos, corrigir, abordar os conteúdos, médias, relatórios, planilhas para preencher e muito mais...*

*9- Não, tenho 24 turmas, sendo do 1° ao 9° ano. São demandas totalmente diferentes, práticas totalmente diferentes. É impossível dar conta de tudo, infelizmente algo fica sempre por fazer.*

*10- Não. Acredito que mais horas-atividades poderiam contribuir com mais tempo para desenvolver as atividades.*

*11- Certamente o tempo para a aula de artes aprofundar conteúdos e práticas é insuficiente. Sem aprofundamento, o conhecimento não pode ser desenvolvido, porque a superficialidade com que aplicamos o nosso plano de aula acaba se tornando apenas breves experiências ou momentos de descontração. Tanto a hora atividade é insuficiente para elaborar um bom plano como o tempo de aula dado é pequeno para aprofundar os conhecimentos em arte. Para elaborar um bom plano de aula precisamos de mais tempo de leitura e pesquisa, porque os conteúdos e linguagens e epistemologias são constantemente modificados pelo decorrer da história, por isso precisamos nos atualizar.*

*12- Não, o que ainda prevalece são as notas. Tento fazer fora de meu horário os planejamentos.*

Para maior clareza das respostas, apresentamos cada uma das participantes individualmente em tabelas.

Tabela 1 – Respostas da Professora 1

<b>Perguntas:</b>	<b>Professora 1</b>
1- O que é criatividade para você?	São as ideias inusitadas que criamos.

2 - Quais artistas são suas principais referências estéticas para a elaboração do seu plano de ensino?	Valério Mattos, Amandos Sell, Tereza Martorano
3- Quais teóricos do ensino de arte embasam o seu fazer pedagógico?	Vigotsky
4- No seu ponto de vista, quais os quesitos necessários em um plano de aula cujo objetivo seja o desenvolvimento da criatividade?	Uma atividade com recorte, colagem, em que seja o aluno que crie a imagem
5- Descreva uma atividade que aplicou em sala de aula que, em sua opinião, produziu resultados positivos no desenvolvimento da criatividade de seus alunos.	Apropriação de imagem
6- Você considera o desenvolvimento da criatividade de seus alunos quando planeja suas aulas? Como você aborda isso?	Sim. Sugiro ideias novas que não foram feitas, de autoria do aluno
7- Que características uma atividade deveria ter para fomentar o potencial criativo dos alunos?	Ideia nova do aluno
8- Quantas horas-atividades você tem em sua carga horária semanal?	4h
9- Desse tempo de horas-atividades semanais, quantas horas você despense em preenchimento de questões burocráticas e quanto tempo das suas horas-atividades semanais restam para elaboração do planejamento e pesquisa de conteúdos a serem trabalhados em aula?	Para a parte burocrática 8 h semanais e 4h para planejamento e pesquisa para as aulas
10- Diante da sua realidade, você acredita que o tempo disponível em sua	Não. Temos pouco tempo

<p>carga horária semanal é suficiente para elaborar um plano de aula que favoreça o desenvolvimento intelectual dos alunos? Justifique.</p>	
<p>11- Assinale, nos tópicos abaixo, três itens que você considera primordiais no estímulo da criatividade dos alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>a) Se o professor aprofundar os conceitos através de diferentes imagens, contexto social e referências variadas vai proporcionar mais possibilidade de produções criativas entre os alunos.</li> <li>b) Estimular o talento e aptidão de cada aluno de forma individual, levando em conta que alguns são mais ou menos criativos do que outros, auxilia a desenvolver o potencial criativo dos alunos.</li> <li>c) A combinação de estudo, leitura e exercícios proporciona o estímulo para o desenvolvimento da criatividade.</li> <li>d) As crianças são criativas por natureza, ao professor cabe apenas trazer o maior número de atividades variadas e lúdicas para que elas se desenvolvam e desabrochem em seu potencial criador.</li> <li>e) A imaginação infantil é mais rica do que a dos adultos, pois as</li> </ul>	<p>Se o professor aprofundar os conceitos através de diferentes imagens, contexto social e referências variadas vai proporcionar mais possibilidade de produções criativas entre os alunos. Estimular o talento e aptidão de cada aluno de forma individual, levando em conta que alguns são mais ou menos criativos do que outros, auxilia a desenvolver o potencial criativo dos alunos.</p>

<p>crianças possuem um potencial criador bem desenvolvido que pode ser tolhido se o professor intervir com atividades muito direcionadas.</p> <p>f) Existe trabalho e amadurecimento no processo de desenvolvimento da criatividade. O professor pode auxiliar este processo com um plano de aula rico em conceitos, imagens e conteúdos historicamente elaborados pela humanidade.</p>	
---	--

Fonte: Dados do questionário de pesquisa

Tabela 2 – Respostas da Professora 2

<b>Perguntas:</b>	<b>Professora 2</b>
1- O que é criatividade para você?	Criatividade é a capacidade de inovar, de gerar ideias, novos caminhos e proposições e aplicar seus conhecimentos para construir soluções inovadoras seja em qual área for.
2 – Quais artistas são suas principais referências estéticas para a elaboração do seu plano de ensino?	Essa escolha está relacionada à habilidade, e aos objetos de conhecimento e às matrizes estéticas que serão abordadas naquele projeto/plano/momento. Procuo nutrir esteticamente o olhar dos alunos trazendo o máximo de referências possíveis.
3- Quais teóricos do ensino de arte embasam o seu fazer pedagógico?	Ana Mae Barbosa, Faiga Ostrower, Miriam Celeste Martins.
4- No seu ponto de vista, quais os	Espaço para o diálogo entre os alunos

<p>questos necessários em um plano de aula cujo objetivo seja o desenvolvimento da criatividade?</p>	<p>e o professor – espaço para socializar sobre os trabalhos produzidos – espaço para proposições vindas dos alunos para os projetos futuros – espaço para escolha intencional de materiais por parte do aluno para desenvolvimento da sua proposta autoral – espaço físico adequado – espaço, espaço, espaço, espaço</p>
<p>5- Descreva uma atividade que aplicou em sala de aula que, em sua opinião, produziu resultados positivos no desenvolvimento da criatividade de seus alunos.</p>	<p>Para saírem o bidimensional ao tridimensional por exemplo os alunos dos 9os anos em equipes escolheram uma pintura Surrealista e a revistaram tridimensionalmente. Este exercício fez com que lessem as obras sob outro olhar e discutissem sobre conceitos, materiais e formas de construção criativas para alcance do resultado final.</p>
<p>6- Você considera o desenvolvimento da criatividade de seus alunos quando planeja suas aulas? Como você aborda isso?</p>	<p>Sim. Sempre procurando deixar espaço para que possam inovar nas soluções, materiais, temas, linguagens etc</p>
<p>7- Que características uma atividade deveria ter para fomentar o potencial criativo dos alunos?</p>	<p>Liberdade de gerar, por em pratica e socializar ideias.</p>
<p>8- Quantas horas-atividades você tem em sua carga horária semanal?</p>	<p>4hs atividade.</p>
<p>9- Desse tempo de horas-atividades semanais, quantas horas você despense em preenchimento de questões burocráticas e quanto tempo das suas horas-atividades semanais restam para</p>	<p>4hs atividade para a parte burocrática, mas não são suficientes para este trabalho.</p>

<p>elaboração do planejamento e pesquisa de conteúdos a serem trabalhados em aula?</p>	
<p>10- Diante da sua realidade, você acredita que o tempo disponível em sua carga horária semanal é suficiente para elaborar um plano de aula que favoreça o desenvolvimento intelectual dos alunos? Justifique.</p>	<p>Não é suficiente.</p>
<p>11- Assinale, nos tópicos abaixo, três itens que você considera primordiais no estímulo da criatividade dos alunos:</p> <p>a) Se o professor aprofundar os conceitos através de diferentes imagens, contexto social e referências variadas vai proporcionar mais possibilidade de produções criativas entre os alunos.</p> <p>b) Estimular o talento e aptidão de cada aluno de forma individual, levando em conta que alguns são mais ou menos criativos do que outros, auxilia a desenvolver o potencial criativo dos alunos.</p> <p>c) A combinação de estudo, leitura e exercícios proporciona o estímulo para o desenvolvimento da criatividade.</p> <p>d) As crianças são criativas por natureza, ao professor cabe apenas trazer o maior número de atividades variadas e lúdicas para</p>	<p>As crianças são criativas por natureza, ao professor cabe apenas trazer o maior número de atividades variadas e lúdicas para que elas se desenvolvam e desabrochem em seu potencial criador. A imaginação infantil é mais rica do que a dos adultos, pois as crianças possuem um potencial criador bem desenvolvido que pode ser tolhido se o professor intervir com atividades muito direcionadas.</p> <p>Existe trabalho e amadurecimento no processo de desenvolvimento da criatividade. O professor pode auxiliar este processo com um plano de aula rico em conceitos, imagens e conteúdos historicamente elaborados pela humanidade.</p>

<p>que elas se desenvolvam e desabrochem em seu potencial criador.</p> <p>e) A imaginação infantil é mais rica do que a dos adultos, pois as crianças possuem um potencial criador bem desenvolvido que pode ser tolhido se o professor intervir com atividades muito direcionadas.</p> <p>f) Existe trabalho e amadurecimento no processo de desenvolvimento da criatividade. O professor pode auxiliar este processo com um plano de aula rico em conceitos, imagens e conteúdos historicamente elaborados pela humanidade.</p>	
---	--

Tabela 3 – Respostas da Professora 3

<b>Perguntas:</b>	<b>Professora 3</b>
1- O que é criatividade para você?	É a possibilidade de criar, inventar imaginar.
2 - Quais artistas são suas principais referências estéticas para a elaboração do seu plano de ensino?	São vários, Salvador Dalí, Vick Muniz, Tarsila do Amaral, Diego Rivera, Mondrian, Leda Catunda, etc.
3- Quais teóricos do ensino de arte embasam o seu fazer pedagógico?	Ana Mei Barbosa.
4- No seu ponto de vista, quais os quesitos necessários em um plano de aula cujo objetivo seja o desenvolvimento da criatividade?	Leitura de imagens. Comunicação, diálogo, envolvimento do professor e dos alunos.
5- Descreva uma atividade que aplicou	Atividade com lápis aquarela e papel

em sala de aula que, em sua opinião, produziu resultados positivos no desenvolvimento da criatividade de seus alunos.	canson.
6- Você considera o desenvolvimento da criatividade de seus alunos quando planeja suas aulas? Como você aborda isso?	Sim. Através de leitura de imagens, muita conversa, explicação, aula invertida, pesquisa, diálogo.
7- Que características uma atividade deveria ter para fomentar o potencial criativo dos alunos?	Esclarecimentos bem claro sobre a proposta da atividade, objetivos específicos, respeitar a opinião do aluno, incentivar o processo criativo.
8- Quantas horas-atividades você tem em sua carga horária semanal?	08 aulas
9- Desse tempo de horas-atividades semanais, quantas horas você despende em preenchimento de questões burocráticas e quanto tempo das suas horas-atividades semanais restam para elaboração do planejamento e pesquisa de conteúdos a serem trabalhados em aula?	Quase nenhuma sobra. A maioria são para questões burocráticas.
10- Diante da sua realidade, você acredita que o tempo disponível em sua carga horária semanal é suficiente para elaborar um plano de aula que favoreça o desenvolvimento intelectual dos alunos? Justifique.	Não.. é um tempo muito curto. Também são outras situações e funções para resolver na escola.
11- Assinale, nos tópicos abaixo, três itens que você considera primordiais no estímulo da criatividade dos alunos: a) Se o professor aprofundar os conceitos através de diferentes	Se o professor aprofundar os conceitos através de diferentes imagens, contexto social e referências variadas vai proporcionar mais possibilidade de produções criativas entre os alunos.

<p>imagens, contexto social e referências variadas vai proporcionar mais possibilidade de produções criativas entre os alunos.</p> <p>b) Estimular o talento e aptidão de cada aluno de forma individual, levando em conta que alguns são mais ou menos criativos do que outros, auxilia a desenvolver o potencial criativo dos alunos.</p> <p>c) A combinação de estudo, leitura e exercícios proporciona o estímulo para o desenvolvimento da criatividade.</p> <p>d) As crianças são criativas por natureza, ao professor cabe apenas trazer o maior número de atividades variadas e lúdicas para que elas se desenvolvam e desabrochem em seu potencial criador.</p> <p>e) A imaginação infantil é mais rica do que a dos adultos, pois as crianças possuem um potencial criador bem desenvolvido que pode ser tolhido se o professor intervir com atividades muito direcionadas.</p> <p>f) Existe trabalho e amadurecimento no processo de desenvolvimento da criatividade. O professor pode auxiliar este</p>	<p>Estimular o talento e aptidão de cada aluno de forma individual, levando em conta que alguns são mais ou menos criativos do que outros, auxilia a desenvolver o potencial criativo dos alunos.</p> <p>A imaginação infantil é mais rica do que a dos adultos, pois as crianças possuem um potencial criador bem desenvolvido que pode ser tolhido se o professor intervir com atividades muito direcionadas.</p>
---	---

<p>processo com um plano de aula rico em conceitos, imagens e conteúdos historicamente elaborados pela humanidade.</p>	
--	--

Fonte: Dados do questionário de pesquisa

Tabela 4 – Respostas da Professora 4

<b>Perguntas:</b>	<b>Professora 4</b>
1- O que é criatividade para você?	Imaginar é trazer a reflexão própria as experiências vivenciadas ou adquiridas através de diferenciados modos no seu dia a dia e relacionar com o objetivo proposto ou desejável de modo que possa materializá-lo quando necessário. Criatividade é colocar em prática seu potencial imaginário advindo das experiências adquiridas na experiência vivenciada ou aprendida com os pares, práticas e principalmente pares.
2 - Quais artistas são suas principais referências estéticas para a elaboração do seu plano de ensino?	Yahoo Kusama, Beatriz Milhazes, Calu Fontes, Gaudí, entre muitos outros...
3- Quais teóricos do ensino de arte embasam o seu fazer pedagógico?	Ana Mae Barbosa
4- No seu ponto de vista, quais os quesitos necessários em um plano de aula cujo objetivo seja o desenvolvimento da criatividade?	Compreensão dos elementos visuais de arte, relacionados com os artistas suas obras, reflexão poética sobre a temática apresentada e a realidade inserida da comunidade escolar, práticas em ambientes adequados como salas desperdiçaria para Arte.
5- Descreva uma atividade que aplicou em sala de aula que, em sua opinião,	Formas abstratas e o universo imaginário, Abordagem artística Eli

<p>produziu resultados positivos no desenvolvimento da criatividade de seus alunos.</p>	<p>Heil. Formas geométricas e o imaginário, Yahoo Kusama, ...</p>
<p>6- Você considera o desenvolvimento da criatividade de seus alunos quando planeja suas aulas? Como você aborda isso?</p>	<p>Sim considero. Inclusive relaciono os objetos de conhecimento com atividades práticas que leve a explorar e desenvolver ainda mais seu potencial criativo. Peço ao final que cada aluno que desejar vá à frente e socialize aí prática e ideias.</p>
<p>7- Que características uma atividade deveria ter para fomentar o potencial criativo dos alunos?</p>	<p>Referências artísticas, embasamento do objeto de conhecimento com a realidade é incentivo à prática com os materiais que a escola possui ou o aluno. Para isso é necessária muita reflexão do professor e conhecimento da sua comunidade escolar.</p>
<p>8- Quantas horas-atividades você tem em sua carga horária semanal?</p>	<p>4 aulas atividade.</p>
<p>9- Desse tempo de horas-atividades semanais, quantas horas você despense em preenchimento de questões burocráticas e quanto tempo das suas horas-atividades semanais restam para elaboração do planejamento e pesquisa de conteúdos a serem trabalhados em aula?</p>	<p>Excedem as aulas atividades o preenchimento de questões burocráticas. Geralmente utilizo um dia da semana para preparar minhas aulas de Arte em casa sem remuneração por isso.</p>
<p>10- Diante da sua realidade, você acredita que o tempo disponível em sua carga horária semanal é suficiente para elaborar um plano de aula que favoreça o desenvolvimento intelectual dos alunos? Justifique.</p>	<p>Não é suficiente. Como disse na resposta anterior, trabalho 20 h e dedico um dia sem remuneração para preparação do planejamento adequado às aulas de arte.</p>

<p>11- Assinale, nos tópicos abaixo, três itens que você considera primordiais no estímulo da criatividade dos alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>a) Se o professor aprofundar os conceitos através de diferentes imagens, contexto social e referências variadas vai proporcionar mais possibilidade de produções criativas entre os alunos.</li><li>b) Estimular o talento e aptidão de cada aluno de forma individual, levando em conta que alguns são mais ou menos criativos do que outros, auxilia a desenvolver o potencial criativo dos alunos.</li><li>c) A combinação de estudo, leitura e exercícios proporciona o estímulo para o desenvolvimento da criatividade.</li><li>d) As crianças são criativas por natureza, ao professor cabe apenas trazer o maior número de atividades variadas e lúdicas para que elas se desenvolvam e desabrochem em seu potencial criador.</li><li>e) A imaginação infantil é mais rica do que a dos adultos, pois as crianças possuem um potencial criador bem desenvolvido que pode ser tolhido se o professor intervir com atividades muito</li></ul>	<p>Se o professor aprofundar os conceitos através de diferentes imagens, contexto social e referências variadas vai proporcionar mais possibilidade de produções criativas entre os alunos.</p> <p>A combinação de estudo, leitura e exercícios proporciona o estímulo para o desenvolvimento da criatividade.</p> <p>Existe trabalho e amadurecimento no processo de desenvolvimento da criatividade. O professor pode auxiliar este processo com um plano de aula rico em conceitos, imagens e conteúdos historicamente elaborados pela humanidade.</p>
---	---

<p>direcionadas.</p> <p>f) Existe trabalho e amadurecimento no processo de desenvolvimento da criatividade. O professor pode auxiliar este processo com um plano de aula rico em conceitos, imagens e conteúdos historicamente elaborados pela humanidade.</p>	
--	--

Fonte: Dados do questionário de pesquisa

Tabela 5 – Respostas da Professora 5

<b>Perguntas:</b>	<b>Professora 5</b>
1- O que é criatividade para você?	É a capacidade de criar.
2 - Quais artistas são suas principais referências estéticas para a elaboração do seu plano de ensino?	Um pouco de todos, acho que todos tem sua importância na criação artística.
3- Quais teóricos do ensino de arte embasam o seu fazer pedagógico?	Idem 2
4- No seu ponto de vista, quais os quesitos necessários em um plano de aula cujo objetivo seja o desenvolvimento da criatividade?	Mostrar possibilidades, instigar o pensamento criativo a partir das vivências dessas linguagens.
5- Descreva uma atividade que aplicou em sala de aula que, em sua opinião, produziu resultados positivos no desenvolvimento da criatividade de seus alunos.	Impressionismo, a partir da contemplação de como a luz do sol mudava todo um contexto artístico. O uso de várias tonalidades que eles agora acabam usando em todas as atividades.
6- Você considera o desenvolvimento da criatividade de seus alunos quando planeja suas aulas? Como você aborda isso?	Sim, mostra-se possibilidades de criação, técnicas diferentes para a execução.

7- Que características uma atividade deveria ter para fomentar o potencial criativo dos alunos?	Idem 6
8- Quantas horas-atividades você tem em sua carga horária semanal?	7 horas
9- Desse tempo de horas-atividades semanais, quantas horas você despende em preenchimento de questões burocráticas e quanto tempo das suas horas-atividades semanais restam para elaboração do planejamento e pesquisa de conteúdos a serem trabalhados em aula?	Nas minhas horas atividades acabo só pesquisando materiais e separando para as aulas e as correções, a parte de planejamento faço fora desse horário em casa com mais calma.
10- Diante da sua realidade, você acredita que o tempo disponível em sua carga horária semanal é suficiente para elaborar um plano de aula que favoreça o desenvolvimento intelectual dos alunos? Justifique.	Não, idem 9.
<p>11- Assinale, nos tópicos abaixo, três itens que você considera primordiais no estímulo da criatividade dos alunos:</p> <p>a) Se o professor aprofundar os conceitos através de diferentes imagens, contexto social e referências variadas vai proporcionar mais possibilidade de produções criativas entre os alunos.</p> <p>b) Estimular o talento e aptidão de cada aluno de forma individual, levando em conta que alguns são mais ou menos criativos do que</p>	<p>Se o professor aprofundar os conceitos através de diferentes imagens, contexto social e referências variadas vai proporcionar mais possibilidade de produções criativas entre os alunos.</p> <p>A combinação de estudo, leitura e exercícios proporciona o estímulo para o desenvolvimento da criatividade.</p> <p>Existe trabalho e amadurecimento no processo de desenvolvimento da criatividade. O professor pode auxiliar este processo com um plano de aula rico em conceitos, imagens e conteúdos historicamente elaborados pela</p>

<p>outros, auxilia a desenvolver o potencial criativo dos alunos.</p> <p>c) A combinação de estudo, leitura e exercícios proporciona o estímulo para o desenvolvimento da criatividade.</p> <p>d) As crianças são criativas por natureza, ao professor cabe apenas trazer o maior número de atividades variadas e lúdicas para que elas se desenvolvam e desabrochem em seu potencial criador.</p> <p>e) A imaginação infantil é mais rica do que a dos adultos, pois as crianças possuem um potencial criador bem desenvolvido que pode ser tolhido se o professor intervir com atividades muito direcionadas.</p> <p>f) Existe trabalho e amadurecimento no processo de desenvolvimento da criatividade. O professor pode auxiliar este processo com um plano de aula rico em conceitos, imagens e conteúdos historicamente elaborados pela humanidade.</p>	<p>humanidade.</p>
---	--------------------

Fonte: Dados do questionário de pesquisa

Tabela 6 – Respostas da Professora 6

<b>Perguntas:</b>	<b>Professora 6</b>
1- O que é criatividade para você?	É a atividade de criar, é o pensamento

	<p>colocado em prática. Paul Klee disse que desenhar é levar uma linha para passear, pois bem, acredito que criar é a atividade é a ação de realizar, concretizar, quando criamos somos levados pela imaginação.</p> <p>Também posso acrescentar aqui que a criatividade pode surgir da vontade de fazer algo ou pode surgir através de um desafio. A criatividade é o ato de criar, algumas vezes sem referencial outras com. Com o passar dos anos percebo que não existe uma condição financeira ou mesmo estímulos que possam fazer de um aluno mais ou menos criativo. Tenho alunos com ótimas condições e estímulos mas, que não querem se envolver, também tenho alunos super-carentes que levam a imaginação para outro nível, tem alunos com boas condições que também desempenham atividades incríveis, ou seja, a criação está na vontade de... é aquele momento em que a vontade e a ideia se encontram com a ação do tentar por em prática algo que está no imaginário ainda. Para alguns alunos mais materiais visuais, mais estímulos ajudam, para outros trazem o copismo, então a forma de propor a aula deve ser bem pensada quando o objetivo principal é criação.</p>
2 - Quais artistas são suas principais referências estéticas para a elaboração	Van Gogh, Paul Klee, Beatriz Milhazes, Monet, Ron Meuck, Vitor Meireles,

do seu plano de ensino?	Almeida Junior, Rembrandt, Fritz Alt, Franz krajcberg, Di Cavalcante, Portinari, Claudio Tozzi,
3- Quais teóricos do ensino de arte embasam o seu fazer pedagógico?	Kátia Canton- Do moderno ao contemporâneo Fayga Ostrower- Universos da Arte Ana Mae Barbosa - Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais, Arte Educação e Cultura, Arte-educação no Brasil Lucina Mourão Arslan, Rosa Iavelberg - Ensino da Arte Rosa Iavelberg- Arte/Educação Modernista e Pós-Modernista Tom Fraser, Adam Banks - O Guia completo da cor. Elisa Kiyoko Gunzi - A relação do desenho com o ensino da arte: considerações sobre a teoria e a prática Mirian Celeste - Teoria e Prática do Ensino de Arte Martins, Mendes, Rodrigo Hübner, Cavalheiro, José, Gitahy, Ana Maria Caira - Artes Visuais na Educação Inclusiva Otto G. Ocvirk, Robert E. Stinson, Philip R. Wigg), Robert O. Bone, e David L. Cayton -Fundamentos de Arte: Teoria e Prática Ernst Gombrich - A história da arte
4- No seu ponto de vista, quais os quesitos necessários em um plano de aula cujo objetivo seja o desenvolvimento da criatividade?	Quando desejo trazer o exercício da criação, já fiz: Exemplo: -Se explorar o uso o papel colorido, levo papel de reuso para explorarem possibilidade de cortes, depois entrego os papeis coloridos para a criação. -Já fiz isso com tinta, com reciclados para

	<p>escultura, com uso de tecidos, instalação e etc. -Outra vez explorei as linhas e as formas já existentes depois criaram a sua própria forma. -Criação de personagem inicie com a escrita das características e personalidade depois partiram para o desenho e pintura. Também já inicie como um tema, apresentei obras de vários artistas com o mesmo tema e pedi para que explorassem outras formas de passar a mesma mensagem ou expressão artística. Acho que tudo depende de como e com quais materiais vou iniciar a proposta. Poderia sintetizar com Exploração dos materiais ou dos temas.</p>
<p>5- Descreva uma atividade que aplicou em sala de aula que, em sua opinião, produziu resultados positivos no desenvolvimento da criatividade de seus alunos.</p>	<p>Criação de personagem. Uso das formas em processos não figurativos Releitura de temas ou obras</p>
<p>6- Você considera o desenvolvimento da criatividade de seus alunos quando planeja suas aulas? Como você aborda isso?</p>	<p>Sim, a apresentação do pensamento sobre, os girassóis de Van Gogh são amarelos mas se uma aluno os faz em azul, pergunto exploro essa condição, todas as atividades tem potencial criativo, é claro que algumas vezes o foco do planejamento é trazer essa percepção.</p>
<p>7- Que características uma atividade deveria ter para fomentar o potencial criativo dos alunos?</p>	<p>A principal característica para mim é a exploração dos materiais, quando eu posso proporcionar isso ao aluno aliado a tempo de execução a criatividade é</p>

	mais latente nos trabalhos.
8- Quantas horas-atividades você tem em sua carga horária semanal?	Oito horas muito destruídas que não me rendem tempo de qualidade na escola.
9- Desse tempo de horas-atividades semanais, quantas horas você despende em preenchimento de questões burocráticas e quanto tempo das suas horas-atividades semanais restam para elaboração do planejamento e pesquisa de conteúdos a serem trabalhados em aula?	Bem o tempo na escola praticamente passo reorganizando e organizando os matérias das aulas, próximo aos lançamentos de notas e registros esse tempo é consumido para isso, mais planejamento mesmo só consigo fazer um casa nos finais de semana.
10- Diante da sua realidade, você acredita que o tempo disponível em sua carga horária semanal é suficiente para elaborar um plano de aula que favoreça o desenvolvimento intelectual dos alunos? Justifique.	Não, porque passo longas horas me organizando em casa, nas noites e nos finais de semana. Se conseguisse realizar na escola não precisaria do tempo extra, já tentei inúmeras vezes realizar tudo na escola mas infelizmente resolvi aceitar que dói menos, é horrível ir trabalhar e não ter ou saber o que fazer no encontro com os alunos, nossa aula é prática e nos consome muito tempo de orientação e auxílio durante as aulas mau da para fazer registro. Outra questão é o alto número de alunos, e as poucas aulas, alie tudo isso a não ter um espaço fixo onde podemos nos organizar com materiais e etc. Falta um ateliê em cada escola e que seja respeitado para isso, não sendo usado para outros fins.
11- Assinale, nos tópicos abaixo, três itens que você considera primordiais no estímulo da criatividade dos alunos:	Estimular o talento e aptidão de cada aluno de forma individual, levando em conta que alguns são mais ou menos

<p>a) Se o professor aprofundar os conceitos através de diferentes imagens, contexto social e referências variadas vai proporcionar mais possibilidade de produções criativas entre os alunos.</p> <p>b) Estimular o talento e aptidão de cada aluno de forma individual, levando em conta que alguns são mais ou menos criativos do que outros, auxilia a desenvolver o potencial criativo dos alunos.</p> <p>c) A combinação de estudo, leitura e exercícios proporciona o estímulo para o desenvolvimento da criatividade.</p> <p>d) As crianças são criativas por natureza, ao professor cabe apenas trazer o maior número de atividades variadas e lúdicas para que elas se desenvolvam e desabrochem em seu potencial criador.</p> <p>e) A imaginação infantil é mais rica do que a dos adultos, pois as crianças possuem um potencial criador bem desenvolvido que pode ser tolhido se o professor intervir com atividades muito direcionadas.</p> <p>f) Existe trabalho e amadurecimento no processo de</p>	<p>criativos do que outros, auxilia a desenvolver o potencial criativo dos alunos.</p> <p>A imaginação infantil é mais rica do que a dos adultos, pois as crianças possuem um potencial criador bem desenvolvido que pode ser tolhido se o professor intervir com atividades muito direcionadas.</p> <p>Existe trabalho e amadurecimento no processo de desenvolvimento da criatividade. O professor pode auxiliar este processo com um plano de aula rico em conceitos, imagens e conteúdos historicamente elaborados pela humanidade.</p>
---	---

<p>desenvolvimento da criatividade.</p> <p>O professor pode auxiliar este processo com um plano de aula rico em conceitos, imagens e conteúdos historicamente elaborados pela humanidade.</p>	
---	--

Fonte: Dados do questionário de pesquisa

Tabela 7 – Respostas da Professora 7

<b>Perguntas:</b>	<b>Professora 7</b>
1- O que é criatividade para você?	É a capacidade de imaginar e criar coisas novas ou autorais.
2 - Quais artistas são suas principais referências estéticas para a elaboração do seu plano de ensino?	Krajcberg, Vick Muniz, Picasso, Maria Bonomi, Portinari, entre outros.
3- Quais teóricos do ensino de arte embasam o seu fazer pedagógico?	Miriam Celeste, Ana Mae Barbosa, Analice Dutra Pillar, Fernando Hernández.
4- No seu ponto de vista, quais os quesitos necessários em um plano de aula cujo objetivo seja o desenvolvimento da criatividade?	Leitura de imagens de produções artísticas diversificadas, produção artística com técnicas variadas.
5- Descreva uma atividade que aplicou em sala de aula que, em sua opinião, produziu resultados positivos no desenvolvimento da criatividade de seus alunos.	Recorte e colagem com papéis coloridos. Criação de um monstinho. Atividade proposta após leitura de imagens dos artistas Miró, Eli Heil e Shwanke. Após assistir o filme monstros SA.
6- Você considera o desenvolvimento da criatividade de seus alunos quando planeja suas aulas? Como você aborda isso?	Sim. Em todas. Fazendo propostas abertas em que podem decidir seus próprios caminhos artísticos e apreciando imagens e vídeos de diversos artistas diferentes para motivar

	pensamentos e criações.
7- Que características uma atividade deveria ter para fomentar o potencial criativo dos alunos?	Motivação com a diversidade de imagens e orientações abertas sobre o processo de produção.
8- Quantas horas-atividades você tem em sua carga horária semanal?	6
9- Desse tempo de horas-atividades semanais, quantas horas você despende em preenchimento de questões burocráticas e quanto tempo das suas horas-atividades semanais restam para elaboração do planejamento e pesquisa de conteúdos a serem trabalhados em aula?	Uso esse tempo para as duas coisas mais para expor trabalhos dos alunos pela Escola.
10- Diante da sua realidade, você acredita que o tempo disponível em sua carga horária semanal é suficiente para elaborar um plano de aula que favoreça o desenvolvimento intelectual dos alunos? Justifique.	Considerando o tempo de experiência e os materiais pedagógicos já selecionados neste longo período de experiência consigo me organizar nesse período de aulas atividades. Mas penso que um professor iniciante tenha dificuldades.
11- Assinale, nos tópicos abaixo, três itens que você considera primordiais no estímulo da criatividade dos alunos: a) Se o professor aprofundar os conceitos através de diferentes imagens, contexto social e referências variadas vai proporcionar mais possibilidade de produções criativas entre os alunos. b) Estimular o talento e aptidão de cada aluno de forma individual,	Se o professor aprofundar os conceitos através de diferentes imagens, contexto social e referências variadas vai proporcionar mais possibilidade de produções criativas entre os alunos. As crianças são criativas por natureza, ao professor cabe apenas trazer o maior número de atividades variadas e lúdicas para que elas se desenvolvam e desabrochem em seu potencial criador. A imaginação infantil é mais rica do que a dos adultos, pois as crianças

<p>levando em conta que alguns são mais ou menos criativos do que outros, auxilia a desenvolver o potencial criativo dos alunos.</p> <p>c) A combinação de estudo, leitura e exercícios proporciona o estímulo para o desenvolvimento da criatividade.</p> <p>d) As crianças são criativas por natureza, ao professor cabe apenas trazer o maior número de atividades variadas e lúdicas para que elas se desenvolvam e desabrochem em seu potencial criador.</p> <p>e) A imaginação infantil é mais rica do que a dos adultos, pois as crianças possuem um potencial criador bem desenvolvido que pode ser tolhido se o professor intervir com atividades muito direcionadas.</p> <p>f) Existe trabalho e amadurecimento no processo de desenvolvimento da criatividade. O professor pode auxiliar este processo com um plano de aula rico em conceitos, imagens e conteúdos historicamente elaborados pela humanidade.</p>	<p>possuem um potencial criador bem desenvolvido que pode ser tolhido se o professor intervir com atividades muito direcionadas.</p>
--	--

Fonte: Dados do questionário de pesquisa

Tabela 8 – Respostas da Professora 8

<b>Perguntas:</b>	<b>Professora 8</b>
1- O que é criatividade para você?	É experimentar diversos meios, materiais e técnicas para vivenciar a arte.
2 - Quais artistas são suas principais referências estéticas para a elaboração do seu plano de ensino?	Tarsila do Amaral, Portinari, Van Gogh, Picasso e muitos outros, contemporâneos e acadêmicos.
3- Quais teóricos do ensino de arte embasam o seu fazer pedagógico?	Ana Mae, Vigotsky e artigos ligados a arte e vários outros.
4- No seu ponto de vista, quais os quesitos necessários em um plano de aula cujo objetivo seja o desenvolvimento da criatividade?	Os objetos de conhecimento é materialidades.
5- Descreva uma atividade que aplicou em sala de aula que, em sua opinião, produziu resultados positivos no desenvolvimento da criatividade de seus alunos.	Depende o objeto de conhecimento trabalhado deixo a técnica livre, gosto muito de ver o resultado da criação deles, viajam e experimentam diversos materiais e técnicas.
6- Você considera o desenvolvimento da criatividade de seus alunos quando planeja suas aulas? Como você aborda isso?	Sim, depende do objeto de conhecimento estudado em questão.
7- Que características uma atividade deveria ter para fomentar o potencial criativo dos alunos?	Obras de arte que permitam isso, professor incentivador para a atividade.
8- Quantas horas-atividades você tem em sua carga horária semanal?	8 aulas
9- Desse tempo de horas-atividades semanais, quantas horas você despende em preenchimento de questões burocráticas e quanto tempo das suas horas-atividades semanais restam para	Ultimamente a parte burocrática está sendo muito desgastante para nós professores, na verdade não sobra tempo para planejar durante a semana, faço normalmente fim de semana.

<p>elaboração do planejamento e pesquisa de conteúdos a serem trabalhados em aula?</p>	
<p>10- Diante da sua realidade, você acredita que o tempo disponível em sua carga horária semanal é suficiente para elaborar um plano de aula que favoreça o desenvolvimento intelectual dos alunos? Justifique.</p>	<p>Não. Pois falta tempo para planejar, atender os alunos, corrigir, abordar os conteúdos, médias, relatórios, planilhas para preencher e muito mais... Deveríamos ter mais tempo de aulas (2) em cada série , desburocratizar a papelada, sequência didática e EVN já ajudaria.</p>
<p>11- Assinale, nos tópicos abaixo, três itens que você considera primordiais no estímulo da criatividade dos alunos:</p> <p>a) Se o professor aprofundar os conceitos através de diferentes imagens, contexto social e referências variadas vai proporcionar mais possibilidade de produções criativas entre os alunos.</p> <p>b) Estimular o talento e aptidão de cada aluno de forma individual, levando em conta que alguns são mais ou menos criativos do que outros, auxilia a desenvolver o potencial criativo dos alunos.</p> <p>c) A combinação de estudo, leitura e exercícios proporciona o estímulo para o desenvolvimento da criatividade.</p> <p>d) As crianças são criativas por natureza, ao professor cabe</p>	<p>Se o professor aprofundar os conceitos através de diferentes imagens, contexto social e referências variadas vai proporcionar mais possibilidade de produções criativas entre os alunos.</p> <p>As crianças são criativas por natureza, ao professor cabe apenas trazer o maior número de atividades variadas e lúdicas para que elas se desenvolvam e desabrochem em seu potencial criador.</p> <p>A imaginação infantil é mais rica do que a dos adultos, pois as crianças possuem um potencial criador bem desenvolvido que pode ser tolhido se o professor intervir com atividades muito direcionadas.</p>

<p>apenas trazer o maior número de atividades variadas e lúdicas para que elas se desenvolvam e desabrochem em seu potencial criador.</p> <p>e) A imaginação infantil é mais rica do que a dos adultos, pois as crianças possuem um potencial criador bem desenvolvido que pode ser tolhido se o professor intervir com atividades muito direcionadas.</p> <p>f) Existe trabalho e amadurecimento no processo de desenvolvimento da criatividade. O professor pode auxiliar este processo com um plano de aula rico em conceitos, imagens e conteúdos historicamente elaborados pela humanidade.</p>	
--	--

Fonte: Dados do questionário de pesquisa

Tabela 9 – Respostas da Professora 9

<b>Perguntas:</b>	<b>Professora 9</b>
1- O que é criatividade para você?	Criatividade é sair do óbvio, é ser original buscando novas formas e ideias de se criar algo.
2 - Quais artistas são suas principais referências estéticas para a elaboração do seu plano de ensino?	São vários, desde artistas clássicos, como Leonardo da Vinci, até os contemporâneos, como Vik Muniz.
3- Quais teóricos do ensino de arte embasam o seu fazer pedagógico?	Ana Mae Barbosa (faz tempo que não leio mais nada a respeito..acredita?)
4- No seu ponto de vista, quais os	Referências visuais, os alunos

<p>questões necessários em um plano de aula cujo objetivo seja o desenvolvimento da criatividade?</p>	<p>precisam apreciar artistas e suas obras e muitos materiais artísticos para poderem colocar em prática suas ideias. Infelizmente é o que mais nos falta em sala de aula, espaço adequado e diversidade de materiais.</p>
<p>5- Descreva uma atividade que aplicou em sala de aula que, em sua opinião, produziu resultados positivos no desenvolvimento da criatividade de seus alunos.</p>	<p>Este ano um trabalho que deu muito certo foi a produção de STOP MOTION com os 7° anos. Após aprender um pouco sobre o tema, os alunos foram divididos em grupos e tiveram que criar um roteiro, personagens, cenários, etc. Eles tiraram as fotos e editaram num app. Depois de tudo pronto, fizemos uma sessão pipoca e assistimos todos os stop Motions produzidos pelas 3 turmas de 7° anos da escola. Foi muito bom.</p>
<p>6- Você considera o desenvolvimento da criatividade de seus alunos quando planeja suas aulas? Como você aborda isso?</p>	<p>Sim... eles já sabem que é um dos pontos a serem avaliados. Tento sempre incentivá-los a pensar em algo novo, usar a folha de um jeito diferente, pensar as formas de um jeito diferente...</p>
<p>7- Que características uma atividade deveria ter para fomentar o potencial criativo dos alunos?</p>	<p>A atividade precisa instigar o aluno a pensar em algo novo, diferente, ele precisa resolver aquele "problema" que você deu a ele, fazer ele pensar "fora da caixinha". Quase sempre quando sai do óbvio, chama mais atenção, cria mais impacto, tanto na gente, como neles também.</p>
<p>8- Quantas horas-atividades você tem</p>	<p>Com as aulas do Estado.. são 6 no total.</p>

em sua carga horária semanal?	
9- Desse tempo de horas-atividades semanais, quantas horas você despende em preenchimento de questões burocráticas e quanto tempo das suas horas-atividades semanais restam para elaboração do planejamento e pesquisa de conteúdos a serem trabalhados em aula?	3 h/a para planejar/ 3h/a para parte burocrática
10- Diante da sua realidade, você acredita que o tempo disponível em sua carga horária semanal é suficiente para elaborar um plano de aula que favoreça o desenvolvimento intelectual dos alunos? Justifique.	Não, tenho 24 turmas, sendo do 1° ao 9° ano. São demandas totalmente diferentes, práticas totalmente diferentes. É impossível dar conta de tudo, infelizmente algo fica sempre por fazer.
11- Assinale, nos tópicos abaixo, três itens que você considera primordiais no estímulo da criatividade dos alunos: a) Se o professor aprofundar os conceitos através de diferentes imagens, contexto social e referências variadas vai proporcionar mais possibilidade de produções criativas entre os alunos. b) Estimular o talento e aptidão de cada aluno de forma individual, levando em conta que alguns são mais ou menos criativos do que outros, auxilia a desenvolver o potencial criativo dos alunos. c) A combinação de estudo, leitura e exercícios proporciona o estímulo	Se o professor aprofundar os conceitos através de diferentes imagens, contexto social e referências variadas vai proporcionar mais possibilidade de produções criativas entre os alunos. Estimular o talento e aptidão de cada aluno de forma individual, levando em conta que alguns são mais ou menos criativos do que outros, auxilia a desenvolver o potencial criativo dos alunos. As crianças são criativas por natureza, ao professor cabe apenas trazer o maior número de atividades variadas e lúdicas para que elas se desenvolvam e desabrochem em seu potencial criador.

<p>para o desenvolvimento da criatividade.</p> <p>d) As crianças são criativas por natureza, ao professor cabe apenas trazer o maior número de atividades variadas e lúdicas para que elas se desenvolvam e desabrochem em seu potencial criador.</p> <p>e) A imaginação infantil é mais rica do que a dos adultos, pois as crianças possuem um potencial criador bem desenvolvido que pode ser tolhido se o professor intervir com atividades muito direcionadas.</p> <p>f) Existe trabalho e amadurecimento no processo de desenvolvimento da criatividade. O professor pode auxiliar este processo com um plano de aula rico em conceitos, imagens e conteúdos historicamente elaborados pela humanidade.</p>	
--	--

Fonte: Dados do questionário de pesquisa

Tabela 10 – Respostas da Professora 10

<b>Perguntas:</b>	<b>Professora 10</b>
1- O que é criatividade para você?	Criatividade é uma ideia diferente. Algo inovador.
2 - Quais artistas são suas principais referências estéticas para a elaboração do seu plano de ensino?	Mondrian, Kandinski, Van Gogh, Tarsila do Amaral.

3- Quais teóricos do ensino de arte embasam o seu fazer pedagógico?	Ana Mae Barbosa
4- No seu ponto de vista, quais os quesitos necessários em um plano de aula cujo objetivo seja o desenvolvimento da criatividade?	Atividades que estimulem o pensamento a partir do seu repertório pessoal.
5- Descreva uma atividade que aplicou em sala de aula que, em sua opinião, produziu resultados positivos no desenvolvimento da criatividade de seus alunos.	Criação de um personagem imaginário.
6- Você considera o desenvolvimento da criatividade de seus alunos quando planeja suas aulas? Como você aborda isso?	Sim. A partir de uma proposta inicial, com exemplos e roda de conversa sobre as diversas possibilidades.
7- Que características uma atividade deveria ter para fomentar o potencial criativo dos alunos?	Atividade que estimule o pensamento crítico.
8- Quantas horas-atividades você tem em sua carga horária semanal?	4 h/a
9- Desse tempo de horas-atividades semanais, quantas horas você despense em preenchimento de questões burocráticas e quanto tempo das suas horas-atividades semanais restam para elaboração do planejamento e pesquisa de conteúdos a serem trabalhados em aula?	2 aulas para as questões burocráticas e as demais para o planejamento.
10- Diante da sua realidade, você acredita que o tempo disponível em sua carga horária semanal é suficiente para elaborar um plano de aula que favoreça o desenvolvimento intelectual dos	Não. Acredito que mais horas atividades poderiam contribuir com mais tempo para desenvolver as atividades.

alunos? Justifique.	
<p>11- Assinale, nos tópicos abaixo, três itens que você considera primordiais no estímulo da criatividade dos alunos:</p> <p>a) Se o professor aprofundar os conceitos através de diferentes imagens, contexto social e referências variadas vai proporcionar mais possibilidade de produções criativas entre os alunos.</p> <p>b) Estimular o talento e aptidão de cada aluno de forma individual, levando em conta que alguns são mais ou menos criativos do que outros, auxilia a desenvolver o potencial criativo dos alunos.</p> <p>c) A combinação de estudo, leitura e exercícios proporciona o estímulo para o desenvolvimento da criatividade.</p> <p>d) As crianças são criativas por natureza, ao professor cabe apenas trazer o maior número de atividades variadas e lúdicas para que elas se desenvolvam e desabrochem em seu potencial criador.</p> <p>e) A imaginação infantil é mais rica do que a dos adultos, pois as crianças possuem um potencial criador bem desenvolvido que pode ser tolhido se o professor</p>	<p>Se o professor aprofundar os conceitos através de diferentes imagens, contexto social e referências variadas vai proporcionar mais possibilidade de produções criativas entre os alunos.</p> <p>A combinação de estudo, leitura e exercícios proporciona o estímulo para o desenvolvimento da criatividade.</p> <p>As crianças são criativas por natureza, ao professor cabe apenas trazer o maior número de atividades variadas e lúdicas para que elas se desenvolvam e desabrochem em seu potencial criador.</p>

<p>intervir com atividades muito direcionadas.</p> <p>f) Existe trabalho e amadurecimento no processo de desenvolvimento da criatividade. O professor pode auxiliar este processo com um plano de aula rico em conceitos, imagens e conteúdos historicamente elaborados pela humanidade.</p>	
--	--

Fonte: Dados do questionário de pesquisa

Tabela 11 – Respostas da Professora 11

<b>Perguntas:</b>	<b>Professora 11</b>
1- O que é criatividade para você?	11-Entendo que criatividade seja uma capacidade humana de criar soluções para as necessidades que aparecem no cotidiano das pessoas. Quando os problemas nos tocam e afetam o nosso ser, logo criamos imagens mentais que podem ser concretizadas para a solução. Sendo mobilizados/as por questões de ordem material e intelectual, juntamos e separamos "pecinhas" para criar um arranjo que as solucione. Assim, entendo que a criatividade não é espontânea e gratuita, ela é estimulada pelos desafios que se mostram às pessoas.
2 - Quais artistas são suas principais referências estéticas para a elaboração do seu plano de ensino?	Van Gogh, Picasso, Matisse, Munch, Andre Derain, Segall, Tarsila do Amaral, Anita MAlfati, Meyer Filho, Eli Heil.

3- Quais teóricos do ensino de arte embasam o seu fazer pedagógico?	Ana Mae, Viola Spolin, Paulo Freire, Augusto Boal.
4- No seu ponto de vista, quais os quesitos necessários em um plano de aula cujo objetivo seja o desenvolvimento da criatividade?	Penso que sejam necessários diversas atividades sobre o mesmo tema, de forma que a visão das crianças seja ampliada e que aqueles que não obtiveram um entendimento com uma atividade, possam aprender com a outra. Referencial imagético. Falar sobre o assunto fazer leitura de imagens, compreender os discursos e simbologias das imagens de arte
5- Descreva uma atividade que aplicou em sala de aula que, em sua opinião, produziu resultados positivos no desenvolvimento da criatividade de seus alunos.	a elaboração de uma roupa de papel craft que funcionasse também como casa/esconderijo. Esta atividade começou com a leitura e análise de imagens do livro didático. Depois cantamos uma música sobre casa, desenhamos sobre o tema e por fim, propus que, em grupos, construíssem uma roupa-carapaça.
6- Você considera o desenvolvimento da criatividade de seus alunos quando planeja suas aulas? Como você aborda isso?	Na verdade, não penso especificamente sobre isso. Porém, vejo que uma aula planejada com muitos referenciais estimula mais as crianças a criarem, fica mais fácil para elas criarem. Ao passo que aulas que vão direto para a atividade, sem considerar referenciais imagéticos, dificulta a criação de imagens pelas crianças. Assim, procuro trazer sempre imagens de obras de arte, e fazer leitura das imagens com as crianças,

	estimulando a imaginação.
7- Que características uma atividade deveria ter para fomentar o potencial criativo dos alunos?	apresentar um desafio; ser lúdica; ser seguida por análise de referenciais; envolver a própria história, elementos do cotidiano e opinião das crianças.
8- Quantas horas-atividades você tem em sua carga horária semanal?	6h/a
9- Desse tempo de horas-atividades semanais, quantas horas você despense em preenchimento de questões burocráticas e quanto tempo das suas horas-atividades semanais restam para elaboração do planejamento e pesquisa de conteúdos a serem trabalhados em aula?	2h/a para planejamento e 4 para preencher evn, avaliar trabalhos e expor e imprimir folhas.
10- Diante da sua realidade, você acredita que o tempo disponível em sua carga horária semanal é suficiente para elaborar um plano de aula que favoreça o desenvolvimento intelectual dos alunos? Justifique.	Certamente o tempo para a aula de artes aprofundar conteúdos e práticas é insuficiente. Sem aprofundamento, o conhecimento não pode ser desenvolvido, porque a superficialidade com que aplicamos o nosso plano de aula acaba se tornando apenas breves experiências ou momento de descontração. Tanto a hora atividade é insuficiente para elaborar um bom plano como o tempo de aula dada é pequeno para aprofundar os conhecimentos em arte. Para elaborar um bom plano de aula precisamos de mais tempo de leitura e pesquisa, porque os conteúdos e linguagens e epistemologias são constantemente modificados pelo decorrer da história,

	por isso precisamos nos atualizar.
<p>11- Assinale, nos tópicos abaixo, três itens que você considera primordiais no estímulo da criatividade dos alunos:</p> <p>a) Se o professor aprofundar os conceitos através de diferentes imagens, contexto social e referências variadas vai proporcionar mais possibilidade de produções criativas entre os alunos.</p> <p>b) Estimular o talento e aptidão de cada aluno de forma individual, levando em conta que alguns são mais ou menos criativos do que outros, auxilia a desenvolver o potencial criativo dos alunos.</p> <p>c) A combinação de estudo, leitura e exercícios proporciona o estímulo para o desenvolvimento da criatividade.</p> <p>d) As crianças são criativas por natureza, ao professor cabe apenas trazer o maior número de atividades variadas e lúdicas para que elas se desenvolvam e desabrochem em seu potencial criador.</p> <p>e) A imaginação infantil é mais rica do que a dos adultos, pois as crianças possuem um potencial criador bem desenvolvido que pode ser tolhido se o professor</p>	<p>Se o professor aprofundar os conceitos através de diferentes imagens, contexto social e referências variadas vai proporcionar mais possibilidade de produções criativas entre os alunos.</p> <p>A combinação de estudo, leitura e exercícios proporciona o estímulo para o desenvolvimento da criatividade.</p> <p>Existe trabalho e amadurecimento no processo de desenvolvimento da criatividade. O professor pode auxiliar este processo com um plano de aula rico em conceitos, imagens e conteúdos historicamente elaborados pela humanidade</p>

<p>intervir com atividades muito direcionadas.</p> <p>f) Existe trabalho e amadurecimento no processo de desenvolvimento da criatividade. O professor pode auxiliar este processo com um plano de aula rico em conceitos, imagens e conteúdos historicamente elaborados pela humanidade.</p>	
--	--

Fonte: Dados do questionário de pesquisa

Tabela 12 – Respostas da Professora 12

<b>Perguntas:</b>	<b>Professora 12</b>
1- O que é criatividade para você?	É inventar algo novo diferente do que existe com o conhecimento e mistura.
2 - Quais artistas são suas principais referências estéticas para a elaboração do seu plano de ensino?	Salvador Dali, Tarsila do Amaral, Van Gogh , Wassily Kandinsky etc.
3- Quais teóricos do ensino de arte embasam o seu fazer pedagógico?	Fayga Ostrower
4- No seu ponto de vista, quais os quesitos necessários em um plano de aula cujo objetivo seja o desenvolvimento da criatividade?	Ver muitas coisas e sentir a arte nas suas diversas linguagens de arte.
5- Descreva uma atividade que aplicou em sala de aula que, em sua opinião, produziu resultados positivos no desenvolvimento da criatividade de seus alunos.	A produção de um hino de guerra das olimpíadas da escola. Tiveram um grande envolvimento com criatividade na letra da música e percussão. Em bichos inventados no desenho de bichos com linhas livres. Trazendo música para o antes da criação.
6- Você considera o desenvolvimento da	O espaço do fazer são abordados o que

<p>criatividade de seus alunos quando planeja suas aulas? Como você aborda isso?</p>	<p>eles fazem do jeito e pensamento próprio.</p>
<p>7- Que características uma atividade deveria ter para fomentar o potencial criativo dos alunos?</p>	<p>Muito experimentar.</p>
<p>8- Quantas horas-atividades você tem em sua carga horária semanal?</p>	<p>4 aulas</p>
<p>9- Desse tempo de horas-atividades semanais, quantas horas você despende em preenchimento de questões burocráticas e quanto tempo das suas horas-atividades semanais restam para elaboração do planejamento e pesquisa de conteúdos a serem trabalhados em aula?</p>	<p>Praticamente todo o tempo e direcionado a questão burocrática, pesquisa sobra pouco, menos de uma aula.</p>
<p>10- Diante da sua realidade, você acredita que o tempo disponível em sua carga horária semanal é suficiente para elaborar um plano de aula que favoreça o desenvolvimento intelectual dos alunos? Justifique.</p>	<p>Não, o que ainda prevalece são as notas. Tento fazer fora de meu horário os planejamentos.</p>
<p>11- Assinale, nos tópicos abaixo, três itens que você considera primordiais no estímulo da criatividade dos alunos:</p> <p>a) Se o professor aprofundar os conceitos através de diferentes imagens, contexto social e referências variadas vai proporcionar mais possibilidade de produções criativas entre os alunos.</p> <p>b) Estimular o talento e aptidão de</p>	<p>Se o professor aprofundar os conceitos através de diferentes imagens, contexto social e referências variadas vai proporcionar mais possibilidade de produções criativas entre os alunos. Estimular o talento e aptidão de cada aluno de forma individual, levando em conta que alguns são mais ou menos criativos do que outros, auxilia a desenvolver o potencial criativo dos alunos.</p>

<p>cada aluno de forma individual, levando em conta que alguns são mais ou menos criativos do que outros, auxilia a desenvolver o potencial criativo dos alunos.</p> <p>c) A combinação de estudo, leitura e exercícios proporciona o estímulo para o desenvolvimento da criatividade.</p> <p>d) As crianças são criativas por natureza, ao professor cabe apenas trazer o maior número de atividades variadas e lúdicas para que elas se desenvolvam e desabrochem em seu potencial criador.</p> <p>e) A imaginação infantil é mais rica do que a dos adultos, pois as crianças possuem um potencial criador bem desenvolvido que pode ser tolhido se o professor intervir com atividades muito direcionadas.</p> <p>f) Existe trabalho e amadurecimento no processo de desenvolvimento da criatividade. O professor pode auxiliar este processo com um plano de aula rico em conceitos, imagens e conteúdos historicamente elaborados pela humanidade.</p>	<p>As crianças são criativas por natureza, ao professor cabe apenas trazer o maior número de atividades variadas e lúdicas para que elas se desenvolvam e desabrochem em seu potencial criador.</p>
--	---

Após a tabulação dos resultados obtidos no questionário de pesquisa, respondido por doze professoras de Arte da rede municipal de ensino de Joinville, é

necessário realizar a análise desses resultados, obedecendo aos critérios metodológicos do materialismo histórico-dialético, buscando contradições e semelhanças que possam contribuir para a resposta ao objeto principal da presente pesquisa.

### 3 ANÁLISE DE DADOS SEGUNDO O MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO

No presente capítulo, será realizada a análise dos resultados da pesquisa à luz do materialismo histórico-dialético. Inicialmente será apresentado o método de análise, em seguida, a apresentação das categorias de análise, quais sejam: Criatividade como expressão e flexibilidade, Criatividade como expressão e dom individual e Criatividade como construção histórico-cultural. Em seguida, será realizada a comparação dos resultados obtidos em relação às categorias abordadas. Por fim, levantamos uma discussão que, embora não tenha vínculo direto com o objeto da presente pesquisa, é de extrema relevância ao se considerar o caráter histórico e social no qual estamos inseridos.

Partimos da premissa que qualquer pesquisa científica é uma tentativa de busca pelo conhecimento e compreensão da realidade. Dessa forma, esta pesquisa busca respostas a questões subjetivas através da aplicação de questionário estruturado, embora estejamos conscientes do caráter dinâmico de todo o processo.

Ao pesquisar as concepções sobre criatividade que permeiam o fazer pedagógico das professoras entrevistadas, nos amparamos no materialismo histórico-dialético, que, de acordo com Hillesheim (2018), apoia-se na ciência para explicar o mundo, subdividindo-se em dogmático e dialético. Os primeiros defendem que a realidade pode ser conhecida de maneira direta, enquanto os últimos argumentam que o homem pode conhecer o mundo, mas este conhecimento está vinculado à época histórica, e se baseia em evidências, utilidade, critérios científicos, ou seja, o materialismo dialético sustenta que a prática social é o grande critério para se chegar ao conhecimento.

É nesta premissa que ancoramos a análise dos dados empíricos obtidos na pesquisa, pois compreendemos que as dificuldades citadas pelas professoras relacionadas à falta de materiais disponíveis, pouco tempo de elaboração do planejamento e a desvalorização da disciplina de Arte na escola são reais, assim como destacamos o papel da formação inicial e continuada que tiveram na construção de suas trajetórias como professoras, que influenciam em seu fazer pedagógico e sua visão de arte e criatividade.

Após a tabulação e descrição dos resultados da pesquisa, o objetivo principal deste capítulo é realizar a análise dos dados, de acordo com os conceitos do materialismo histórico-dialético e da psicologia histórico-cultural. Dessa maneira,

inicialmente, os resultados foram divididos em três categorias: criatividade como inovação e flexibilidade; em seguida, criatividade como expressão e dom individual; e, por fim, criatividade como construção sociocultural.

Assim, os dados foram analisados de acordo com as contradições trazidas no discurso individual das participantes, buscando, dessa maneira, demonstrar que as respostas não são uniformes, levando em consideração que estamos inseridos em uma sociedade contraditória. Contudo, a análise se pautou em categorizar as respostas das participantes a partir da resposta da pergunta chave do questionário, “o que é criatividade para você?” Os elementos listados nessas respostas determinaram a divisão das participantes dentro das três categorias elencadas, para, em seguida, observar-se os discursos que entraram em contradição.

Por fim, é necessário trazer algumas respostas que, embora não estejam relacionadas diretamente ao objeto da presente pesquisa, possuem valor imensurável, não sendo possível deixar de debater, mesmo que de maneira breve, sobre elas, sob o subtítulo: todo o resto em casa, onde se discute a burocratização do trabalho dos professores e as demandas exigidas relacionadas à enfeitar a escola para datas comemorativas e especiais.

Na próxima seção, objetivamos descrever cada uma das categorias de análise, justificando a escolha dos termos e aplicação das respostas nas categorias listadas.

### 3.1 CATEGORIAS DE ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os dados empíricos da pesquisa foram analisados de acordo com as semelhanças, diferenças e contradições de conceitos entre as respostas das participantes e de cada uma entre si.

Com isso, foi possível perceber, no que diz respeito às semelhanças dos conceitos sobre criatividade trazidos pelas participantes entre si, que os mesmos podem ser divididos em três categorias gerais: Criatividade como inovação e flexibilidade; criatividade como expressão e dom individual; e criatividade como construção sócio-cultural.

O objetivo da presente seção é relatar cada uma das categorias sugeridas a partir da análise dos resultados da pesquisa, buscando relacionar cada uma delas com o objeto principal da pesquisa.

Vale destacar que não é possível haver coerência absoluta em nenhuma das categorias de análise aqui listadas, levando em consideração que as participantes e

a pesquisadora em questão estão inseridas em uma sociedade de modo de produção capitalista, que dissemina informações contraditórias em praticamente todas as áreas de convívio social, artístico e cultural, que se alteram diariamente, sendo que o objeto de análise se encontra dentro deste contexto.

Hillesheim (2018, p. 57) afirma:

A arte é práxis humana, atividade sensorial criativa que humaniza os sentidos; sentidos estes historicizados, pois à medida que o homem faz arte não constrói apenas objetos, mas um sujeito para estes objetos, portanto, a forma como lidamos com a arte é sempre influenciada pelo tempo em que vivemos, embora ela não se restrinja às condições históricas e sociais de sua criação. A especificidade da arte dentro do universo cultural se dá na medida em que ela consegue captar os aspectos contraditórios da vida humana indo além das circunstâncias de sua gênese (HILLESHEIM, 2018, p. 57).

As contradições presentes na sociedade capitalista interferem não apenas nos produtos materiais que são comercializados, como na arte, na cultura e principalmente no modo de viver e pensar da sociedade, conforme Duarte (2013, p. 11) destaca:

O trabalho de milhões de seres humanos tem possibilitado que objetivações humanas como a ciência e a produção material gerassem, nos dois últimos séculos, possibilidades de existência livre e universal sem precedentes na história humana. Isso, porém, tem se realizado de forma contraditória, pois essas possibilidades têm sido geradas à custa da miséria, da fome, da ignorância, da dominação e mesmo da morte de milhões de seres humanos. Nunca o ser humano conheceu tão profundamente a natureza e nunca a utilizou tão universalmente, mas também nunca esteve tão próximo da destruição total da natureza e de si próprio.

Diante do exposto, percebemos a grande dificuldade encontrada ao se realizar a análise dos dados, tendo em vista as questões que circundam o pensar e fazer pedagógico das professoras entrevistadas. Ainda assim, listamos os possíveis núcleos de coesão que permitem analisar as concordâncias e semelhanças de contexto das respostas descritivas, juntamente com a análise das respostas objetivas que permitem a inserção nas categorias de análise supracitadas.

Importante destacar também que, embora a intenção seja buscar as concordâncias e as contradições presentes nas respostas individuais ou no contexto do grupo, todas as respostas receberam a mesma atenção durante a análise de dados, sendo todas listadas dentro das próprias categorias mencionadas, buscando encontrar o resultado mais fidedigno com a realidade possível, levando em consideração as limitações que tal pesquisa apresenta nessa tarefa.

### 3.1.1 Criatividade como inovação e flexibilidade

A partir da verificação dos dados empíricos, surgiu a presente categoria de análise, elaborada a partir da observação de respostas obtidas no questionário de pesquisa por seis participantes que descrevem a criatividade com os seguintes substantivos e frases: inovação, soluções inovadoras, ideias diferentes, ideias inusitadas, sair do óbvio, originalidade e invenção do novo.

A partir das respostas, buscamos fundamentar o conceito de criatividade como inovação e flexibilidade ao modo de produção capitalista através do olhar dos autores: Saccomani (2014), Barbosa (2021), Hillesheim (2013), Fernandes (2016) e Duarte e Saviani (2012), buscando as coesões e contradições em relação às respostas subjetivas e objetivas da pesquisa.

As participantes que conceituaram a criatividade com os substantivos acima mencionados também listaram que os principais quesitos em um plano para desenvolver a criatividade ou que torna uma atividade criativa são: disponibilizar variedade de linguagens para que o aluno possa compreender o conteúdo de maneiras variadas (recorte, colagem, etc) e grande variedade de materiais (tintas, sucata, massa de modelar, etc). Foi citada também a importância de se ter espaços adequados para a execução das atividades, diálogo, apresentar diversos repertórios estéticos e realizar a leitura de imagens. Ao listar as características de uma atividade criativa, as participantes separadas na atual categoria de análise novamente citaram a questão da diversidade de materiais e de referências estéticas. Foi citado também a liberdade para criar, inovar e a apresentação de diferentes técnicas.

Referente às respostas do questionário que eram objetivas, nas quais as participantes precisavam assinalar no máximo três alternativas de seis, o grupo de análise também coincidiu em relação ao conceito de criatividade após o aprofundamento de conceitos por parte de professor através de diferentes conteúdos e referências estéticas, sendo essa opção assinalada por cinco das seis participantes. Outro conceito, assinalado por quatro das seis participantes analisadas, afirmava que as crianças são criativas por natureza, sendo que ao professor cabe apenas trazer o maior número de atividades como o objetivo de desabrochar o potencial criador de cada um. Ainda, três das seis participantes analisadas concordaram com a afirmação de que o professor precisa estimular o talento e aptidão de cada aluno, levando em consideração que alguns são mais ou menos criativos do que os outros.

Duas participantes concordaram que a combinação de leitura, estudo e

exercícios proporciona o estímulo do desenvolvimento da criatividade. Duas participantes concordaram com a afirmação de que existe trabalho e amadurecimento no processo de desenvolvimento da criatividade, de maneira que o professor pode auxiliar este processo através de um plano de aula rico em conceitos, imagens e conteúdos historicamente elaborados pela humanidade. Por fim, uma das seis participantes concordou com a opção de que a criatividade infantil é mais rica que a dos adultos, pois as crianças possuem um potencial criador bem desenvolvido.

Ao realizar a análise das opções assinaladas pelas participantes sobre o conceito de criatividade é possível perceber, até certo ponto, congruência com os dados relatados nas questões descritivas, pois as participantes concordaram que a criatividade deve ser estimulada através de variedade de técnicas, materiais e espaços, coincidindo com o item mais assinalado onde o professor deve aprofundar os conceitos através de referências variadas.

Também há a concordância de que a criatividade surge ao se dar a liberdade para criar, inovar e a apresentação de diferentes técnicas, o que coincide com a segunda opção mais votada pelas participantes, de que o professor precisa trazer o maior número de atividades lúdicas para estimular o potencial criador dos estudantes. Dentro dessa categoria, percebemos uma concordância quase unânime (cinco de seis participantes) ao conceito da criatividade como algo inato, próprio de cada pessoa, compreendendo, dessa maneira, que algumas pessoas são mais criativas do que outras, sem que isso tenha relação direta com o nível de escolaridade.

Todos esses itens corroboram para a inclusão das respostas das seis participantes mencionadas à categoria de análise de criatividade como inovação e flexibilidade, que é um conceito bastante difundido dentro do modo de produção do capitalismo neoliberal e também está presente nos documentos oficiais como PCNs e na BNCC.

De acordo com a BNCC (2018, p. 14):

No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades.

Percebemos, com o excerto acima, como o documento compreende o papel da

criatividade, destacando as expressões: aberto ao novo, resiliente e produtivo. Essa visão vai ao encontro da premissa capitalista que coloca a criatividade como uma qualidade para a classe trabalhadora se adaptar aos desmandes desumanos do capital, que visa apenas o lucro. Assim, quanto mais adaptabilidade e flexibilidade de raciocínio a pessoa possuir para se “virar” nesse contexto de desigualdades de direitos e condições de vida, mais criativa ela será considerada.

Essa vinculação da criatividade com liberdade, inovação de técnicas e atividades lúdicas pode ser analisado sob o olhar de Saccomani (2014), conforme já apresentado no capítulo um, sobre a utilização da criatividade pelo capitalismo, sendo que esta está ligada à reprodução da lógica do capital e não relacionada à emancipação humana.

A criatividade difundida na sociedade capitalista tem um objetivo claro: contribuir para o acúmulo de riqueza do capital, seja através de novos meios de trabalho (empreendedorismo e uberização) ou para buscar meios “criativos” para se sobreviver em uma realidade extremamente desigual e injusta. Essa realidade também alcança a educação, conforme Hillesheim (2018, p. 162) descreve:

Amplia-se o número de trabalhadores submetidos a sucessivos contratos temporários, sem estabilidade, administrando o tempo com atividades informais para aumentar a renda familiar e, conseqüentemente, intensificando o tempo diário destinado às atividades laborais. Nossa época testemunha um acentuado processo de precarização das atividades laborais docentes por meio do desemprego temporário, jornada distribuída em mais de uma escola, questionamentos constantes acerca da qualificação profissional acompanhados pela ausência de reconhecimento social, culpabilizando os professores pelos baixos níveis de desempenho brasileiro na educação (HILLESHEIM, 2019, p. 162).

O excerto acima evidencia o quão contraditória a sociedade capitalista se faz e como essas questões influenciam o modo de pensar, estudar e trabalhar dos professores. Afinal, um professor que possui uma carga-horária elevada e que precisa se dividir em várias escolas e ainda buscar outras fontes de renda (vendas por catálogo, produtos de beleza, roupas, entre os exemplos vivenciados pela pesquisadora em seus locais de trabalho), dificilmente conseguirá se dedicar a elaboração de planos de ensino que alcancem o desenvolvimento psíquico que se espera dos estudantes sem sacrificar sua qualidade de vida, como será abordado de maneira mais detalhada no tópico “todo o resto em casa”, no decorrer desta dissertação.

Somado aos fatores mencionados, há ainda a questão burocrática, que

também será elaborada mais adiante, que interfere no pouco tempo que os professores têm para a elaboração de seus planos de aula.

O conceito de contradições pauta-se no pensamento de Duarte e Saviani (2012) ao afirmarem que transformar conscientemente a realidade social requer compreendê-la além do óbvio. As abstrações são necessárias, como apontam os grandes pensadores marxistas. Imaginar a realidade a partir de abstrações teóricas não é uma capacidade que se forma espontaneamente, é algo que deve ser produzido deliberadamente pela escola.

De tal maneira, se compreendemos a revolução como uma das formas mais expressivas da criatividade humana, ou seja, a criação de uma nova sociedade, devemos entender que a criação de algo novo não é um ato místico e irracional, mas o resultado de um acúmulo de experiências. No processo revolucionário há um salto na forma de organização da sociedade, mas justamente o que possibilita essa transmutação é o domínio consciente das condições e contradições que se formaram na realidade anterior.

Dessa maneira, concordamos com Hillesheim (2013, p. 114) quando afirma, ancorada em Gramsci, que “as contradições são engrenagens que movimentam o motor do conhecimento e que é preciso conhecê-las para que o conhecimento espontâneo não se converta em conformidade (...)”.

É possível notar tal conformidade ao observar o conceito de criatividade vinculado ao de flexibilidade na pós-modernidade. Fernandes (2016) observa esta conexão a partir da década de 1980, quando se deu início à entrada da imagem e suas interpretações em sala de aula, especialmente a partir da sistematização da proposta triangular de Ana Mae Barbosa. A mencionada autora foi listada entre quatro das seis integrantes da presente categoria de análise. Outros autores que as participantes mencionaram foram: Vigotski ( $\frac{1}{6}$ ), Miriam Celeste Martins ( $\frac{1}{6}$ ), Fayga Ostrower ( $\frac{2}{6}$ ), Paulo Freire ( $\frac{1}{6}$ ), Augusto Boal ( $\frac{1}{6}$ ) e Viola Spolin ( $\frac{1}{6}$ ).

Percebemos uma heterogeneidade e diversidade epistemológica, evidenciando, dentro disso, as contradições observadas nas respostas. É importante destacar que, embora as seis participantes listadas fossem incluídas na categoria de análise da criatividade como inovação e flexibilidade, isso não significa que há um consenso nas respostas, apenas uma maior tendência no corpo geral das respostas que levam à referida inclusão.

Das seis participantes da pesquisa que foram incluídas na categoria de criatividade como inovação e flexibilidade, quatro citaram a teórica Ana Mae Barbosa

– motivo pelo qual é relevante trazer a visão que a referida autora possui sobre o tema criatividade:

Com o pós-modernismo a ênfase na criatividade/inação se concentrou no desconstruir para reconstruir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modificá-lo de acordo com o contexto e a necessidade. Esses são processos criadores desenvolvidos pelo fazer e ver Arte, fundamentais para a sobrevivência no mundo cotidiano. (...) Outra importante diferença do modernismo e do pós-modernismo em relação à criatividade na educação é que os professores modernistas pensavam que só o fazer artístico desenvolvia a criatividade. As teorias contemporâneas do Ensino da Arte demonstram que o ver arte, o analisar as obras de Arte ou o campo de sentido da Arte, o conviver reflexivo com a arte e sua extensão em diferentes mídias, imagens e objetos de diferentes categorias também desenvolve em alto grau as funções mentais responsáveis pelo processo criador (BARBOSA, 2021, p. 20-22).

Percebemos que há uma ligação na concepção de criatividade da referida autora às respostas observadas das participantes dessa categoria, vinculando a diversificação de mídias, imagens e objetos para contribuir no desenvolvimento da criatividade em sala de aula. Contudo, essa premissa não se ancora nos preceitos do materialismo histórico-dialético e nem na Escola de Vigotski.

Relacionado às referências estéticas mencionadas no grupo de análise atual, podemos perceber uma grande diversificação de artistas, entre eles: Valério Mattos (que é um escritor local), Amandos Sell, Tereza Martorano, Leonardo da Vinci, Vik Muniz, Mondrian, Kandinsky (2), Van Gogh (2), Tarsila do Amaral (3), Picasso, Matisse, Munch, Eli Heil, Andre Derain, Segall, Anita Malfatti, Meyer Filho e Salvador Dali.

Analisando em um contexto panorâmico, foram dezoito referências estéticas diferentes, citadas pelas participantes, sendo que três delas se repetiram: Tarsila do Amaral, com três menções; Van Gogh e Kandinsky, com duas menções cada. Houve uma menção ao artista Leonardo da Vinci. Quatro das dezoito referências são artistas catarinenses ou joinvilenses autodidatas, sendo Amandos Sell, Tereza Martorano, Eli Heil e Meyer Filho; onze dos dezoito artistas citados fazem parte de movimentos do modernismo – abstracionismo, cubismo, expressionismo, surrealismo e modernismo brasileiro –, sendo Mondrian, Kandinsky, Van Gogh, Tarsila do Amaral, Picasso, Matisse, Andre Derain, Munch, Segal, Anita Malfatti e Salvador Dali. Houve apenas uma menção à arte contemporânea, com o artista Vik Muniz.

Percebemos, dessa maneira, que o repertório estético utilizado pelas participantes em suas aulas é mais voltado ao período do modernismo na arte (em

geral, ou brasileira). Em sua tese intitulada “Mercado de arte e sua interface com o trabalho docente: Estratégias do Capitalismo Cultural”, Hillesheim (2018) investiga as referências contemporâneas utilizadas em sala de aula por professores de artes do estado de Santa Catarina, constatando que:

A perda de referenciais demonstrada por muitos professores e professoras de Artes e a sujeição às escolhas feitas pelo mercado, testemunham a capilarização do capitalismo cultural e enfatizam a necessidade de uma formação docente com acentuada elaboração conceitual na área de arte. A pesquisa possibilitou perceber que o ensino encontra-se focado no artista, fazendo recordar, salvo as devidas proporções históricas, os critérios adotados por Vasari (1550) ao escrever o livro *Vidas dos Artistas*, cuja concepção e valoração da arte estava mais centrada em quem produzia as obras de arte, que nas próprias obras. Além disso, as exigências impostas pelo neoliberalismo aos trabalhadores, o aceleração das atividades e a exigência de um constante comportamento empreendedor desacompanhado das condições estruturais necessárias, dificultam ainda mais a construção de referenciais sólidos ao longo do exercício profissional (HILLESHEIM, 2018, p116).

Dessa maneira, o fato constatado acerca das escolhas de repertório de artistas pelos professores, na aplicação da presente pesquisa, não se limita ao grupo de professores entrevistados, mas é observado também em um contexto geral dos docentes catarinenses.

A individualização dos artistas também é um conteúdo rico a ser elaborado em pesquisas futuras, pois é uma situação destacada nas falas das participantes da pesquisa. Conforme afirma Bulhões (2014), a maioria dos estudos em arte se centra na figura do artista, sem haver uma contextualização aprofundada das interferências sociais, culturais e políticas, além da influência dos marchands, críticos, museus, galerias, que agem de modo autônomo no modo de pensar, vender e compartilhar o que é arte. Essa constatação é perceptível no discurso das professoras entrevistadas.

Até o presente momento, buscamos as semelhanças conceituais que justifiquem a elaboração da presente categoria de análise. A seguir, faremos uma análise das contradições observadas no contexto geral e individual das participantes.

A primeira contradição se encontra no fato de ter sido citado o autor Vigotski por uma das participantes, ao mesmo tempo em que conceituou a criatividade como ideias inusitadas, novas, criadas pelos alunos. A mesma participante assinalou, na questão objetiva, a afirmação que se deve estimular o talento dos alunos de forma individual, levando em conta que alguns alunos são mais criativos do que outros.

Conforme abordado no segundo capítulo desta dissertação, o autor Vigotski (2011) descreve a criatividade como uma unidade do cognitivo e o afetivo, dando

especial ênfase ao social e a interrelação de criatividade e desenvolvimento. Apesar de compreender que a criatividade é uma característica inerente aos seres humanos, ele refuta a teoria de que existam pessoas com criatividade excepcional, compreendendo o fator histórico-cultural em todo o processo. Segundo Fernandes (2016), para Vigotski são necessários três fatores fundamentais para a criação: a novidade, o valor e a significação. Dessa maneira, esse tipo de criação só é verdadeiramente alcançado na adolescência, o que demonstra uma outra contradição, pois a participante em questão assinalou acreditar que a criatividade é um talento natural de cada um.

Outra contradição observada ao se analisar as respostas do grupo é que embora tenham adjetivado a criatividade com os termos inovação, novidade, criação inusitada, soluções inovadoras, as participantes foram quase unânimes em assinalar a opção que destaca a importância do professor trazer diferentes imagens e conteúdo para os alunos. Assim, percebemos que embora não tenham descrito dessa maneira, as participantes compreendem que têm o papel central no desenvolvimento da criatividade de seus alunos.

Compreende-se que soluções inovadoras e criações inusitadas podem contribuir para o desenvolvimento da criatividade através da diversificação de imagens e conteúdos, contudo, como a presente pesquisa reforça, há um consenso ideológico e hegemônico na educação, levando as participantes a reproduzirem a lógica educacional do capital. Evidentemente, a teoria histórico-cultural não concorda com essa acepção, não defende que ofertar materialidades e imagens por si só gera desenvolvimento. É somente com a mediação do ensino que pode resultar a aprendizagem, o desenvolvimento da criatividade.

A seguir, analisaremos outro grupo de participantes cujas respostas foram consideradas na categoria de análise da criatividade como expressão e dom individual.

### **3.1.2 Criatividade como expressão e dom individual**

A categoria de análise em questão se trata da observação das respostas de cinco participantes da pesquisa que colocaram o significado de criatividade com as seguintes expressões: capacidade de criar, experimentar vários meios, materiais e técnicas, ato de criar. Como respaldo teórico, vamos nos amparar nos conceitos de Vigotski (2018), Saccomani (2014), Souza (2019) e Fernandes (2016).

Relacionado aos quesitos que as participantes consideram importantes no plano de aula para desenvolver a criatividade, surgiram as seguintes respostas: leitura de imagens, comunicação, diálogo, instigar o pensamento criativo através da vivência das linguagens, exploração de materiais e temas diferentes.

Ao descrever uma atividade criativa, as participantes citaram: atividade com lápis aquarela e papel canson, contemplação da luz do sol para trabalhar o impressionismo, criação de personagens, uso de formas em processos não figurativos, releitura de temas e obras, recorte e colagem com papéis coloridos, deixar a técnica livre para os alunos decidirem como vão trabalhar determinada habilidade.

Referente às respostas do questionário que eram objetivas, nas quais as participantes precisavam assinalar no máximo três alternativas de seis, o grupo de análise também coincidiu em relação a concepção de criatividade após o aprofundamento de conceitos por parte de professor através de diferentes conteúdos e referências estéticas, sendo essa opção assinalada por quatro das cinco participantes.

Outra resposta, assinalada por quatro das cinco participantes analisadas, foi a opção de que a criatividade infantil é mais rica que a dos adultos, pois as crianças possuem um potencial criador bem desenvolvido, afirmando, ainda, que as crianças são criativas por natureza, sendo que ao professor cabe apenas trazer o maior número de atividades como o objetivo de desabrochar o potencial criador de cada um.

Duas das cinco participantes analisadas concordaram com a afirmação de que o professor precisa estimular o talento e aptidão de cada aluno, levando em consideração que alguns são mais ou menos criativos do que os outros, e duas das cinco participantes assinalaram a opção de que as crianças são criativas por natureza, sendo que cabe ao professor trazer o maior número de atividades lúdicas para desabrochar essa criatividade.

Uma participante assinalou a opção que diz que a combinação de leitura, estudo e exercícios proporciona o estímulo do desenvolvimento da criatividade e uma concordou com a afirmação de que existe trabalho e amadurecimento no processo de desenvolvimento da criatividade, de maneira que o professor pode auxiliar este processo através de um plano de aula rico em conceitos, imagens e conteúdos historicamente elaborados pela humanidade.

Em uma média geral, quatro das cinco participantes assinalaram respostas que compreendem a criatividade como uma habilidade inata e natural das crianças. Ao se vincular o resultado do questionário objetivo com os adjetivos relacionados ao

conceito de criatividade, foi possível estabelecer uma relação das participantes à categoria de análise que compreende a criatividade como subjetiva, intuitiva e como uma habilidade infantil mais elaborada do que a dos adultos.

Conforme abordado no primeiro capítulo, sobre a atividade criadora na pedagogia histórico-crítica, Vigotski (2018) destaca o caráter combinatório da criatividade, elencando que quanto maior riqueza de conteúdos for disponibilizada à pessoa, mais criativa ela deverá ser. Salientamos, novamente, que não se trata de quaisquer conteúdos, mas sim aqueles que foram elaborados historicamente pelo gênero humano que são promotores da criatividade.

De tal maneira, ao se relacionar a criatividade aos termos intuição, habilidade inata e natural, percebemos uma maior concordância do grupo de análise com o conceito de criatividade vinculado aos ideais escolanovistas pautados no construtivismo, conforme Saccomani (2014, p. 34) evidencia:

Considera-se altamente criativo o método de construção de conhecimento em detrimento do conhecimento acumulado historicamente. Valoriza-se uma suposta criatividade na construção do conhecimento e, ademais, afirma-se que o objetivo maior é o que o aluno pense livremente, criativamente. Ao mesmo tempo em que se endeusa a criatividade, transforma-a em uma categoria esvaziada de conteúdo e sem qualquer relação com a transmissão de conhecimento ou, melhor, em completa oposição à ela.

A forma como se pensa a criatividade dentro desta corrente epistemológica deixa claro que esta parte de dentro para fora, em um “afloramento” que acontece de maneira natural, sendo que alguns são naturalmente mais criativos do que outros.

Os teóricos de arte mencionados pelas participantes da presente categoria de análise foram: Ana Mae Barbosa (5/5), Kátia Canton (1/5), Fayga Ostrower(1/5), Lucina Mourão Arslan(1/5), Rosa Iavelberg(1/5), Tom Fraser(1/5), Adam Banks(1/5), Elisa Kiyoko Gunzi(1/5), Mirian Celeste (2/5), Rodrigo Hübner(1/5), Cavalhero (1/5), Gitahy (1/5), Ana Maria Caira (1/5), Otto G. Ocvirk (1/5), Robert E. Stinson (1/5), Philip R. Wigg (1/5), Robert O. Bone (1/5), David L. Cayton (1/5), Ernst Gombrich (1/5), Analice Dutra Pillar (1/5), Fernando Hernández (1/5), Vigotsky (1/5) e artigos ligados à arte (1/5).

Apesar da grande variedade de autores mencionados, novamente temos a autora Ana Mae Barbosa encabeçando a referência teórica dos professores, sendo que, neste grupo em questão, ela foi mencionada por todas as participantes.

Relacionado às referências estéticas, as participantes mencionaram Salvador Dalí, Mondrian, Leda Catunda, Vick Muniz (2/5), Tarsila do Amaral (2/5), Diego Rivera, Krajcberg, Picasso, Maria Bonomi, Portinari e Van Gogh.

Diante da análise das respostas subjetivas e objetivas das participantes da atual categoria de análise, podemos compreender que a visão de criatividade delas se enquadra no conceito de criatividade como intuição e dom individual, muitas vezes relacionado a uma habilidade inata, que alguns alunos possuem e outros não.

O conceito de criatividade vinculada à ideia de um “gênio criador”, de acordo Souza (2019), surgiu no fim do Renascimento, com o intuito de explicar a capacidade criativa de artistas como Da Vinci, Vasari, Telésio e Michelangelo. Ainda segundo o autor, essa teoria identifica a criação como uma forma altamente desenvolvida da intuição, tornando o criador uma pessoa excepcional.

Contudo, essa visão também é contemporânea e atual, pois, no senso comum há o estigma dos alunos como artistas quando acontece o destaque alguns em relação aos outros, realizado, muitas vezes, pelos próprios estudantes que descrevem determinados colegas como “artistas” ou “com dom para arte”.

Segundo Fernandes (2016, p. 112), “a visão romântica favorece a concepção da livre associação de ideias obtida por inspiração e dom, criando o conceito de gênio como o indivíduo de mente criativa capaz de criar uma condição diferenciada dos demais”.

Ambos os conceitos supracitados se encaixam na visão humanista da criatividade, que acreditam que fatores como dom individual (alguns nascem criativos, outros não, indiferente das condições histórico-sociais de cada um), herança genética biológica (visão biologista que compreende a criatividade como uma força transmitida por códigos genéticos, logo, não ensináveis) e fatores de personalidade (determinados traços de personalidade são mais sucessíveis de contribuir para a capacidade criadora, entre eles a tolerância e sensibilidade) interferem na criatividade das pessoas, desconsiderando, neste caso, a construção sócio cultural.

Dessa maneira, essa concepção epistemológica compreende a criança como um ser puro e cheio de criatividade natural, que, segundo Fernandes (2016, p. 114) quanto mais livre ela estiver de interferências externas, “mais irá se expressar e maiores serão a sua conscientização e a sua sensibilidade”.

No Brasil, essa visão de criatividade teve bastante força nas décadas de 1920-1930, como o surgimento da Escola Nova, movimento na educação que se contrapôs ao modelo da escola tradicional, valorizando, principalmente, a espontaneidade e livre expressão, buscando, através de atividades sem direcionamento o desenvolvimento da capacidade criadora dos alunos de modo geral (FERNANDES, 2016). Também nesse momento histórico, aconteceu a mudança da postura do professor, que deixou

de ser o centro do processo educativo, que é um conceito bastante evidente na Escola Nova. Os resquícios desse período histórico podem ser vistos também na atualidade, percebendo-se uma certa tendência por parte das participantes da pesquisa na concordância com concepções da criança mais criativa, intuitiva e livre, conforme observado nas respostas.

Sobre essa corrente da educação, Souza (2019, p. 11) expõe:

(...) um dos maiores problemas educacionais do País: a falta de familiaridade com o processo criativo por parte dos estudantes de todos os níveis. Desde os primeiros passos na escola, o aluno aprende a repetir conceitos e verdades ditos 'universais', mas raramente lhe é oferecida a oportunidade de participar criativamente no desenvolvimento desses conceitos. É a escola do 'saber pronto', e não a do saber construído.

No excerto acima é possível perceber uma supervalorização da criatividade em oposição ao ensino de conteúdos históricos, destacando entre aspas como universais, como se esses ensinamentos podassem a possibilidade de desenvolvimento criativo dos alunos. Contudo, vale salientar, correndo o risco de ser repetitiva, que a análise em questão é uma abstração, um recorte da realidade, que pode sofrer influências e modificações ao longo do tempo e mesmo durante a própria elaboração da pesquisa.

Após encontrar os pontos de coesão conceitual das participantes enquadradas na presente categoria de análise, é necessário destacar as contradições percebidas. Uma das participantes mencionou que criatividade é a capacidade de criar, alegando que a melhor maneira para se estimular o processo criativo dos alunos é através da apresentação de muitas possibilidades, materiais e técnicas. Porém, ao assinalar as questões objetivas, ela concordou que a criatividade está vinculada ao trabalho e, para isso, o professor precisa apresentar os conteúdos historicamente elaborados pela humanidade. Percebemos, nessa resposta, um pouco de todas as categorias listadas nesta dissertação, demonstrando, claramente, que não há consenso epistemológico.

A mesma situação pode ser observada nas respostas de outras participantes, que, ao mesmo tempo em que concordam que a criatividade é intuitiva e natural, também concordam no papel do professor para elaborar os conceitos, trazer imagens artísticas variadas e ricas em contradição para elaborar a capacidade criativa em seus estudantes. Embora haja o senso compartilhado entre as participantes de que a criança é criativa por natureza, elas igualmente concordam que o professor tem sim um papel a desempenhar no processo pedagógico, o que se opõe ao conceito da Escola Nova.

É interessante observar como a pesquisada acima defende ao mesmo tempo duas concepções antagônicas. Tal situação é normal, diante da formação inicial e continuada pautada em concepções diversificadas, o que resulta em profissionais que, por situarem-se nesta condição (histórica, política, geográfica, social), tem o entendimento superficial das teorias educacionais que embasam sua prática.

As pesquisadas podem não ter subsídios teóricos para compreender a criatividade, ou tê-los de forma difusa, mas em sua prática, entendem a importância de mediação do processo de aprendizagem, realizado pelo professor. Superaram, na práxis o *laissez-faire* e a ideia de espontaneísmo, embora não saibam entrelaçar esses conceitos com a concepção inatista de criatividade.

Dessa maneira, seguimos para a próxima categoria de análise, com o objetivo de perceber as concepções epistemológicas presentes entre as professoras de arte participantes da pesquisa.

### **3.1.3 Criatividade como construção sócio-cultural**

A terceira e última categoria de análise proposta nesta dissertação foi criada partindo da análise das respostas de uma das participantes da pesquisa. Ela escreveu que a criatividade é colocar em prática o seu potencial imaginário advindo das experiências adquiridas na experiência vivenciada ou aprendida.

A respeito dos quesitos necessários para elaboração de um plano de aula que contemple a criatividade, ela escreveu que é necessária a compreensão dos elementos visuais de arte, relacionados com artistas e obras, reflexão poética sobre a temática apresentada e a realidade da comunidade escolar, além de práticas em ambientes adequados, como salas especiais para a aula de arte.

Sobre as características de uma atividade criativa ela descreveu as referências artísticas, embasamento do objeto de conhecimento com a realidade e incentivo à prática com materiais que a escola possui. Escreveu, ainda, que para que isso aconteça, é necessário o embasamento adequado do professor sobre os temas e em relação à comunidade.

Nas questões objetivas, a referida participante afirmou que o aprofundamento, por parte do professor, de imagens, contexto social e referências, vai proporcionar mais possibilidades de produções criativas por seus alunos. Outro item assinalado foi o de que a combinação de estudo, leitura e exercícios proporciona o estímulo do desenvolvimento da criatividade e, por fim, que existe trabalho e amadurecimento no

processo de desenvolvimento da criatividade, de forma que o professor pode auxiliar ao elaborar um plano de aula rico em conceitos, imagens e conteúdos historicamente elaborados pela humanidade.

Na análise das respostas objetivas, juntamente com as subjetivas, foi possível perceber que a participante apresenta o perfil que condiz com a presente categoria de análise, que percebe a criatividade como conhecimento construído sócio historicamente. De acordo com Fernandes (2016, p. 137), “toda a produção humana é a possibilidade de criação de uma realidade que constitui e é constituinte da humanidade”.

Dessa maneira, ao se vincular a criatividade ao conceito de trabalho, aceitamos a premissa de que a criatividade é uma atividade vital humana, sendo esta construída necessariamente no contexto histórico-cultural da interação das pessoas com o ambiente em que vivem. Ela surgiu como uma necessidade do homem de adaptar a natureza às suas necessidades, sendo esta a principal diferença dos homens em relação aos outros animais, qual seja, a capacidade de criar coisas novas.

A concepção apresentada foi proposta por Vigotski (2009, apud FERNANDES 2016, p. 115) que afirma que a criatividade é um processo complexo da subjetividade humana, sendo uma função psicológica superior, constituída e constituinte da história e cultura da humanidade. De acordo com Neves-Pereira (2007, p. 71, apud FERNANDES, p. 118) “o domínio sócio-histórico-cultural passa a ser o palco de onde surge a criatividade, a partir da interação entre o sujeito e o meio, proporcionada pelas linhas de desenvolvimento e da aprendizagem”.

Por essa razão, a participante destacada na referida categoria de análise apresentou respostas que representam a visão da criatividade como uma construção do conhecimento intrinsecamente relacionada com a qualidade do estímulo (ensino) proporcionado pelo professor. Ao afirmar o caráter social e cultural, as respostas da participante apresentam coesão com o pensamento de Vigotski sobre a criatividade.

Contudo, a mesma participante mencionou como referencial teórico a autora Ana Mae Barbosa, que, conforme já citado anteriormente, possui a visão de que ver arte, analisar as obras de Arte e o conviver reflexivo com a arte e sua extensão em diferentes mídias, imagens e objetos de diferentes categorias, desenvolve em alto grau as funções mentais responsáveis pelo processo criador (BARBOSA, 2021). Percebemos aqui uma contradição com essa concepção da referida autora com as respostas subjetivas e objetivas da participante, no que diz respeito à compreensão do papel diretivo do professor no ensino, conforme já elaborado no capítulo um.

Dessa maneira, encerramos as categorias de análise propostas para verificar o pensamento das participantes, sendo necessário, no próximo tópico, realizar considerações de cunho conceitual e epistemológico observado através das respostas ao questionário de pesquisa.

### 3.2 COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS EM RELAÇÃO ÀS PEDAGOGIAS ABORDADAS

A presente pesquisa de mestrado tem como objeto investigar as concepções epistemológicas dos professores de arte em relação à criatividade. Nas seções anteriores, realizamos a descrição e análise das respostas das doze participantes que responderam o questionário, harmonizando as respostas com as seguintes categorias: criatividade como inovação e flexibilidade; criatividade como intuição e dom individual; e, também, criatividade como construção sociocultural.

Em todas as categorias em que as participantes foram adequadas, foi deixado claro o caráter abstrato de tal análise, e que, como qualquer pesquisa científica, o resultado captura o objeto de estudo em movimento, pois a realidade não pode ser congelada para que o pesquisador a analise. Dessa maneira, temos registrado aqui uma pequena fração de tempo, sendo que se compreende a precariedade de tal olhar.

Reconhecemos, também, que as concepções de criatividade destacadas pelas participantes da pesquisa são carregadas de contradições e dilemas, característicos do campo da educação, mas também relacionado à sociedade capitalista na qual estamos inseridas, participantes e pesquisadora, que geram cristalizações e naturalizações no trabalho pedagógico, que estão além das condições individuais de compreensão, por se tratar de influências estruturais. Para além dessas considerações, podemos realizar duas comparações principais dos conceitos sobre criatividade trazidos pelas participantes, que serão explicitados a seguir.

A primeira comparação é referente às concepções vinculadas às categorias de criatividade como inovação e flexibilidade, e a categoria criatividade como expressão e dom individual, que se assemelham, em vários aspectos, à concepção de criatividade presente nas pedagogias hegemônicas, especialmente as vinculadas à Escola Nova. As pedagogias hegemônicas possuem, majoritariamente a visão de criatividade comumente vinculada ao senso comum, concordando com o conceito de que algumas pessoas são criativas (artistas, escritores e outros poucos presenteados

pela mãe natureza e as crianças, de modo unânime) ou então que esta criatividade pode ser exercitada por todos, mas sempre a partir de dentro da pessoa, dos seus próprios recursos internos e subjetivos, como motivação, dedicação e até mesmo por questões subjetivas do tipo de personalidade.

O papel da criatividade nessas pedagogias também é bem evidente, com o principal intuito de se adequar ao ideário capitalista, pois a criatividade, do ponto de vista do capital, serve como conformação e manutenção deste, para adaptar-se ao sistema e não necessariamente para que se produzam novas tecnologias para o consumo (uma vez que a tecnologia não serve para o consumidor e nem para o trabalhador, mas para o capital lucrar com a produção deles), ou então o de sobreviver dentro dessa forma de vida repleta de injustiças sociais, e o que é pior, se adaptar a elas.

Contudo, ao mesmo tempo que em algumas falas de seu discurso as participantes tenham utilizado palavras que permitiram a análise da concepção de criatividade vinculada a esse ideário hegemônico, há uma defesa bastante relevante no que tange ao papel do professor em sala de aula, sendo que o item mais votado na pesquisa foi o que defende a função precípua do professor em fornecer os materiais psíquicos e conceituais, através de imagens, análise contextual e referências diversificadas que permitam a ampliação do repertório dos estudantes.

Tal concepção é contrária à visão que a Escola Nova possui acerca do papel do professor, vendo este como coadjuvante no processo de ensino, que é focado nos interesses e desejos do aluno, que é, portanto, o protagonista. Destaca-se isso para não parecer que estamos secundarizando a aprendizagem, porque de fato o sujeito da aprendizagem é o aluno, e o objetivo da aprendizagem é fazer com que o aluno aprenda. Agora, o sujeito do ensino é o professor (e não o aluno). A Escola Nova, vinculada ao ideário do construtivismo, acredita que as crianças precisam construir o conhecimento por si mesmas, sendo este o melhor forma de aprendizagem.

É importante destacar que, nesta dissertação, acreditamos no ensino e na disseminação dos valores universais que foram construídos pela humanidade como maneira de propiciar o desenvolvimento psíquico dos estudantes, para que, dessa maneira, eles consigam alcançar a forma mais evoluída de pensamento, que é o pensamento por conceitos. Apenas o alcance de tal nível de desenvolvimento psíquico permitirá aos seres humanos compreender a realidade objetiva e buscar meios de

modificá-la.

Acerca da criatividade nas aulas de arte, concordamos com Fernandes, quando afirma que ela está contida na prática artística, afinal, é fruto da elaboração subjetiva e social dos seres humanos. Assim, ainda que o professor de arte não possua conhecimentos sobre a criatividade, ela se coloca como condição fundamental no processo de ensino em função de seu caráter intrínseco.

Ainda segundo a autora (2016, p. 98):

A atividade criadora é inerente à arte, por meio dela se percebe o que é o homem e o que é sociedade, sem ser um mero reflexo da sociedade, mas representando, pelo seu caráter criativo, uma constante reflexão sobre o mundo. A arte, a partir de sua singularidade, evidencia a universalidade, numa perspectiva que visa à superação constante de formas estagnadas e estereotipadas da existência humana (FERNANDES, 2016, p. 98).

Conforme analisado nas respostas, há uma concordância da maioria das participantes tanto com concepções que se enquadram no ideário hegemônico, que compreende a criatividade como um dom inato e, de certa forma sobrenatural, assim como com o pensamento de Vigotski (1978, apud FERNANDES, 2016), que afirma que tudo o que excede o marco da rotina, que tem uma mínima partícula de novidade, tem sua origem na atividade criadora do homem. Podemos afirmar, dessa forma, que a criatividade não é atributo de alguns poucos, mas sim, a capacidade de todos os homens, de algum modo e nível, sendo o resultado das interações complexas entre os elementos internos e externos àquele que cria. Assim, há a compreensão de que não se cria do nada, a imaginação tem origem em experiências passadas.

Segundo Mitjans Martinez (2007 apud FERNANDES, 2016, p. 133)

(...) a criatividade evidencia, no contexto pedagógico, a complexidade da interdependência da pessoa em relação ao contexto social e cultural no qual está inserida, contribuindo para a expressão de criatividade como uma produção individual e social, não como uma habilidade centrada no indivíduo ou em produtos.

Compreendemos, dessa maneira, que não há um consenso epistemológico entre as participantes acerca da criatividade, ficando evidenciado que há a interlocução de concepções que versam ora para a criatividade como subjetivista, e dom, ora como construção do conhecimento que deve ser elaborado e fornecido pelos professores.

Na próxima seção faremos uma abordagem relacionada às falas das

participantes no que diz respeito ao tempo para o planejamento destinado na rede municipal de ensino estudada e a possibilidade (ou impossibilidade) de se pensar um ensino de qualidade e eficaz, que seja capaz de fornecer os subsídios necessários para o desenvolvimento da criatividade dos estudantes.

### 3.3 TODO O RESTO EM CASA

A presente seção se fez necessária, se forem levadas em consideração as respostas fornecidas pelas participantes da pesquisa às questões que indagavam sobre o tempo para o planejamento, disponibilizado dentro da carga horária da rede municipal. O questionamento era: diante da sua realidade, você acredita que o tempo disponível em sua carga horária semanal é suficiente para elaborar um plano de aula que favoreça o desenvolvimento intelectual dos alunos? Justifique. Para essa questão, das doze participantes, onze responderam que acham que não é tempo suficiente, e uma respondeu que como já possui materiais organizados dos outros anos de trabalho, acaba sendo suficiente, mas acredita que para um professor iniciante não seja.

Uma das participantes justificou da seguinte maneira: *“para elaborar um bom plano de aula precisamos de mais tempo de leitura e pesquisa, porque os conteúdos e linguagens e epistemologias são constantemente modificados pelo decorrer da história, por isso precisamos nos atualizar”*. Outra afirmou que *“o que ainda prevalece são as notas. Tento fazer fora de meu horário os planejamentos”*, e outra participante disse que *“passo longas horas me organizando em casa, nas noites e nos finais de semana. Se conseguisse realizar na escola não precisaria do tempo extra, já tentei inúmeras vezes realizar tudo na escola mas infelizmente resolvi aceitar que dói menos, é horrível ir trabalhar e não ter ou saber o que fazer no encontro com os alunos, nossa aula é prática e nos consome muito tempo de orientação e auxílio durante as aulas mal dá para fazer registro”*.

Já as outras participantes justificaram da seguinte maneira: *“Temos pouco tempo; é um tempo muito curto. Também são outras situações e funções para resolver na escola; como disse na resposta anterior, trabalho 20h e dedico um dia sem remuneração para preparação do planejamento adequado às aulas de arte; pois falta tempo para planejar, atender os alunos, corrigir, abordar os conteúdos, médias,*

*relatórios, planilhas para preencher e muito mais; tenho 24 turmas, sendo do 1º ao 9º ano. São demandas totalmente diferentes, práticas totalmente diferentes. É impossível dar conta de tudo, infelizmente algo fica sempre por fazer; Acredito que mais horas-atividades poderiam contribuir com mais tempo para desenvolver as atividades”.*

No item do questionário que ficava aberto para sugestões ou outras considerações, uma participante colocou a seguinte resposta: *“Deveríamos ter mais tempo de aulas (2) em cada série, desburocratizar a papelada, sequência didática e EVN já ajudaria”.*

O EVN (Escola Via Net) mencionado pela participante se trata de um sistema que compila todo o histórico dos alunos, divididos por turma, sendo que ali o professor deve digitar as notas, as faltas e os conteúdos, divididos por trimestre. Os planejamentos, conforme já apresentado no início desse capítulo, possuem uma formatação rígida, não sendo possível realizar a alteração dos conteúdos, objetivos e habilidades, sendo que a única etapa que é totalmente desenvolvida pelos professores são as estratégias de ensino.

A secretaria de educação está constantemente realizando modificações nas demandas burocráticas exigidas pelos professores, sendo que no período da pandemia do Covid-19 houve um excesso, cada professor precisava criar o planejamento semanal, postar no EVN e na plataforma de ensino adotada pela secretaria (google-classroom), além de criar as apostilas com o conteúdo a ser ministrado semanalmente, realizando também a postagem na plataforma classroom. Outra demanda que foi necessária, levando em conta a cobrança por parte da equipe administrativa, foi a busca ativa dos alunos para que realizassem as atividades propostas. Não bastassem as demandas de planejamentos semanais e questões burocráticas em geral, os professores ainda precisavam ligar, mandar mensagens ou e-mail para os pais dos alunos que não estivessem cumprindo suas atividades.

Com o final do ensino remoto e o retorno ao ensino presencial, ainda foi exigido dos professores que postassem seus planejamentos quinzenalmente no classroom, por mais um tempo, pois ainda havia estudantes com comorbidades que necessitavam receber o conteúdo de modo online. Percebemos que tal medida foi desgastante para os professores, pois já estavam com suas demandas diárias em sala de aula, tendo que se preocupar, além disso, com os alunos que permaneceram remotos.

Todas essas questões geraram pressões nos professores, uma vez que se viam obrigados a produzir todo o trabalho da escola, os planejamentos, correções e intervenções normais com os alunos, preencher os documentos burocráticos no EVN e atender aos alunos de modo remoto. O retorno 100% presencial foi, ao mesmo tempo, um alívio e uma preocupação a mais na vida dos professores.

Desde o início do presente ano, não há mais alunos em modo remoto na rede municipal de Joinville, porém, as demandas burocráticas permaneceram tão rígidas quanto antes. A equipe administrativa cobra dos professores a postagem dos conteúdos no EVN mensalmente, sendo que este deve estar dentro das especificações exigidas pela secretaria da educação.

Atualmente, o EVN passou por uma atualização que tem gerado ainda mais ansiedade e desconforto entre os professores, especialmente no que se relaciona à postagem do planejamento, que não pode mais ser feita como colagem do conteúdo elaborado no word, mas sim ser preenchido em pequenas caixas que divide as habilidades, conteúdos e objetivos. O professor de arte que possui diversas turmas perderá o dobro do tempo para preencher cada uma das caixas com o planejamento.

Tais medidas se alinham com a realidade educacional de outros países, conforme observa Fisher (2020, p. 85) ao analisar a burocratização da educação britânica. Ele afirma que:

De um lado, os procedimentos burocráticos flutuam livremente, independente de qualquer autoridade externa; por outro, essa autonomia garante que tais procedimentos assumam uma dureza implacável, imunes a retificações ou questionamentos.

A organização do tempo escolar destinado ao ensino e planejamento dos professores, assim como o engessamento do currículo, com normatizações excessivas que geram apenas mais papelada a ser preenchida, ocasionam o contrário do esperado para um ensino condizente com o desenvolvimento psíquico e da criatividade dos estudantes, pois ocorre um aprisionamento na racionalidade. O professor fica preso a prazos e questões burocráticas em demasia, perdendo o tempo que poderia ter sido usado para estudar e elaborar suas estratégias de ensino com qualidade.

Algumas falas das participantes ilustram perfeitamente esse ponto de vista, pois elas afirmam que, em função do excesso de burocracia, precisam fazer seus planejamentos em casa, nos seus horários livres ou finais de semana, ou seja, de maneira não-remunerada. Tal situação vai se refletir diretamente na qualidade de vida dessas

professoras, que deixam de realizar atividades de lazer ou de vivenciar momentos de descontração com seus familiares para dar conta das demandas de trabalho.

O excesso de burocratização do trabalho docente não é o único desafio enfrentado pelos professores de arte da rede. Há ainda a cobrança, implícita ou não, para que a escola seja decorada, sendo esta missão entregue sem titubear ao professor de arte, pois ele é, segundo senso comum, o profissional mais criativo da instituição. Essa visão da criatividade do professor de arte é, conforme Fernandes “difusa e utópica, tratada como mais um tema, um enfeite ou uma alegoria que consta no discurso do professor ou da escola” (FERNANDS, 2016, p. 167). Seja em datas comemorativas tradicionais (Natal, Páscoa, Dia dos Professores, etc) ou excepcionais (Copa do Mundo), a demanda de decorar a escola recai sobre o professor de arte, pouco sendo considerada a efetiva carga horária que possui em sala de aula, que, via de regra, é sempre reduzida a uma ou duas aulas semanais por turma.

Esse tipo de situação se torna um problema, levando em conta que o professor precisa conciliar as especificidades e conteúdos historicamente elaborados de sua disciplina, que, no caso da rede municipal de ensino, já vêm esquematizados por trimestres, intercalando com as demandas sazonais impostas pela escola com o objetivo apenas de “deixar a escola mais colorida”, tudo isso em 48 minutos de aula semanais.

Ocorre também, como Fisher (2020) afirma, uma cobrança não apenas produtiva, mas afetiva, na qual surgem as expectativas ocultas por trás das oficiais, por exemplo, como a equipe administrativa comentar que a escola precisa estar mais enfeitada e colorida, ou então, que com a chegada da Copa do Mundo, é necessário que sejam pintadas bandeiras do Brasil e o mascote da copa nas aulas de Arte. Cobra-se, dessa maneira, que o professor realize atividades diversificadas para enfeitar a escola, mas também dê conta do conteúdo e atividades burocráticas dentro dos prazos estabelecidos.

É importante destacar que compreendemos a importância de atividades extracurriculares (montagem de exposições, saraus, apresentações em geral) para o enriquecimento do repertório histórico e cultural dos alunos, sendo que os mesmos devem ser incentivados e elaborados por toda a equipe pedagógica, sem que se recaia apenas sobre o professor de arte sob a justificativa errônea e simplista de que ele é mais “criativo”.

O que está sendo discutido aqui são as pressões que são frequentemente realizadas nas escolas em períodos específicos comemorativos que tem o único propósito de enfeitar as paredes da escola, sem que haja elaboração conceitual que possa enriquecer e agregar valor a quem observa e contempla. Compreendemos a grande importância da aula de arte para o desenvolvimento integral dos seres humanos em

formação, assim como o papel social e subjetivo da arte na sociedade, de maneira que não concordamos com uma visão aligeirada e subalterna que a arte e os professores de arte são submetidos em certos contextos educacionais, como condição meramente decorativa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da presente pesquisa de mestrado foi investigar as concepções sobre criatividade dos professores de arte da rede municipal de ensino de Joinville. Para tal, foi necessária uma revisão bibliográfica acerca da criatividade em dois contextos: nas pedagogias hegemônicas vinculadas ao lema da Escola Nova e na pedagogia histórico-crítica, aprofundando-se seus fundamentos na psicologia histórico-cultural.

Diante disso, percebemos a presença intensa do viés de criatividade vinculado ao construtivismo, que a compreende de maneira inata e subjetivista, como um dom individual que nasce ou “desabrocha” de dentro para fora, em contraposição à construção cultural que gera o desenvolvimento psíquico necessário para elaborações verdadeiramente criativas. O questionário, aplicado com doze professoras da rede municipal de Joinville através de um questionário respondido de maneira online, viabilizou ter subsídios para elaborar categorias de abstração que permitissem compreender a visão que as professoras têm acerca do objeto. As categorias de análise elaboradas a partir das respostas objetivas e subjetivas do questionário foram: criatividade como inovação e flexibilidade; criatividade como expressão; e dom individual e criatividade como construção sociocultural.

Conforme apresentado no decorrer da pesquisa, o conceito de criatividade como inovação e flexibilidade surgiu no contexto social da década de 1980, no Brasil, vinculando a criatividade como um recurso que possibilita o desenvolvimento de habilidades essenciais para a adaptação ao capitalismo, tais como flexibilidade, originalidade e fluência. Todas essas habilidades têm como função tornar a vida humana mais palatável dentro de um sistema desumano e voltado principalmente para o mercado. Tal estilo de ensino está relacionado com o tecnicismo, para o qual a arte e a técnica são sinônimos de criatividade, sendo que quanto mais similar aos modelos, mais valorizado seria.

Já o conceito de arte como expressão e dom individual possui raízes mais antigas, desde o Renascimento com seus gênios artistas. Porém, na atualidade, ele se disseminou em nosso país a partir da década de 1970, com o surgimento das Escolinhas de Arte que propagavam um estilo de ensino artístico voltado à livre-expressão, com aulas mais vinculadas às experimentações de diferentes materiais,

sem um contexto histórico que as fundamentassem.

Por fim, através dos estudos dos conceitos da psicologia histórico-cultural, surgiu a concepção de criatividade vinculada ao contexto sócio-histórico-cultural, no qual ela é compreendida não como uma habilidade pessoal e inata, nem como a mera adaptabilidade dos seres humanos à realidade social, mas sim como resultado direto das interações complexas entre os sujeitos e o contexto, tendo sua raiz no trabalho. Dessa maneira, a criatividade faz parte da humanidade, que modifica seu contexto através das objetivações. Logo, toda produção humana é tanto constituinte da humanidade, como uma possibilidade de criação dessa mesma realidade.

Percebemos, embora tenha havido respostas que permitiam a inserção de determinadas participantes nas categorias citadas, que houve, de modo geral, um discurso contraditório, seja relacionado às respostas subjetivas em relação às objetivas ou então relacionado aos teóricos ou artistas citados em relação ao conceito de criatividade destacado.

Tal percepção levou à conclusão de que há uma diversidade de concepções acerca da criatividade por parte das professoras participantes da pesquisa, havendo contradições importantes em basicamente todos os discursos. É importante destacar que tal conclusão se baseia nas respostas fornecidas pelas participantes no momento da análise, o que também se trata de uma abstração, levando em consideração o caráter efêmero e temporal da pesquisa científica. As professoras não apresentam esta precisão nas respostas, uma vez que, conforme o materialismo histórico-dialético e a Psicologia histórico-cultural, a criatividade é ontológica ao ser humano e à sua atividade vital, que é desenvolvida e tem caráter objetivo.

Compreendemos também que os professores vivenciam diversas influências emocionais, psíquicas e sociais, mas, acima de tudo, não podemos deixar de destacar as intencionalidades ideológicas que recaem sobre o seu trabalho e seu modo de pensar, frutos das novas necessidades que são impostas pela sociedade capitalista na qual estamos inseridos. Dessa maneira, tal estudo registra o olhar da pesquisadora sobre uma pequena fração de tempo baseado em conhecimentos científicos, sendo que a pesquisadora compreende a completa fragilidade desse olhar, mas também compreende ser relevante tal pesquisa em decorrência da autenticidade da construção do conhecimento, considerando os dilemas e dificuldades encontrados no contexto pedagógico dos professores de arte.

Também se faz necessário salientar que o tema da criatividade não pode ser

esgotado em uma pesquisa apenas, mas possui potencial para ser investigado em pesquisas futuras, sendo possível aprofundar não apenas a questão epistemológica dos professores e sim de toda a equipe pedagógica que envolve o contexto educacional.

A concepção de criatividade defendida da presente pesquisa versa sobre a construção histórico-cultural do conhecimento, se destacando o papel central do professor como o desenvolvedor de atividades ricas em conhecimentos historicamente elaborados que venham a contribuir para o desenvolvimento psíquico dos estudantes, sem o qual a criatividade não se faz possível.

Para isso, é importante salientar o papel da educação escolar que deve produzir, através do compartilhamento das conquistas alcançadas pelo gênero humano, o alcance das formas de elaboração psíquica mais avançadas, através da dialética da apropriação e objetivação. Ao auxiliar os estudantes a subjetivar o que foi objetivado pelas gerações passadas, a educação escolar permite o verdadeiro desenvolvimento da criatividade, pois coloca os alunos em contato com as objetivações mais ricas já elaboradas pela humanidade.

Observamos também, através da análise das respostas das participantes relacionadas à divisão temporal do trabalho no contexto escolar, que, na maioria das vezes, o professor é condicionado à organização do tempo e espaço, através da planificação do tempo e interferências conceituais, o que impõe limitações à tentativa de se realizar um ensino fomentador da criatividade.

Outrossim, quando se fala em criatividade, é relevante mencionar que ela pode ser aproveitada para gerar submissão e aceitação das pessoas ao mundo capitalista, que visa o lucro, o que resulta em desigualdades sociais com as quais não concordamos. Logo, a criatividade defendida aqui tem o principal objetivo de contribuir para o desenvolvimento integral dos seres humanos, de maneira que estes possam ser agentes de mudança para um mundo melhor a partir da consciência de que a realidade existe e pode ser modificada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, A.A; MARTINS, L.M. Relações entre conteúdos de ensino e processos de pensamento. In: PINHO, S. Z. (Org.). **Oficinas de estudos pedagógicos: reflexões sobre a prática do Ensino Superior**. São Paulo: Cultura Acadêmica/UNESP, 2008.

ANVERSA, P. **Da teoria à prática, da prática à teoria: análise da práxis docente em Artes Visuais na educação infantil**. UDESC. Florianópolis, 2022.

ARROYO, M.G. **A formação docente-educadora, interrogada?** (Prefácio). In: RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. (Org.). Políticas, práticas e formação na educação básica. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 9-15.

BARBOSA, A.M. A volta da criatividade. In: MOURA, E.J.S.; CALLHADO, M.A.C.F.; DURÃES, N.A. (org). **10 anos de Seminário de Pesquisa em Artes** [recurso eletrônico. Montes Claros: Editora Unimontes, 2021.

BECKER, F. O que é construtivismo? **Desenvolvimento e Aprendizagem sob o enfoque da psicologia**. UFRGS – PEAD, 2009.

BULHÕES, A. **As novas regras do jogo: o sistema de arte no Brasil**. Porto Alegre: Zouk, 2014.

DUARTE, N. As pedagogias do aprender a aprender e algumas ilusões da assim chamada sociedade do conhecimento. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, 2001, v. 24, n.18, p. 35-40.

\_\_\_\_\_. **Vigotski e o “aprender a aprender”**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

\_\_\_\_\_. O senso comum neoliberal obscurantista e seus impactos na educação brasileira. **RPGE Revista on-line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 24, n. esp. 1, p. 715-736, ago. 2020.

FERNANDES, V.L.P. **A criatividade no ensino de Artes Visuais – da reprodução à inclusão**. 1 ed. - Curitiba: Appris, 2016.

\_\_\_\_\_. Abordagem histórico cultural da criatividade no trabalho pedagógico do professor de artes visuais. **Artes Visuais e Educação: Ensino e Formação**. Uberlândia, MG. 2017.

\_\_\_\_\_. **A Escola de Vigotski e a educação escolar: algumas hipóteses para uma leitura pedagógica da Psicologia Histórico-Cultural**. Psicol. USP v.7 n.1-2 São Paulo, 1996.

FISHER, M. **Realismo Capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FISCHER, E. **A Necessidade da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1959. Tradução:

Leandro Konder.

GALVÃO, A.C; LAVOURA, T.N; MARTINS, L.M. **Fundamentos da Didática Histórico-Crítica**. 1ed. Campinas - SP: Autores Associados, 2019.

GALVÃO, A.C; SACCOMANI, M.C.S. A transmissão de conhecimentos como condição para a criatividade: o papel diretivo do professor e a criança feliz. **Perspectiva** - Revista do Centro de Ciências da Educação, v.37, n.1, p. 296-315/ jan./mar. 2019. Florianópolis - SC.

HILLESHEIM, G.B.D. **Mercado De Arte E Sua Interface Com O Trabalho Docente: Estratégias Do Capitalismo Cultural**. 2018. Tese de Doutorado. Ceart-Udesc, Florianópolis, 2018.

HILLESHEIM, G.B.D. **Um Olhar Para As Pesquisas Que Abordam A Formação De Professores De Artes Visuais: Caminhos Percorridos E A Percorrer**. 2013. Dissertação de Mestrado. Ceart-UDESC, Florianópolis, 2013.

HORKHEIMER, M., e ADORNO, T. W., **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos filosóficos**. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LEITÃO, J.O. **A especificidade do ensino de Arte na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) — Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara), 2019.

LEITE, P.S.C. Contribuições dos estudos marxianos para a Estética: reflexões sobre a sociedade contemporânea. **Filosofia e Educação** [rfe], Campinas, v. 7, n. 1, p. 33-62, fevereiro-maio 2015.

MARSIGLIA, A. C. G. (Org.). **Pedagogia histórico-crítica: 30 anos**. Campinas: Autores Associados, 2011.

MARTINS, L. M. Pedagogia Histórico-Crítica e Psicologia Histórico Cultural. In: Marsiglia, Ana Carolina Galvão. (Org.). **Pedagogia Histórico-Crítica: 30 anos**. Campinas: Autores Associados, 2011, v. 1.

MARTINS, LM., DUARTE, N., orgs. O debate contemporâneo das teorias pedagógicas. In: **Formação de professores: limites contemporâneos e alternativas necessárias** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

MARTINS, L.M.; ABRANTES, A.A.; DIAS FACCI, M.G. (Orgs). **Periodização Histórico-Cultural do Desenvolvimento Psíquico: do nascimento à velhice**. 2. ed. Coleção Educação Contemporânea – Campinas/SP: Autores Associados, 2020.

MARTINS, L.M. Os Fundamentos Psicológicos Da Pedagogia Histórico-Crítica e Os Fundamentos Pedagógicos Da Psicologia Histórico-Cultural. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 5, n. 2, p. 130-143, dez. 2013.

MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Lisboa: Edições 70, 1964.

PASCUAL, J.G. **Autonomia intelectual e moral como finalidade da educação contemporânea**. Psicologia Ciência e Profissão 19, 1999, p.2-11.

PELAES, M.L.W. Uma reflexão sobre o conceito de criatividade e o ensino de arte no ambiente escolar. **Revista Educação**, v.(5), n. (1), 2010. Disponível em: [[https://anpae.org.br/iberoamericano2016/publicacao/cntnt/artigos/eixo\\_5/E5\\_A01.html](https://anpae.org.br/iberoamericano2016/publicacao/cntnt/artigos/eixo_5/E5_A01.html)]. Acesso em: 03 jul. 2021.

PEREIRA, M.S.N. Uma leitura histórico-cultural dos processos criativos: as contribuições de Vygotsky e a psicologia soviética. In: Virgolin, A.M.R. (org.). **Talento criativo**. Expressão em múltiplos contextos. Brasília: Editora UnB.

SACCOMANI, M.C.S. **A criatividade na arte e na educação escolar: uma contribuição à pedagogia histórico crítica à luz de Georg Lukács e Lev Vigotski**. Campinas - SP: Autores Associados, 2014.

SAVIANI, D. Entrevista com o professor Dermeval Saviani: Pedagogia Histórico-Crítica na atualidade. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 16, n. 2, p. 4-12, abr/jun 2019.

SAVIANI, D. Pedagogia Histórico Crítica. **Revista RBBA**, Vitória da Conquista v. 3 nº 02 p. 11 a 36 Dezembro/2014.

SAVIANI, D., DUARTE, N. **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2012.

SCHUHLLI, V.M. **A dimensão formativa da arte no processo de constituição da individualidade para-si: a catarse como categoria psicológica mediadora segundo Vigotski e Lukács**. 2011. Dissertação de Mestrado. Curitiba, UFPR.

SILVA, E.M.A. e ARAÚJO, C.M de. Tendências e Concepções do Ensino de Arte na Educação Escolar Brasileira: um estudo a partir da trajetória histórica e sócio-epistemológica da arte/educação. **Anais da 30ª Reunião anual da ANPEd**. Caxambu/MG, 2007.

SOUZA, B.C.C. **Criatividade: a engenharia cognitiva da inovação**. Brasília: Instituto Modal de Ciência, Tecnologia e Inovação, 2019.

SUN, H.T. **Pedagogia histórico-crítica, conteúdos clássicos e o ensino de ecologia na educação básica**. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Bauru-SP, 2020.

VIGOTSKI, L.S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico livro para professores**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

## APÊNDICE 1

### QUESTIONÁRIO:

O presente questionário faz parte da pesquisa de Caroline Helena Zimmermann Cardoso Do programa de Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), tendo como objeto investigar quais as concepções epistemológicas de criatividade que permeiam o fazer pedagógico dos professores de arte da rede municipal de Joinville-SC.

#### Dados pessoais

Nome:

Idade:

Formação (curso, ano e instituição):

Área de atuação: Fundamental 1 ( )      Fundamental 2 ( )

Escola rural ( )      Escola em zona urbana ( )

Carga horária semanal:

Efetivo ( )      Contratado ( )

#### Questionário:

- 1- O que é criatividade para você?
- 2 - Quais artistas são suas principais referências estéticas para a elaboração do seu plano de ensino?
- 3- Quais teóricos do ensino de arte embasam o seu fazer pedagógico?
- 4- No seu ponto de vista, quais os quesitos necessários em um plano de aula cujo objetivo seja o desenvolvimento da criatividade?
- 5- Descreva uma atividade que aplicou em sala de aula que, em sua opinião, produziu resultados positivos no desenvolvimento da criatividade de seus alunos.
- 6- Você considera o desenvolvimento da criatividade de seus alunos quando planeja suas aulas? Como você aborda isso?
- 7- Que características uma atividade deveria ter para fomentar o potencial criativo dos alunos?
- 8- Quantas horas-atividades você tem em sua carga horária semanal?
- 9- Desse tempo de horas-atividades semanais, quantas horas você despense em

preenchimento de questões burocráticas e quanto tempo das suas horas-atividades semanais restam para elaboração do planejamento e pesquisa de conteúdos a serem trabalhados em aula?

10- Diante da sua realidade, você acredita que o tempo disponível em sua carga horária semanal é suficiente para elaborar um plano de aula que favoreça o desenvolvimento intelectual dos alunos? Justifique.

11- Assinale, nos tópicos abaixo, três itens que você considera primordiais no estímulo da criatividade dos alunos:

- g) Se o professor aprofundar os conceitos através de diferentes imagens, contexto social e referências variadas vai proporcionar mais possibilidade de produções criativas entre os alunos.
- h) Estimular o talento e aptidão de cada aluno de forma individual, levando em conta que alguns são mais ou menos criativos do que outros, auxilia a desenvolver o potencial criativo dos alunos.
- i) A combinação de estudo, leitura e exercícios proporciona o estímulo para o desenvolvimento da criatividade.
- j) As crianças são criativas por natureza, ao professor cabe apenas trazer o maior número de atividades variadas e lúdicas para que elas se desenvolvam e desabrochem em seu potencial criador.
- k) A imaginação infantil é mais rica do que a dos adultos, pois as crianças possuem um potencial criador bem desenvolvido que pode ser tolhido se o professor intervir com atividades muito direcionadas.
- l) Existe trabalho e amadurecimento no processo de desenvolvimento da criatividade. O professor pode auxiliar este processo com um plano de aula rico em conceitos, imagens e conteúdos historicamente elaborados pela humanidade.